

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Ricardo Campos Castro

Morfossintaxe Tenetehára
(Tupí-Guaraní)

Belo Horizonte
2017

RICARDO CAMPOS CASTRO

Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guaraní)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística teórica e descritiva.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de pesquisa: (1G) Gramática de Línguas Indígenas

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017



FOLHA DE APROVAÇÃO


Morfossintaxe Tenetehára (tupí-guarani)

RICARDO CAMPOS DE CASTRO

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Gramáticas de Línguas Indígenas.

Aprovada em 09 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Fabio Bonfim Duarte - Orientador
UFMG


Prof(a). Jaqueline dos Santos Peixoto
UFRJ


Prof(a). Ana Suelly Arruda Camara Cabral
UNB


Prof(a). Carlo Sandro Campos
UFMG


Prof(a). Nasle Maria Cabana
Facisa

Belo Horizonte, 9 de fevereiro de 2017.

CASTRO, Ricardo Campos.
**MORFOSSINTAXE
TENETEHÁRA (TUPI-
GUARANÍ).** Tese
apresentada como requisito
parcial para a obtenção do
título de Doutor em
Linguística, da Universidade
Federal de Minas Gerais,
UFMG, área de
concentração: Linguística
Teórica e Descritiva. Linha
de pesquisa: G – Gramática
de Línguas Indígenas,
realizada no 1º semestre de
2017.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Fábio Bonfim Duarte
Orientador e presidente da banca de avaliação

Professora Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Professora Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto

Professor Dr. Carlo Sandro de Oliveira Campos

Professora Dra. Nasle Maria Cabana

SUPLENTE

Professora Dra. Maria José de Oliveira

Professor Dra. Marci Fileti Martins

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido vida e força para alcançar os objetivos.

Ao meu orientador, o Professor Fábio Bonfim Duarte, pela paciência, pela amizade, pela partilha, por me apresentar um novo mundo – o da linguística aplicada às línguas indígenas e pelas críticas e sugestões muito oportunas sem as quais esta Tese não teria sido concluída.

Ao professor Carl Harrison, por compartilhar comigo dados preciosos e por sua amizade constante.

Aos meus informantes, Cíntia Guajajara, Raimundo Guajajara, Pedro Paulino Guajajara, Jó Lima Guajajara e Jonas Guajajara.

A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.

Aos meus colegas da Pós-Graduação que comigo compartilharam os momentos difíceis de maneira solidária e fraterna. Sobretudo à Maria José de Oliveira, Nasle Maria Cabana Peixoto, Guilherme Lourenço de Souza, Bárbara Rocha, Ronaldo Rodrigues de Paula, Christiane Miranda Buthers e Mário Alexandre Garcia Lopes.

Ao amigo de sempre Francisco de Assis Bernardes Melo, por me mostrar que amizade nem sempre é presença física, mas também de alma.

Ao Quesler Fagundes Camargos, que tem sido um grande parceiro de estudos em Tenetehára, agradeço a amizade e o companheirismo. Esta parceria, na verdade, ultrapassa a linguística.

À Mônica Marçal, Aline Miranda e Amanda Alves pela convivência durante quatro meses em Maputo – Mocambique. Saudades deste tempo.

Às professoras Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Jaqueline dos Santos, Nasle Maria Cabana Peixoto, Maria José de Oliveira, Marci Fileti Martins e ao professor Carlo Sandro de Oliveira Campos: tive a honra de contar com suas presenças e seus olhares repletos de conhecimento e partilha durante a defesa.

À Raimunda Passos Almeida, professora contratada da Fundação Nacional do Índio (FUNAI - Imperatriz - Maranhão).

À Fernanda Reiff, que permitiu que eu continuasse seu trabalho acerca de posições. Isto gerou o capítulo 7 desta Tese. Há vida em sementes.

À Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida.

Aos meus pais José Maria de Castro e Maria Aparecida Campos de Castro, que investiram tempo e paciência em minha formação.

Aos irmãos Sergio Campos de Castro e Roseane Campos de Castro Machado.

À Juliana Gervason, aquela que tem crescido em importância em minha vida. De colega à amiga, de amiga à namorada, de namorada à noiva. Que possamos seguir em frente.

A Valdivino José Mariano, com quem aprendo, continuamente, que para ser sábio é melhor ouvir do que padecer.

Ao Theo, que sempre me mostra o lado alegre da vida.

pe-n-emi-apo *kwer i-katu-ahy* *ihe-we*
2PL-C-NOML-fazer PASS 3-bom-ENF eu-para
“Foi muito bom o que vocês fizeram para mim”
“Obrigado”

He will be the sure foundation for your times;
A rich store of salvation, and wisdom, and knowledge;
The fear of the Lord is the key to this treasure.

Isaiah 33:6

Ele será o fundamento certo para o seu tempo;
A abundância de salvação, sabedoria e conhecimento;
O temor do Senhor é a chave para este tesouro.

Isaías 33:6

A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que como escritor devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanha de cinzas.
João Guimarães Rosa

Resumo

Esta tese de doutorado tem por objetivo apresentar uma análise teórica e descritiva de fenômenos morfossintáticos da língua Tenetehára. Primeiramente, mostrarei que construções transitivas podem apresentar o objeto direto incorporado à raiz verbal. Ao final desse processo, forma-se uma configuração sintática cuja natureza é equivalente a uma estrutura intransitiva inergativa, visto que o núcleo do objeto se move para posição de núcleo da raiz verbal a partir de uma posição argumental. Todavia, nas construções de alçamento do possuidor, apenas parte do objeto se move, a saber: o NP possuído se incorpora ao núcleo do *v*P. O resultado desse processo não altera a estrutura transitiva inicial. Ou seja, nas construções de alçamento do possuidor, não existe diminuição de valência, apesar de haver incorporação. Mais um objetivo deste trabalho é mostrar que a língua Tenetehára apresenta dois morfemas causativos, a saber: (i) o morfema {*mu-*}, que causativiza verbos inacusativos e inergativos, introduzindo uma causação direta; e (ii) o morfema {-*kar*}, cuja função é causativizar verbos transitivos, introduzindo uma causação indireta, como propõe Camargos (2013). Além desses morfemas, examinarei ainda a natureza gramatical do morfema {*ze-*}, o qual é responsável pelas vozes reflexiva, recíproca e anticausativa. Adicionalmente, analisarei as propriedades morfossintáticas e semânticas da coocorrência do prefixo {*ze-*} com os morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*}. Diante disso, investigo como se dá o mecanismo de retomada anafórica; analiso a ordem linear em que estes afixos ocorrem, verifico de que forma a semântica da dinâmica das forças perceptíveis no evento é sensível às derivações pertinentes e, por fim, examino sobre qual argumento recai a dinâmica do impacto das forças no evento em um verbo inacusativo/descritivo, por exemplo. Outra finalidade desta tese é a análise do sufixo {-*har*} em Tenetehára. O que se observa é que este afixo, além de criar nominalizações agentivas, pode derivar nominalizações de circunstância. Por isso, estabeleci uma correlação do nominalizador {-*har*} observado na língua Tenetehára com o mesmo nominalizador registrado em outras três línguas da família Tupí-Guaraní, a saber: o Asurini do Xingu, o Kamaiurá e o Parakanã. A partir de uma análise comparativa, demonstro que nestas línguas figuram um morfema nominalizador de agente e outro de nominalizador de circunstância. Como corolário dessa intuição, pode-se assumir que, em Tenetehára, o morfema {-*har*} cobre duas funções as quais em outras línguas Tupí-Guaraní são codificadas por dois sufixos nominalizadores distintos. Outro fenômeno gramatical analisado neste trabalho refere-se à derivação de sintagmas posposicionais em Tenetehára. Em relação à classificação das posposições, proponho que as adposições em Tenetehára podem ser classificadas em lexicais, funcionais e híbridas. Ademais, investigo como, em construções

antipassivas e causativas indiretas, as posposições *ehe* “em” e *pe* “por” podem ser agrupadas de acordo com esta classificação. Minha proposta é que tais posposições são híbridas nestes contextos, mas em outros podem ser também tanto lexicais como funcionais. Por fim, evidenciarei que os verbos transitivos, ao receberem o morfema antipassivo {*puru-*}, apresentam propriedades gramaticais que são típicas de construções antipassivas. Isto porque passam a exibir propriedades translinguísticas deste tipo de construção.

Palavras-chave: Família Tupí-Guaraní, Língua Tenetehára, Incorporação, Causativos, Reflexivos, Nominalização, Posposição, Antipassivas.

Abstract

This thesis aims to present a theoretical and descriptive analysis of morphosyntactic phenomena of the Tenetehára language. First, I will show that verbal transitive structures can present the direct object incorporated in the verbal root. At the end of this process, a syntactic configuration is formed whose nature is equivalent to an intransitive intransitive structure, since the head of the object moves to the verbal root head position from a argumental position. However, in the possessor's raising structures, only part of the object moves, namely: the NP possessed is incorporated into the *vP* head. The result of this process does not change the initial transitive structure. That is to say, in the constructions of possessor raising, there is no decrease of valence, although there is incorporation. Another objective of this work is to show that the Tenetehára language presents two causative morphemes, namely: (i) the morpheme {*mu-*}, which causativize unergative and unaccusative verbs, introducing a direct causation; and (ii) the morpheme {-*kar*}, whose function is to causativize transitive verbs, introducing an indirect causation, in terms of Camargos (2013). In addition to these morphemes, I will also examine the grammatical nature of the morpheme {*ze-*}, which is responsible for the reflexive, reciprocal, and anti-causative voices. In addition, I will analyze the morphosyntactic and semantic properties of the competition of the prefix {*ze-*} with the causative morphemes {*mu-*} and {-*kar*}. Faced with this, I investigate how the anaphoric resumption mechanism; I analyze the linear order in which these affixes occur, I verify in what way a semantics of the dynamics of the perceivable forces in the event is sensitive to pertinent derivations and, finally, I examine what argument is the dynamics of the impact of forces on the event in an unaccusative/descriptive verb, for example. Another purpose of this thesis is an analysis of the suffix {-*har*} in Tenetehára. What is observed is that this affix, besides creating agentive nominalizations, can derive circumstantial nominalizations. Therefore, I established a correlation of the nominalizer (-*har*) observed in the Tenetehára language with the same nominalizer registered in three other languages of the Tupí-Guaraní family, namely: the Xingu Asurini, the Kamaiurá and the Parakanã. From a comparative analysis, they show that in these languages they are morpheme nominalizer of agent and another of nominalizer of circumstance. As a corollary of this intuition, one can assume that in Tenetehára, the morpheme {-*har*} covers two functions which in other Tupí-Guaraní languages are codified by two distinct nominalizing suffixes. Another grammatical phenomenon analyzed in this work refers to the derivation of postpositional phrases in Tenetehára. Regarding the classification of the postpositions, I propose that the additions in Tenetehára can be classified in lexical, functional and hybrid. In addition, I investigate how, in antipassives and

indirect causative structures, the postpositions *ehe* “in” and *pe* “by” can be grouped according to this classification. My proposal is that such postpositions are hybrid in these contexts, but in others they may be both lexical and functional. Finally, I will show that transitive verbs, when given the antipassive morpheme (*puru-*), have grammatical properties that are typical of antipassive constructs. This is because they start to display cross-linguistic properties of this type of construction.

Keywords: Tupí-Guarani Family, Tenetehára Language, Incorporation, Causative, Reflective, Nominalization, Postposition, Antipassives.

Lista de abreviaturas e convenções

= fronteira de clítico

ABS: sistema absolutivo (segundo paradigma de concordância em Tenetehára)

NOM: sistema nominativo (primeiro paradigma de concordância em Tenetehára)

A: sujeito de verbo transitivo

ABS: Caso absolutivo

AC: morfema de voz anticausativa

ASP: aspecto

APASS: morfema de voz antipassiva

APROB: aprobativo

APPL: morfema aplicativo

ARG: argumento

AUX: auxiliar

C: prefixo que marca a adjacência do complemento

CAUS: morfema causativo

CIRC: modo circunstancial

CORR: prefixo correferencial {*w-* ~ *o-* ~ *u-*}

DESID: desiderativo (“querer” e “desejar”)

DET: deteminante

DIM: diminutivo

ERG: Caso ergativo

FUT: futuro

TRANS: transitivo

INTRANS: intransitivo

INTS: morfema de aspecto intenso

INSTT: instativo

LOC: Caso locativo

M: masculino

MAS: falante de sexo masculino

N: neutro

NA: nominalizador de argumento nuclear

NC: prefixo que marca não adjacência ao complemento

NEG: morfema de negação

NOM: Caso nominativo

NOML: nominalizador

NP: nome não possível

NPR: nome próprio

O: objeto

OBL: oblíquo

PAST: passado

PERF: aspecto perfectivo

PL: plural

POSS: possessivo
PSP: posposição
PRE: prefixo
PREP: preposição
PROP: nominalizador de propensão
REC: morfema de voz recíproca
RED: reduplicação
REL: prefixo relacional
REFL: morfema de voz reflexiva
Sa: sujeito de verbo inergativo
So: sujeito de verbo inacusativo/descritivo
SS: Sujeito Singular
SG: singular
SUF: sufixo
TL: translocativo
1: primeira pessoa
2: segunda pessoa
3: terceira pessoa

Lista de quadros

QUADRO 1 – Primeiro paradigma de concordância:.....	35
QUADRO 2 – Segundo paradigma de concordância.....	36
QUADRO 3 – Morfemas causativos e recíprocos. Tenetehára e Kamaiurá.....	96
QUADRO 4 – Ordem linear dos afixos - 1	105
QUADRO 5 – Ordem linear dos afixos - 2	105
QUADRO 6 – Nominalizadores de circunstância e agente	130
QUADRO 7 – Segundo paradigma de concordância.....	160
QUADRO 8 – Legenda – traços	146
QUADRO 9 – Topicalidade relativa do agente e do paciente	169

Lista de tabelas

Tabela 1 – Sub-ramos da família Tupí-Guaraní.....**30**

Tabela 2 – Segmentos consonantais.....**31**

Tabela 3 – Segmentos vocálicos**32**

Sumário

Introdução	17
Capítulo 1 - O povo Tenetehára - sua história sua língua	26
1.1 Considerações e um pouco da história dos Tenetehára	26
1.2 Tronco, família e sub-ramo	28
1.3 Considerações sobre a fonologia e a ortografia	32
1.4 Resumo do capítulo	35
Capítulo 2 - Caso e concordância	35
2.1 Sistema de concordância em Tenetehára.....	36
2.2 Cisões no sistema de Caso em Tenetehára.....	37
2.2.1 Cisão condicionada pela natureza semântica do DP	37
2.2.2 Cisão condicionada pela natureza semântica do verbo	39
2.2.3 Cisão condicionada pelo estatuto gramatical das orações	41
2.3 Resumo do capítulo	43
Capítulo 3 - Incorporação e alçamento de objetos.....	44
3.1 O fenômeno da Inergatividade - Hale e Keyser (1993, 2002)	49
3.2 Incorporação – Baker (1988)	54
3.3 Incorporação e o fenômeno da inergatividade em Tenetehára.....	58
3.4 Escopo do reflexivo {-ze}	62
3.5 Dois padrões de incorporação	67
3.5.1 Incorporação com.....	67
3.5.2 Incorporação sem diminuição de valência.....	69
3.6 Resumo do capítulo.....	76
Capítulo 4 - Estruturas causativas	77
4.1 Processo de causativização	79
4.2 Causação direta e indireta	84
4.3 Resumo do capítulo.....	89
Capítulo 5 - Estruturas reflexivas, recíprocas e anticausativas	90
5.1 Voz reflexiva.....	91
5.2 Voz recíproca	93
5.3 Voz anticausativa	95

5.4 Coocorrência dos morfemas causativos e reflexivos	98
5.5 Resumo do capítulo.....	105
Capítulo 6 - Nominalizações de agente e circunstância	107
6.1 Apresentação dos dados	108
6.1.1 Sufixo nominalizador {-har}	109
6.2 Comparação com outras línguas Tupí-Guaraní.....	121
6.2.1 Kamaiurá	122
6.2.2 Assurini do Xingu	124
6.2.3 Parakanã	125
6.3 Tempo nominal nas construções nominalizadas	129
6.4 Negação nominal nas construções nominalizadas	133
6.5 Resumo do capítulo.....	134
Capítulo 7 - A natureza das posposições em tenetehára	136
7.1 Ordem de constituintes e concordância.....	138
7.2 Checagem de traços.....	141
7.3 Hipóteses e análises dos dados.....	145
7.4 Acionamento da morfologia relacional	148
7.5 Preposições funcionais, lexicais e <i>walfway</i>	151
7.6 As posposições <i>ehe</i> e <i>pe</i> – antipassivas e causativas indiretas.....	154
7.6.1 As construções antipassivas e a posposição <i>ehe</i>	154
7.6.2 As construções causativas indiretas e posposição <i>pe</i>	156
7.6.3 As posposições <i>ehe</i> e <i>pe</i> em outros contextos.....	157
7.7 Resumo do capítulo.....	159
Capítulo 8 - Estruturas Antipassivas	161
8.1 A voz antipassiva e as línguas naturais	164
8.2 Realização da antipassiva em Tenetehára	173
8.3 Proposta teórica.....	185
8.3.1 Verbos transitivos	185
8.3.2 Verbos Antipassivos	186
8.4 Resumo do capítulo.....	190
Considerações finais.....	192
Referências.....	197

Introdução

Esta tese de doutorado tem por objetivo apresentar uma análise teórica e descritiva de fenômenos morfossintáticos da língua Tenetehára. Primeiramente, mostrarei que os verbos transitivos, ao receberem o morfema antipassivo {*puru-*}, apresentam propriedades gramaticais que são típicas de construções antipassivas. Isto porque passam a apresentar propriedades presentes nas demais línguas naturais. Outra finalidade deste trabalho é oferecer uma análise descritiva das estruturas causativas, recíprocas e anticausativas na língua Tenetehára. Adicionalmente, esta tese demonstra que em Tenetehára existem, no mínimo, dois subtipos de incorporação nominal, são eles: um que diminui o número de argumentos de verbos transitivos e outro em que o verbo transitivo mantém inalterada sua valência verbal. Este último subtipo, segundo a literatura pertinente, recebe quatro demoninações sinônimas, a saber: alçamento de possuidor, ascensão do possuidor, *possessor raising* ou ainda *possessor stranding*. Outra finalidade deste trabalho é a análise do sufixo {-*har*} em Tenetehára. O que se observa é que, na realidade, existem dois morfemas homófonos em Tenetehára, quais sejam: o nominalizador de agente e o nominalizador de circunstância. Finalmente, investigo o comportamento das posposições na língua Tenetehára. Tomando por base a teoria de checagem (cf.

CHOMSKY, 1995), assumi que a construção de sintagmas posposicionais na língua Tenetehára possui um traço [EPP] o qual obriga o complemento a se mover, em sintaxe visível, para checar Caso oblíquo em Spec de PP. A concordância entre o DP movido e o núcleo P^0 é evidenciada pelo acionamento dos prefixos relacionais no núcleo do sintagma posposicional. Ainda no que se refere às adposições, proponho que se dividem em três subclasses, a saber: lexicais, funcionais e híbridas. Destarte, pesquisei as construções antipassivas e causativas indiretas com o intuito de classificar as posposições *ehe* “em” e *pe* “por” dentro da divisão mencionada. A proposta é que tais posposições serão híbridas em contextos de antipassivas e de causativas indiretas, mas em outros ambientes gramaticais podem ser também lexicais ou funcionais.

Esta tese justifica-se porque pretende contribuir com a ampliação da documentação linguística da língua Tenetehára, uma vez que o foco de investigação serão as estruturas morfossintáticas desta língua. Além disso, esta área da gramática da língua Tenetehára ainda carece de pesquisas mais detalhadas e mais abrangentes.

Assim sendo, esta tese pretende trazer novas contribuições para um conhecimento mais aprimorado de aspectos da morfossintaxe da língua Tenetehára. Adicionalmente, penso que a documentação e a descrição de línguas indígenas brasileiras são muito importantes, tendo em vista que muitas dessas línguas apresentam propriedades raras e até mesmo únicas.

Por exemplo, conforme Rodrigues (1999, p. 1-7), na língua Paitér-Suruí de Rondônia (família Mondé) existe um fenômeno verificado somente nesta língua até o momento, a saber: a ocorrência de uma consoante fricativa lateral surda interdental /L/ (e não alveolar, como a que tem sido descrita para muitas outras línguas). A língua Maxakalí, que pertence à família linguística também chamada Maxakali, em Minas Gerais, é a única no mundo que possui variantes vocálicas para todas as suas consoantes. Dentre outros fenômenos gramaticais únicos ou incomuns, posso ainda citar a incorporação de posposições no sintagma verbal em Panará, da família Jê. Outra propriedade gramatical incomum encontrada nas línguas brasileiras é que, na língua Tupinambá (Tupí-Guaraní), existem três pronomes de primeira pessoa do plural, um exclusivo e dois inclusivos. O pronome exclusivo exclui o ouvinte e os dois pronomes inclusivos incluem o ouvinte. Segundo Rodrigues (1999), existem alguns supostos princípios universais que foram desfeitos por meio dos estudos científicos de línguas indígenas brasileiras. Por exemplo, pensava-se até muito pouco tempo que não existiam línguas que possuíssem orações transitivas em que [OSV] fosse a ordem básica. Todavia, esta ordem foi encontrada na língua Hixkaryána, da família Karíb, no rio Nhamundá no Amazonas (DERBYSHIRE, 1977). Desta forma, foi comprovado que aquele suposto universal não refletia a verdade dos fatos. Outro fenômeno raro, o qual será um dos focos de investigação neste trabalho, é o das estruturas antipassivas. A confirmação

de que tais estruturas ocorrem em Tenetehára é muito importante, pois alguns autores, tais como Silverstein (1976), Dixon (1979), Spencer (1991), entre outros, argumentam que existe um mapeamento biunívoco da seguinte maneira: as línguas acusativas apresentam a voz passiva, enquanto as línguas ergativas exibem a voz antipassiva. Já trabalhos como os de Heath (1976), Postal (1977), Davies (1984), Givón (1984), Lazard (1989), Lidz (1996), Lacadema (2000), Bligh (2004), entre outros, defendem a hipótese, segundo a qual não só as línguas ergativas oferecem estruturas antipassivas, mas também as acusativas exibem uma construção sintática que corresponde às estruturas antipassivas. Esta última hipótese é sustentada pela análise de vários fenômenos realizados pela voz antipassiva nas línguas naturais. Nessa linha de investigação, de acordo com Duarte (2007), a língua Tenetehára pode ser agrupada no conjunto de línguas que exhibe um padrão híbrido de codificação argumental, a saber: o sistema nominativo/absolutivo, mais conhecido pela literatura pertinente como ergatividade cindida. Dessa forma, esta língua não é uma língua ergativa “pura” nos termos de Dixon (1979), por exemplo. Por fim, o fato de essa língua exhibir construções antipassivas poderá contribuir para corroborar a assunção segundo a qual não só as línguas puramente ergativas têm a capacidade de exhibir construções antipassivas, mas também as línguas acusativas, como é o caso do Tenetehára.

A presente tese está organizada em oito capítulos. No capítulo 1, apresento algumas considerações sobre o povo, a língua, o tronco linguístico, a família e o sub-ramo do qual o Tenetehára faz parte. Também retomo, neste capítulo, um pouco da história dos indígenas Tenetehára e seu sistema sonoro.

No capítulo 2, discuto os sistemas de concordância e a cisão do sistema de caso na língua Tenetehára. Mostro que a língua exibe cisão de sistema de Caso condicionada por três fatores, a saber: (i) natureza semântica do DP, (ii) natureza semântica do verbo e (iii) estatuto gramatical das orações, se a oração é principal ou subordinada.

No capítulo 3, o principal objetivo é analisar construções transitivas que apresentam o objeto direto incorporado à raiz verbal. Neste capítulo faço uma breve retomada das propostas teóricas desenvolvidas por Hale e Keyser (1993, 2002) e por Baker (1988). Partindo destes autores, demonstrarei contextos de incorporação do objeto à raiz verbal transitiva na língua Tenetehára. Adicionalmente, proporei que, em contextos de incorporação nominal, o reflexivo {ze-} sinaliza que o objeto incorporado deve possuir o traço semântico [+INALIENÁVEL]. Finalmente, evidenciarei que nesta língua existem dois padrões de incorporação, um em que há diminuição de valência e outro em que não há diminuição de valência.

No capítulo 4, o objetivo é oferecer uma investigação descritiva das estruturas causativas na língua em estudo. Acompanhando as análises de

Castro (2007), Duarte & Castro (2010), Camargos (2013) e Castro & Camargos (2015), mostrarei que esta língua apresenta dois morfemas causativos, a saber: (i) o morfema {*mu-*}, que causativiza verbos inacusativos e inergativos, introduzindo uma causação direta; e (ii) o morfema {-*kar*} cuja função é causativizar verbos transitivos, introduzindo uma causação indireta, conforme Camargos (2013).

No capítulo 5, o propósito será mostrar que em Tenetehára as construções que vêm marcadas por meio do morfema {-*ze*} podem ser classificadas como reflexivas, recíprocas ou anticausativas. Em termos descritivos, este morfema afixa-se apenas a verbos transitivos. Além disso, outro objetivo é analisar as propriedades morfossintáticas e semânticas da coocorrência do prefixo {*ze-*} com os morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*}. Ademais, o capítulo tem como intuito verificar como se dá o mecanismo de retomada anafórica, propor a ordem linear em que tais afixos ocorrem, averiguar de que forma a semântica da dinâmica das forças perceptíveis no evento é sensível às derivações pertinentes e, por fim, investigar sobre qual argumento recai a dinâmica do impacto das forças no evento em um verbo inacusativo/descritivo, por exemplo.

No capítulo 6, analisarei as propriedades morfossintáticas do sufixo nominalizador {-*har*} na gramática da língua Tenetehára. O que se observa é que é este nominalizador cria nomes a partir de verbos transitivos, advérbios e posposições. Assim, constata-se-se que os predicados, os quais

são nominalizados com o sufixo {-har}, comportam-se como os demais sintagmas nominais na língua, uma vez que podem exercer as funções sintáticas de sujeito, objeto e adjuntos. Ainda neste mesmo capítulo, irei desenvolver uma comparação entre o nominalizador {-har} observado na língua Tenetehára com este mesmo nominalizador em outras três línguas da família Tupí-Guaraní, são elas: o Asurini do Xingu (Ramo V), o Kamaiurá (Ramo VII) e o Parakanã (Ramo IV). Em suma, a análise efetuada a partir das três línguas citadas demonstra que nas mesmas figuram um morfema nominalizador de agente e outro de circunstância. Como corolário dessa intuição, pode-se assumir que o morfema {-har}, em Tenetehára, na verdade, é formado por duas unidades gramaticais homônimas, a saber: o nominalizador de agente e o nominalizador de circunstância.

No capítulo 7, investigarei o comportamento das posposições na língua Tenetehára. Tomando por base a teoria de checagem (cf. Chomsky, 1995), assumirei que o núcleo do sintagma posposicional P^o na língua Tenetehára possui um traço-EPP forte, o qual obriga o complemento a se mover, em sintaxe visível, para checar Caso oblíquo em Spec de FP. A concordância entre o DP movido e o núcleo P^o é evidenciada pelo acionamento dos prefixos relacionais no núcleo do sintagma posposicional. Ainda no que se refere às posposições, vou propor a divisão tripartite das adposições em lexicais, funcionais e híbridas. Destarte, pesquisarei as construções antipassivas e causativas indiretas com o intuito de classificar

as posposições *ehe* “em” e *pe* “por” dentro da divisão mencionada. O argumento desenvolvido no capítulo defende que tais posposições são híbridas em contextos de antipassivas e de causativas indiretas, mas em outros contextos gramaticais podem ser também tanto lexicais como funcionais.

Finalmente, no capítulo 8, objetivo investigar as construções antipassivas na língua Tenetehára. Fundamentado em tal análise, pretendo possível demonstrar que, em Tenetehára, predicados transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, passam a exibir propriedades gramaticais idiossincráticas típicas de construções antipassivas. Assim, poderei comprovar que a língua Tenetehára possui, de fato, estruturas com as características de antipassivas. Em uma perspectiva teórica, vou propor que o núcleo T^o possui um traço de Caso nominativo que será atribuído ao argumento externo em verbos transitivos ativos. Já o núcleo v^o possui um traço Caso Absolutivo o qual irá valorar seu argumento interno.

Proponho ainda que nas construções antipassivas o núcleo encaixado v^o é defectivo para o traço de Caso Absolutivo. Portanto, este núcleo é incapaz de valorar o Caso abstrato do DP argumento interno. Por este motivo, o objeto é então dependente da posposição *ehe* para receber Caso oblíquo inerente. Além disso, o núcleo v^o da oração principal irá valorar o traço de Caso absoluto do DP argumento externo como um efeito de transparência. Dessa forma, como o núcleo v^o encaixado incorpora-se ao

núcleo v^o da oração principal, é este que projeta o núcleo v^o da oração como um todo o qual irá atribuir Caso absolutivo para o argumento externo do complexo verbal.

Sendo assim, a tese apresenta-se estruturada em oito capítulos, conclusão e referências. No capítulo subsequente, conforme delineado anteriormente, apresento um breve esboço a respeito da localização geográfica do povo indígena Guajajára e do tronco linguístico ao qual a língua Tenetehára pertence, para fins de contextualização e ordenação dos dados que fazem parte da gênese desta pesquisa.

Capítulo 1

O povo Tenetehára: sua história e sua língua

Neste capítulo, apresento um breve panorama em relação ao povo Tenetehára, incluindo quais indígenas falam esta língua, onde se localizam, em que Tronco, Família e Sub-ramo ela foi agrupada de acordo com Rodrigues (1984-1985) e seu sistema sonoro. O capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 1.1, teço considerações e um pouco da história dos Tenetehára. Na seção 1.2, apresento o Tronco, Família e Sub-ramo em que a língua Tenetehára foi agrupada. Na seção 1.3, o objetivo é descrever brevemente a fonologia e ortografia da língua. Começo com algumas considerações e dados sucintos acerca de sua história.

1.1 CONSIDERAÇÕES E UM POUCO DA HISTÓRIA DOS TENETEHÁRA

A língua Tenetehára é falada pelos indígenas Tembé e Guajajára cujas aldeias se situam no estado do Maranhão e no estado do Pará. Os indígenas que vivem no estado do Maranhão são chamados de Guajajára e os que se localizam às margens do rio Gurupi, no Pará, são identificados pelos não indígenas como Tembé. Os Guajajára distribuem-se à margem dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e seus afluentes. Os povos indígenas que vivem ao norte do Estado do Pará, conhecidos como Tembé, utilizam a

mesma língua e são provenientes dos Guajajáras que migraram a oeste durante fluxos migratórios, ocorridos nos séculos XVII e XVIII, em virtude de frentes de expansão levadas a cabo pelos colonos portugueses que adentravam a região nessa época.

Conforme Gomes (2002), no início do século XVII, quando os Tenetehára viviam na altura do curso médio do rio Pindaré, havia cerca de dez mil indígenas. Os portugueses, ao expulsarem os franceses do litoral, fizeram expedições no vale do Pindaré à procura de escravos. Devido a isso, a população Tenetehára caiu vertiginosamente. Em meados do século XVII, segundo estimativas de Gomes (2012), muitos ainda viviam em regime de escravidão, pois o trabalho era compulsório e mal remunerado. O regime de escravidão perdurou até o século XVIII, quando o governo de Pombal anulou o poder dos missionários, expulsou os jesuítas e transformou os aldeamentos maiores em vilas e os menores em lugares regidos por normas legislativas, que obedeciam a princípios dos núcleos urbanos portugueses.

Os Tenetehára que habitavam os cursos médio e alto do Pindaré e seus afluentes foram ignorados pelos colonos e passaram por um período de expansão e crescimento demográfico. Em virtude disso, expandiram-se para oeste, em direção ao Gurupi, para sul e sudeste do estado do Maranhão. Estabelecendo-se principalmente nos cursos altos dos rios Pindaré, Buriticupu, Zutiá, Grajaú e Mearim.

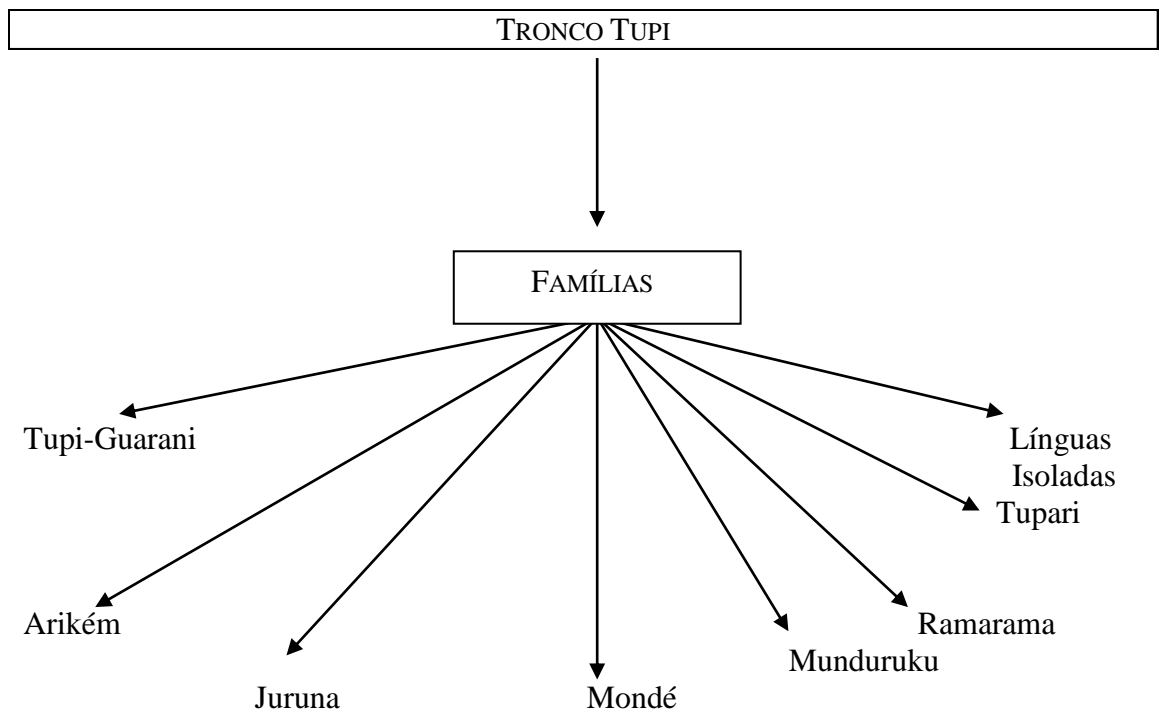
Em 1798, medidas retrógradas referentes à política indígena, como por exemplo, a permissão de escravidão temporária de indígenas, em certas regiões do Brasil, pareceu não afetar os Tenetehára. Estima-se que estes indígenas podem ter chegado a nove mil pessoas neste período. Esses indígenas eram livres, mas considerados inferiores. A partir de 1901, uma série de atitudes hostis instalou-se entre os Tenetehára e colonos, principalmente devido à má gestão da missão capuchinha de Alto Alegre, no Alto Mearim, apesar das suas contribuições com a instrução escolar e com as artes e ofícios. Estudiosos apontam muitas mortes de crianças e punições aos indígenas nessa época. Como consequência, foi desencadeado nesse período um levante que ficou conhecido como o “*Levante de Monte Alegre*” contra a missão capuchinha. Por cerca de 20 anos, atitudes de desconfiança reinaram entre os colonos e os Tenetehára. No ano de 1910, fora instalado na região o Serviço de Proteção aos Índios, antigo SPI, o qual foi extinto com a criação da FUNAI em 1967. Após esta breve apresentação geográfica e histórica, na próxima seção, tenho por objetivo apresentar o Tronco, a Família e o Sub-ramo em que o Tenetehára está classificado.

1.2 TRONCO, FAMÍLIA E SUB-RAMO

Conforme afirma Rodrigues (1984-1985), existem cerca de 180 línguas indígenas brasileiras. Neste conjunto, as diferenças e semelhanças

entre essas línguas revelam procedências comuns e variações advindas ao longo do tempo.

Na totalidade das línguas indígenas brasileiras, foram identificados até o presente momento dois grandes troncos linguísticos - o Tupí e o Macro-Jê - e 19 famílias linguísticas que não oferecem percentuais de afinidades que bastem para que se possa reuni-las em troncos. Como afirma Rodrigues (1985), Rodrigues & Cabral (2002) e Duarte (2007, p.21), a língua Tenetehára está inserida no tronco linguístico Tupí e pertence à família linguística Tupí-Guaraní, conforme o diagrama a seguir (cf. DUARTE, 2007, p. 21):



Segundo Rodrigues (1984-1985), as línguas da família Tupí-Guaraní dividem-se em oito subconjuntos, tal subdivisão leva em conta propriedades fonológicas em comum. Os sub-ramos são arrolados por meio da tabela seguinte.

TABELA 1

Sub-ramos da família Tupí-Guaraní

RAMO I	RAMO II	RAMO III	RAMO IV	RAMO V	RAMO VI	RAMO VII	RAMO VIII
Guarani Antigo	Guarayu	Tupinambá	Trocará	Kayabí	Parintintín	Kamaiurá	Takunyapé
Guarani Mbyá	Sirionó	Língua Geral Paulista	Assuriní	Xingu Assuriní	Tupi-Kawahíb		Emerrillon
Xetá	Jora (Bolívia)	Nheengatu (Língua Geral Amazônica)	Tapirapé	Araweté	Apiaká		Ka'apor
Nandeva			Ava Canoeiro				Wayampí
Kaiwá			Suruí				Amanayé
Guarani Paraguaio		Cocama	Parakanã				Anambé
Guayakí		Cocamilla	Guajajára				Turiwara
Tapieté		Omagua	Tembé				Guajá
Chiriguano (Guarani da Bolívia)							
Izoceño							

Fonte: Duarte, 2007, p. 22

Pode-se notar, pela tabela acima, que a língua Tenetehára (Guajajára e Tembé) pertence ao sub-ramo IV juntamente com o Assuriní, o Tapirapé, o Ava Canoeiro, o Suruí e o Parakanã. Na próxima seção, apresento o sistema sonoro da língua Tenetehára.

1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA E A ORTOGRAFIA

A língua Tenetehára possui 14 fonemas consonantais e 7 vocálicos, perfazendo um total de 21 fonemas. Além destes, existem segmentos em variação livre e em distribuição complementar. Observe as tabelas a seguir:

Tabela 2
Segmentos consonantais

		labiais	alveolares	velares	glotais
Oclusivas	simples	/p/	/t/	/k/	/ʔ/
	surdas	labializada		/kw/	
Africada			/tʃ/		
Fricativa			/z/		
					/h/
Flepe		/ɾ/			
Nasais	simples	/m/	/n/	/ŋ/	
	labializada			/ŋw/	
Aproximante		/w/			

Fonte: Bendor-Samuel, 1972, p. 6-8.

Tabela 3
Segmentos vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u
Média		ə	
Baixa	e	a	o

Fonte: Bendor-Samuel, 1972, p. 9.

Conforme Duarte (2007), a ortografia adotada nos estudos acerca da língua Tenetehára tem como intuito simplificar o trabalho de alfabetização praticado pelos indígenas, bem como facilitar a produção de textos de literatura oral. Utilizam-se, assim, os seguintes grafemas:

- (i) consoantes: p, t, k, ', m, n, g, gw, k, kw, z, x, h, r, w
- (ii) vogais: a, e, i, o, u, y, à

O som oclusivo alveolar /d/ apresenta um total de cinco alofones. Quatro deles estão em variação livre e um em distribuição complementar. Em distribuição complementar, temos o alofone [j], que só ocorre em adjacência à outra consoante ou em fronteira de palavra. Já em variação livre temos [z] ~ [ʒ] ~ [dʒ].

O fonema fricativo alveolar /s/ tem três realizações [s] ~ [ts] ~ [tʃ]. Os dois primeiros ocorrem em variação livre, já o alofone [tʃ], apenas diante da vogal anterior alta [i].

Os grafemas que se diferem dos símbolos fonológicos utilizados nas tabelas 2 e 3 citadas anteriormente, são os seguintes: os grafemas *g* e *gw* correspondem, respectivamente, ao fonema velar /ŋ/ e ao labiovelar /ŋw/; o grafema *z* representa o fonema oclusivo alveolar /d/ e suas variantes; o grafema /s/ fricativo alveolar refere-se ao fonema fricativo alveolar /s/ e todas as suas variantes. Por último, os grafemas vocálicos *y* e *à* equivalem, respectivamente, ao fonema vocálico central alto /ɨ/ e ao central médio /ə/. Na próxima seção, apresento o resumo do capítulo.

1.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo teci considerações e um pouco da história dos Tenetehára. Apresentei o Tronco, a Família e o Sub-ramo em que a língua Tenetehára foi agrupada. Descrevi brevemente acerca da fonologia e ortografia da língua. No próximo capítulo, descrevo os sistemas de concordância e a cisão do sistema de Caso na língua em análise.

Capítulo 2

Sistemas de concordância e cisão do sistema de Caso

Este capítulo tem por objetivo discorrer acerca dos sistemas de concordância e cisão do sistema de Caso na língua Tenetehára. O capítulo está organizado em três seções. Na seção 2.1, investigo de que forma se distinguem os DPs na função sintática de sujeito e de objeto. Como será visto, estas funções sintáticas são codificadas por meio do primeiro paradigma de concordância (para o sistema nominativo) e por meio do segundo paradigma de concordância (para o sistema absoluto) no verbo. Na seção 2.2, analiso as cisões no sistema de concordância em Tenetehára. Na língua Tenetehára, ocorre cisão de Caso condicionada pelos seguintes fatores: a cisão no sistema de Caso depende da natureza semântica do verbo, da natureza semântica do DP e estatuto da oração, se principal ou subordinada. Por fim, na seção 2.3, apresento o resumo do capítulo. Início com o sistema de concordância em Tenetehára

2.1 SISTEMA DE CONCORDÂNCIA EM TENETEHÁRA

De acordo com Duarte (2007) e Camargos (2011), assim como ocorre nas demais línguas da família linguística Tupí-Guaraní, os sintagmas nominais em Tenetehára não recebem desinências de Caso para distinguir os DPs na função sintática de sujeito e de objeto. Essas funções sintáticas são codificadas por meio do primeiro paradigma de concordância (para o sistema nominativo) e por meio do segundo paradigma de concordância (para o sistema absolutivo) no verbo. O primeiro paradigma compreende os prefixos de concordância (nominativo), ao passo que o segundo paradigma são os pronomes clíticos (absolutivo). Os prefixos relacionais {*r-* ~ *ø-*} e {*h-* ~ *i-*} coocorrem com os pronomes clíticos. Observe os quadros seguintes.

QUADRO 1
 pronomes independentes
 prefixos de concordância e pronomes clíticos

Pessoas	Pronomes independentes	Prefixos de concordância	Pronomes clíticos
Eu	ihe	a-	he
nós _{INCLUSIVO}	zane	xi- ~ za-	zane
nós _{EXCLUSIVO}	ure	uru- ~ oro-	ure
tu	ne	re-	ne
vós	pe	pe-	pe
ele	-	u- ~ o- ~ w-	-

FONTE: Duarte, 2007, p. 44

QUADRO 2
prefixos relacionais

Pessoas gramaticais	Raiz iniciada em consoante	Raiz iniciada em vogal	Traço distintivo
1 ^a /2 ^a	∅-	r-	[+PESSOA]
3 ^a	i-	h-	[-PESSOA]

FONTE: Camargos, 2010, p. 27

Os exemplos que serviram para ilustrar os paradigmas de concordância serão apresentados ao longo deste capítulo. Apresento, na seção seguinte, a cisão condicionada pela natureza semântica do DP.

2.2 CISÕES NO SISTEMA DE CONCORDÂNCIA EM TENETEHÁRA

Com base na tipologia proposta por Dixon (1979), Duarte (2007) mostra que, na língua Tenetehára, ocorre cisão de Caso condicionada pelos seguintes fatores: (i) natureza semântica do verbo; (ii) natureza semântica do DP; (iii) e, por fim, estatuto gramatical das orações (se principal ou subordinada). Início apresentando a cisão condicionada pela natureza semântica do DP.

2.2.1 CISÃO CONDICIONADA PELA NATUREZA SEMÂNTICA DO DP

De acordo com Rodrigues (1990) e Duarte (2005, 2007, 2012), a hierarquia de pessoa, acompanhando a intuição de Rodrigues (1990), pode ser explicada da seguinte maneira: a primeira pessoa é mais alta do que a segunda pessoa, a segunda pessoa é mais alta do que a terceira pessoa focal

e, por fim, a terceira pessoa focal é mais alta do que a terceira pessoa não focal. Formalizo a hierarquia da seguinte maneira: $1 > 2 > 3_{+FOC} > 3_{-FOC}$.

De acordo com Duarte (2007), devido à sensibilidade à hierarquia de pessoa, nos contextos em que o sujeito é mais alto do que o objeto na hierarquia de pessoa, o verbo aciona a série de prefixos do primeiro paradigma de concordância (nominativos) a fim de codificar o sujeito. Por sua vez, quando o objeto é mais alto na hierarquia de pessoa, o verbo aciona os prefixos do segundo paradigma de concordância (absolutivos) para codificar o seu objeto. Veja os exemplos seguintes:

- A = Sa¹**
- (1a) *a-exak* *zəwəruhu* *ihe*
1SG_{NOM}-ver onça eu
 “Eu vi a onça”
- (1b) *a-zən* *kaʔa* *ø-pe* *ihe*
1SG_{NOM}-correr mata C-para eu
 “Eu corri para a mata”
- O = So**
- (2a) *he=r-exak* *zəwəruhu* *aʔe*
1SG_{ABS}=C-ver onça ela
 “A onça me viu”
- (2b) *he=r-aku* *tata* *r-uwake* *ihe*
1SG_{ABS}=C-quente fogo C-perto eu
 “Eu fiquei quente perto do fogo”

¹ Nos termos de Dixon (1979), os Termos (A), (O), (Sa) e (So) referem-se, respectivamente, a sujeito de transitivos, objeto de transitivos, sujeito de inergativos e sujeito de descritivos.

Quando comparamos o sistema de codificação dos argumentos nos predicados transitivos e intransitivos acima, notamos que há um sistema híbrido de codificação dos argumentos. Em suma, o sujeito (A) de transitivos alinha-se com sujeito (Sa) de verbos inergativos, engatilhando no verbo o primeiro paradigma de concordância (sistema nominativo); por sua vez, o objeto (O) de transitivos alinha-se com o sujeito (So) de verbos inativos (=descritivo), engatilhando no verbo o segundo paradigma de concordância (sistema absolutivo). Na próxima subseção, o intuito é investigar a cisão condicionada pela natureza semântica do verbo.

2.2.2 CISÃO CONDICIONADA PELA NATUREZA SEMÂNTICA DO VERBO

Duarte (2007) mostra também que a língua Tenetehára possui cisão de Caso condicionada pela natureza do verbo. O sujeito (A) de verbo transitivo alinha-se com o sujeito (Sa) de verbo inergativo. Já o objeto (O) de predicado verbal transitivo nivela-se com o sujeito (So) de verbo inativo (= descritivo). Note os exemplos a seguir que ilustram este alinhamento.

- Sistema Nominativo (A = Sa)**
- (5a) *a-exak* *zəwəruhu* *ihe*
1SG_{NOM}-VER onça eu
 “Eu vi a onça”
- (5b) *ne-(e)xak* *zəwəruhu* *ne*
2SG_{NOM}-VER onça tu
 “Tu viste a onça”

- (5c) *w-exak* *zəwəruhu* *aʔe*
3SG_{NOM}-ver onça ele
 “Ele viu a onça”
- (6a) *a-wata* *ihe*
1SG_{NOM}-caminhar eu
 “Eu caminhei”
- (6b) *ne-wata* *ne*
2SG_{NOM}-caminhar tu
 “Tu caminhaste”
- (6c) *u-wata* *aʔe*
3SG_{NOM}-caminhar ele
 “Ele caminhou”

Como é possível notar, nos exemplos em (5), o verbo transitivo *exak* “ver” recebe a série de marcadores do primeiro paradigma, isso evidencia que o sujeito codifica o Caso nominativo. Em (6), o verbo inergativo *wata* “caminhar” aciona os mesmos marcadores nominativos, evidenciando que o sujeito codifica o Caso nominativo. Neste sentido, os exemplos em (5) e (6) revelam o alinhamento entre sujeito de transitivos (A) e sujeito de inergativos (Sa). Observe agora o alinhamento estabelecido entre O e So a seguir.

Sistema Absolutivo (O = So)

- (7a) *he=r-exak* *kuzə* *aʔe*
1SG_{ABS}=C-ver mulher ela
 “A mulher me viu”
- (7b) *ne=r-exak* *kuzə* *aʔe*
2SG_{ABS}=C-ver mulher ela
 “A mulher te viu”

(8a) *he=r-uriwete* *ihe*
1SG_{ABS}=C-alegre eu
 “Eu estou alegre”

(8b) *ne=r-uriwete* *ne*
2SG_{ABS}=C-alegre tu
 “Tu estás alegre”

Nos exemplos acima, observa-se o alinhamento entre o objeto (O) de verbos transitivos, como em (7), e o sujeito (So) de verbos inativos (= descritivo) (So), como em (8). Logo, nos exemplos de (5) a (8), vemos que (A) se alinha com (Sa), por um lado, enquanto que (O) se alinha com (So), por outro lado. Na próxima seção, apresento a cisão condicionada pelo estatuto gramatical das orações.

2.2.3 CISÃO CONDICIONADA PELO ESTATUTO GRAMATICAL DAS ORAÇÕES

Adicionalmente, Duarte (2007) argumenta que a língua Tenetehára possui cisão de Caso condicionada pelo estatuto gramatical da oração. Desta forma, nas orações principais, o sistema que emerge é o do primeiro paradigma – nos contextos em que o sujeito é mais alto na hierarquia de pessoa. Já nas orações encaixadas, o sistema que emerge é o do segundo paradigma. Observe os seguintes exemplos:

(9a) *u-hem* *awa*
 3-chegar homem

zəwəruhu **he=r-exak** *mehe*
 onça **1SG_{ABS}=C-ver** quando
 “O homem chegou quando a onça me viu”

(9b) *u-hem* *awa*
 3-chegar homem

zəwəruhu **he=∅-pihik** *mehe*
 onça **1SG_{ABS}=C-pegar** quando
 “O homem chegou quando a onça me pegou”

(10a) *u-hem* *awa*
 3-chegar homem

zəwəruhu **ne=r-exak** *mehe*
 onça **2SG_{ABS}=C-ver** quando
 “O homem chegou quando a onça te viu”

(10b) *u-hem* *awa*
 3-chegou homem

zəwəruhu **ne=∅-pihik** *mehe*
 onça **2SG_{ABS}=C-pegar** quando
 “O homem chegou quando a onça me pegou”

Assim, neste capítulo vimos que o primeiro paradigma de concordância emerge nas orações principais nos contextos em que o sujeito de predicados verbais transitivos é mais alto na hierarquia de pessoa. Já nas orações encaixadas, o segundo paradigma de concordância é engatilhado. Ou seja, temos uma cisão condicionada pelo estatuto gramatical das orações. Finalmente, vimos também que a língua Tenetehára possui cisão de Caso condicionada pela natureza do verbo. Assim, por um lado, o sujeito (A) de verbo transitivo alinha-se com o sujeito (Sa) de verbo inergativo; por outro

lado, o objeto (O) de predicado verbal transitivo alinha-se com o sujeito de verbo inativo (=descritivo). Na seção seguinte, apresento o resumo do capítulo.

2.3 RESUMO DO CAPÍTULO

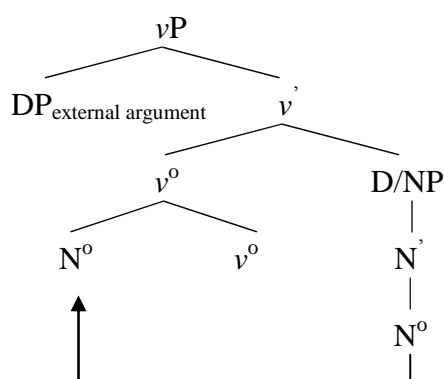
Neste capítulo apresentei os sistemas de concordância e cisão do sistema de Caso na língua Tenetehára. Investiguei de que forma se distinguem os DPs na função sintática de sujeito e de objeto. Como foi visto, estas funções sintáticas são codificadas por meio do primeiro paradigma de concordância (para o sistema nominativo) e por meio do segundo paradigma de concordância (para o sistema absolutivo) no verbo. Analisei as cisões no sistema de concordância. Na língua Tenetehára, ocorre cisão de Caso condicionada pelos seguintes fatores: a cisão no sistema de Caso depende da natureza semântica do verbo, da natureza semântica do DP e estatuto da oração, se principal ou subordinada. No próximo capítulo, tenho como finalidade averiguar o fenômeno de incorporação e alçamento de objetos na língua em análise.

Capítulo 3

Incorporação e alçamento de objetos

O principal objetivo deste capítulo é analisar construções transitivas que apresentam o objeto direto incorporado à raiz verbal. Nessas estruturas, nos contextos em que o núcleo do argumento interno se incorpora à raiz verbal, muitas vezes há perda de material fônico, isto porque o verbo e o núcleo do objeto passam a constituir-se de uma unidade morfossintática complexa. Ao final desse processo, forma-se uma configuração sintática cuja natureza é equivalente a uma estrutura intransitiva inergativa, visto que o núcleo do objeto move-se para posição de núcleo da raiz verbal a partir de uma posição argumental. Neste sentido, o resultado é a presença de apenas um DP agente na estrutura sintática superficial. Este fenômeno fica instanciado por meio da estrutura sintática a seguir:

(1)



Os exemplos em (b) abaixo exemplificam a estrutura sintática proposta anteriormente.

- (2a) $u_{\text{NOM}}\text{-}\mathcal{P}i\text{-}\mathcal{P}u$ *awa* *a\mathcal{P}e*
 3-água-ingerir homem ele
 “O homem bebeu água”
 ↓
 (2b) $u_{\text{NOM}}\text{-}i\text{-}\mathcal{P}u$ *awa* *a\mathcal{P}e*
 3-água-ingerir homem ele
 “O homem bebeu água”
- (3a) $u_{\text{NOM}}\text{-}ma\mathcal{P}e\text{-}\mathcal{P}u$ *awa* *a\mathcal{P}e*
 3-coisa-ingerir homem ele
 “O homem comeu algo”
 ↓
 (3b) $u_{\text{NOM}}\text{-}mai\text{-}\mathcal{P}u$ *awa* *a\mathcal{P}e*
 3-coisa-ingerir homem ele
 “O homem comeu algo”

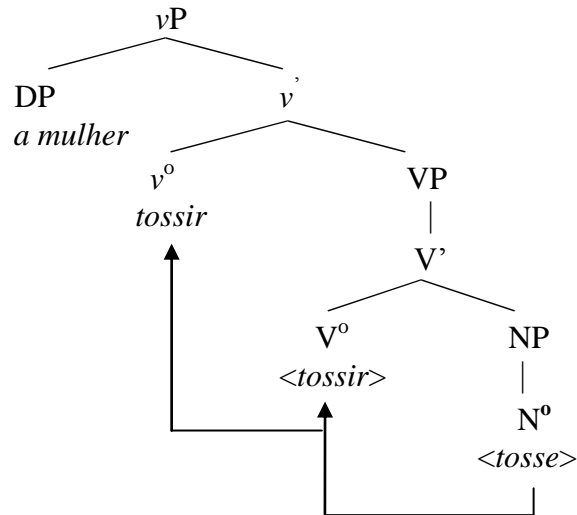
Notem que os DPs $\mathcal{P}i$ “água” e *ma\mathcal{P}e* “coisa” sofrem reduções morfofonológicas ao se incorporarem à raiz verbal, de maneira que o DP $\mathcal{P}i$ reduz-se a *i* (2b), e o item *ma\mathcal{P}e* evolui a *mai*, em (3b). Mais um efeito colateral oriundo da incorporação refere-se ao fato de que as construções inergativas, tais como em (2b) e (3b), não terem a capacidade de exibir alternâncias do tipo: “*O homem quebrou a janela*” e “*A janela quebrou*”. Note que neste tipo de alternância, o mesmo verbo transitivo pode figurar em duas construções sintáticas diferentes, uma transitiva e outra inacusativa. A impossibilidade de este tipo de alternância ocorrer em configurações como nos exemplo em (b) citados anteriormente é explicada porque o DP

objeto é incorporado à raiz verbal configurando-se numa situação morfossintática que gera um novo verbo com uma nova valência. Por este motivo, assumo nesta tese que as construções em (2) e (3) são o reflexo de um epifenômeno de redução de valência que, nos contextos em análise, relaciona-se ao mecanismo morfossintático capaz de gerar predicados inergativos.

Outro objetivo deste capítulo é analisar a teoria elaborada por Hale & Keyser (1993, 2002), conforme a qual predicados inergativos são verbos transitivos implícitos, tendo em vista serem gerados como consequência da incorporação do argumento interno ao núcleo v^0 . Hale & Keyser (1993, 2002) mostram que verbos inergativos são denominais, uma vez que são derivados de nomes. Esta hipótese motiva que predicados verbais tais como *calve* “parir”, *sneeze* “espirrar”, *laugh* “rir”, *dance* “dançar”, *neigh* “relinchar” têm a configuração sintática descrita em (4).

(4a) A mulher tossiu.

(4b)



Tendo em vista o exemplo em (4a) e sua configuração em (4b), observa-se que o núcleo do NP incorpora-se ao núcleo V^o , dando origem ao predicado denominal *tossiu*. Após isso, esse verbo intransitivo sofre nova operação *conflation*² com o núcleo sintático v^o , resultando no sintagma verbal intransitivo.

Outro objetivo deste capítulo é demonstrar que, em Tenetehára, o objeto direto, ao se incorporar à raiz do predicado verbal, pode gerar um predicado que se comporta como um verbo intransitivo. Todavia, nas construções de alçamento do possuidor, apenas parte do objeto, a saber: o

² De acordo com Hale & Kayser (2002), a estrutura lexical das palavras é determinada sintaticamente. Ou seja, o que entra na sintaxe são itens acategoriais e rótulos sintáticos, não sendo determinados no léxico como afirma Chomsky (1970, 1995). Assim, *conflation* consiste em um processo de cópia da matriz fonológica do complemento dentro do núcleo defectivo.

NP possuído pode se incorporar ao núcleo do vP. O resultado desse processo não altera a estrutura transitiva inicial. Ou seja, nas construções de alçamento do possuidor, não existe diminuição de valência, apesar de haver incorporação. Logo, essa constatação corrobora a assunção de Baker (1988) de que estruturas de alçamento de objeto são subtipos do processo de incorporação nominal.

Um quarto objetivo é demonstrar que o prefixo reflexivo {ze-}, quando ocorre em contextos de incorporação nominal, exige que o nome incorporado tenha necessariamente o traço semântico [+INALIENÁVEL].

Por fim, trago evidências de que nesta língua existem dois padrões de incorporação nominal, a saber: (i) incorporação com diminuição de valência e (ii) incorporação sem diminuição de valência – *possessor raising*.

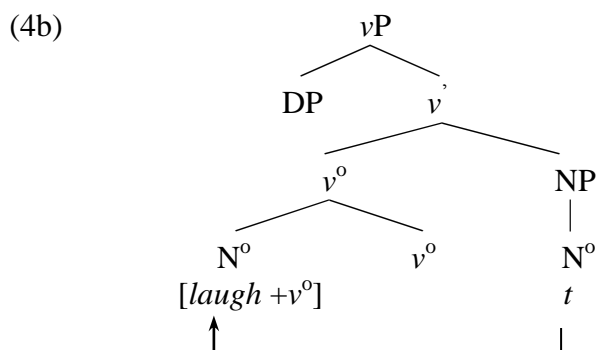
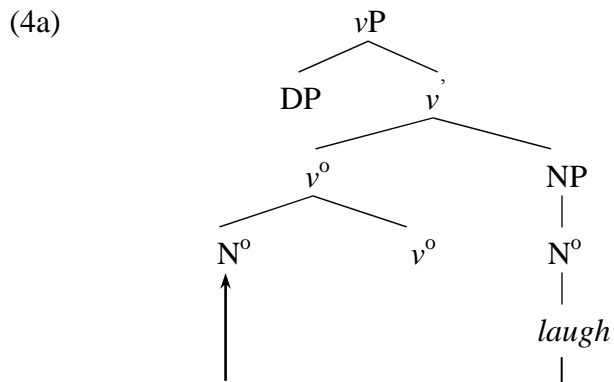
Este capítulo está organizado em seis seções. Na seção 3.1, faço uma breve retomada da proposta teórica desenvolvida por Hale & Keyser (1993, 2002). Na seção 3.2, realizo um resumo da teoria acerca de incorporação nominal delineada por Baker (1988). Na seção 3.3, investigo os contextos de incorporação do núcleo do objeto à raiz verbal transitiva. Na seção 3.4, proponho que, em contextos de incorporação nominal, o reflexivo {ze-} sinaliza que o objeto incorporado deve possuir o traço semântico [+INALIENÁVEL]. Na seção 3.5, evidencio que nesta língua existem dois padrões de incorporação, um em que há diminuição de valência e outro cujo processo não resulta em diminuição de valência. Por fim, na seção 3.6,

apresento o resumo do capítulo. Início, então, a primeira seção com o fenômeno da inergatividade conforme Hale e Keyser (1993, 2002).

3.1 O FENÔMENO DA INERGATIVIDADE - Hale & Keyser (1993, 2002)

No âmbito da literatura gerativa, há a assunção, segundo a qual verbos inergativos diferem dos verbos inacusativos pelo fato de que os inergativos precisarem s-selecionar um DP_{agente}, enquanto os inacusativos necessitam selecionar apenas um DP_{afetado/tema}. Outra diferença bastante relatada na literatura linguística relaciona-se ao fato de os inergativos³, em muitas línguas, serem capazes de emergir como verbos biargumentais, podendo selecionar um argumento interno e um argumento externo. É por esta razão que os verbos inergativos representam a subclasse mais simples do que Hale & Keyser (1993, p. 54-55) chamam de verbos denominais. No inglês, esses verbos possuem uma projeção lexical inicial que inclui um verbo e um complemento. Nesta perspectiva, os verbos inergativos são denominais no sentido de que são formados pela operação *conflation* do núcleo N^o ao núcleo v^o que o seleciona. Assim sendo, assumo, doravante, que verbos intransitivos de ação, como *laugh* “rir”, *sneeze*, “espirrar” e *dance* “dançar” são formados pela operação de *conflation* tal como indicada nas derivações em (4a) e (4b) a seguir.

³ Hale and Keyser (1993, p. 55) declaram o seguinte: “The so-called unergative verbs (...), all called simply (true) intransitive verbs (Burzio 1981), represent by far the simplest class of denominal verbs derived by incorporation. For English, these include, among many others, the verbs *laugh*, *sneeze*, *neigh*, *dance*, *calve*.”



Observe que, nas estruturas em (4), o núcleo N^0 se move para a posição de núcleo de vP , de modo que a sua matriz fonológica é transferida para o núcleo v^0 . Esse movimento, que é um tipo de operação variante de Mover- α , conforma-se ao princípio que restringe o processo de incorporação sintática. Dessa forma, *conflation* é um mecanismo que se submete à restrição de movimento de núcleo segundo a qual um núcleo X^0 move-se somente para a posição do núcleo Y^0 mais próxima que o rege. Uma evidência a favor de se postular a incorporação do complemento pode ser encontrada nas estruturas inergativas do português, em (5a) e (6a). Note

que, podem ainda ser paráfrases do tipo “X é a causa de um evento de risada” ou “X correu uma corrida”, conforme as leituras apresentadas nos exemplos (b) a seguir:

- (5a) O menino riu.
- (5b) O menino deu um riso.
- (6a) O menino correu.
- (6b) O menino deu uma corrida.

Esta hipótese teórica é ainda mais reforçada pela observação de que inergativos podem vir realizados em muitas línguas por meio de uma estrutura transitiva simples, conforme os dados do Basco abaixo:

- (7) *Nik lan egin dut*
I-ERG trabalhar feito ter.me
“Eu trabalhei”
- (8) *Nork negar egin dut*
1-ERG chorar feito ter-me
“Eu chorei”
- (9) *Nik eztul egin dut*
I-ERG tossi feito ter-me
“Eu tossi”
- (10) *Nik oihu egin dut*
I-ERG gritar feito ter-me
“Eu gritei” (LAKA 1993, p. 152)

Observe que os verbos de (7) a (10) são todos transitivos. Tal fato revela que, no Basco, existe efetivamente o objeto na estrutura sintática nas

construções que, no português e no inglês, equivalem a verbos inergativos. Outra evidência de que os inergativos são, de fato, verbos transitivos no Basco surge dos diagnósticos apresentados por Uribe-Etxebarria (1989). Segundo esta autora, no Basco, somente D/NPs não incorporados à raiz podem vir separados do verbo causativo *egin* “fazer”, particularmente quando este último figura na periferia esquerda da sentença. Esta é justamente a situação sintática que emerge nos exemplos a seguir:

(11a) *nik lan egin dut*
 Eu-ERG trabalho feito ter.me
 “Eu trabalhei”
 [Lit: Eu fiz trabalho]

(11b) *nork egin behar du lan?*
 quem-ERG feito deve ter trabalho
 “Quem deve trabalhar?”
 [Lit: “Quem deve fazer o trabalho?”] (LAKA 1993, p. 152)

Note que o fato de o verbo leve *egin* “fazer” figurar em segunda posição na sentença, separado do objeto, serve de evidência para mostrar que o verbo e o objeto de fato não constituem uma estrutura morfológica complexa na sentença em (11b). Em suma, os testes apresentados pela autora indicam que, em perguntas do tipo QU-, o verbo leve e o nome aparecem como dois itens lexicais distintos na sintaxe.

Já no Esquimó, diferentemente do que se observa no Basco, o argumento interno de verbos transitivos vem incorporado à raiz verbal,

formando um complexo morfossintático. Tal fato mostra que a configuração inergativa em Esquimó é derivada por meio da incorporação do objeto ao verbo leve, núcleo da estrutura *vP*. Nesses contextos, o argumento interno vem incorporado visivelmente à raiz verbal, conforme é possível notar a partir dos exemplos (12) a (14).

- (12) *palasi niqui-tur-puq*
 ministro.ABS carne-comer-[-TRANS].3sA
 “O ministro comeu carne” (BOBALJIK, 1993, p. 39)
- (13) *atkug-tur-tuq*
 parca-usar-[-TRANS].3sA
 “Ela está usando uma parca” (JACOBSON, 1984, p. 576)
- (14) *ašš aš -š uq-puq*
 mão-usar-[-trans].1sA
 “Ela está usando suas mãos” (BERGSLAND, 1955, p. 98)

Tomando por base a hipótese de Hale & Keyser (1993, 2002) e os dados das diferentes línguas apresentados até aqui, considero que a inergatividade faz parte de um epifenômeno mais geral relacionado à diminuição de valência de verbos transitivos. Ou seja, admito, doravante, que a formação de verbos inergativos dá-se quando ocorre diminuição do número de argumentos sintáticos de um predicado, podendo ocorrer vários expedientes gramaticais para este fim, como a incorporação morfológica do objeto a um núcleo vazio ou a um núcleo realizado por meio de um verbo transitivo. Com base nessa teoria, assumo a hipótese de que a língua

Tenetchára permite esta última estratégia para formação de construções inergativas. Ou seja, a teoria que pretendo desenvolver neste capítulo é a de que a língua permite a operação sintática de incorporação do complemento a uma raiz verbal transitiva.

Na próxima subseção, o objetivo é detalhar as etapas desses mecanismos de derivação sintática.

3.2 INCORPORAÇÃO – Baker (1988)

Conforme Baker (1988), em algumas línguas ergativas, há um contexto em que, quando o objeto de verbos transitivos se incorpora no núcleo do predicado, a codificação do objeto no verbo é modificada, uma vez que há mudança de funções gramaticais dos elementos, conforme os exemplos da língua Chukchi⁴.

(15a) *ɛnan remkEl'-in pojg-En mcEtku-nin*
 3PL.ERG convidado-POSS lança-ABS quebrar-3SG.S/3SG.O
 “Ele quebrou a lança do convidado”

(15b) *ɛnan pojgE-mcatko-nen remkEl'-En*
 3PL.ERG lança-quebrar-3SG.S/3SG.O convidado-ABS
 “Ele quebrou a lança do convidado” (SPENCER, 1995, p. 450)

⁴ A Língua Chukoto ou Chukchi é uma das Línguas paleo-siberianas faladas pelos Chukchis no ponto mais extremo da Sibéria, em especial no Okrug Autônomo Chukotka.

Pode-se notar que, em (15a), o predicado é uma estrutura transitiva sem incorporação, que possui um objeto direto modificado por um NP possuído, marcado com um sufixo possessivo. Quando o verbo incorpora o elemento possuído do sintagma genitivo, o possuidor não apenas permanece fora do complexo verbal, mas adquire uma relação gramatical total do NP – isto é, de objeto direto – e é marcado com Caso absolutivo, como mostrado em (15b). Assim, este é um exemplo típico do subtipo de incorporação nominal denominado de alçamento de possuidor, ascensão do possuidor, *possessor raising*, ou ainda, *possessor stranding*. O próximo dado refere-se a um exemplo em que a incorporação nominal produz diminuição de valência. Ou seja, ao incorporar o seu objeto, o predicado transitivo passa a intransitivo, de acordo com os seguintes exemplos da língua Mohawk, uma língua indígena americana, da Família linguística iroquoiana.

(16a) *iʔi ye-k-hrek-s ne yao-kar-ʔ*
 eu TL-1SS-empurar-PERF DET PRE-barco-SUF
 “Eu empurrei o barco” (POSTAL, 1962)

(16b) *iʔi ye-k-kar-hrek-s*
 eu TL-1SS-barco-empurrar-PERF
 “Eu empurrei o barco” (POSTAL, 1962)

Conforme mostra o exemplo (16a), o predicado transitivo *hrek* “empurrar” seleciona o sujeito de primeira pessoa *iʔi* e o DP objeto *kar* “barco”. Por sua vez, em (16b), há um processo de incorporação do núcleo

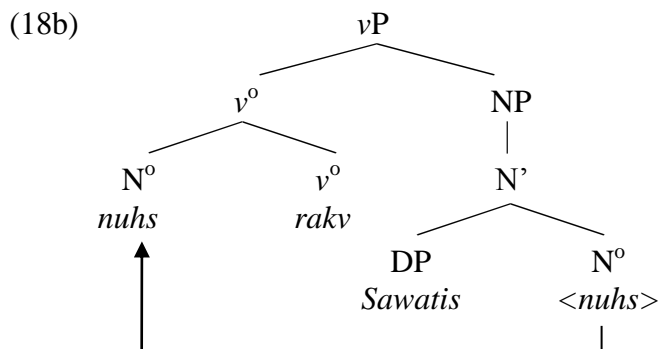
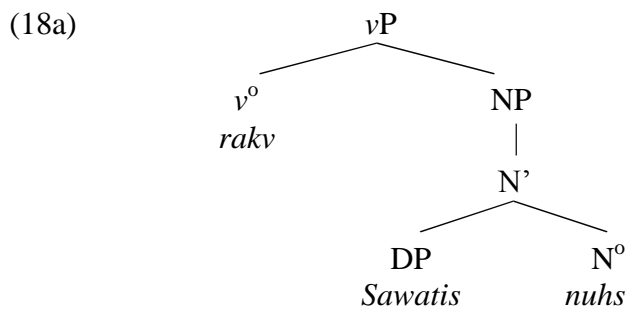
do DP objeto *kar* “barco”. Além disso, é interessante notar que, para incorporar-se, o núcleo do argumento interno *yao-kar-ʔ* “barco” deve perder o determinante *ne*, o prefixo {*yao-*} e o sufixo {-ʔ}, situação morfossintática que sinaliza que para se incorporar o objeto deve ser um NP_{nu}, uma vez que não carrega o determinante nem os afixos para o interior da raiz verbal.

Em conformidade com Baker (1988), a incorporação é um fenômeno sintático, em que um núcleo é movido de sua posição de base para uma posição mais alta. Dessa maneira, o autor postula que incorporação é o movimento de um núcleo para outro núcleo, uma instância generalizada de mover α . Tal movimento deve satisfazer o Princípio da Categoria Vazia (*Empty Category Principle* – ECP). Desta forma, o elemento deslocado precisa deixar um vestígio na posição sintática em que é gerado. Esse vestígio deve ser c-comandado pelo objeto movido. Além disso, de acordo com o autor, na operação sintática de incorporação, deve haver uma relação biunívoca entre a estrutura semântica e a estrutura sintática. Isso significa que a Hipótese da Uniformidade de Atribuição Theta (*Uniformity of Theta-Assignment Hypothesis* – UTAH) deve ser satisfeita. Assim sendo, quando os itens são inseridos na derivação, deve haver um mapeamento um a um, a saber: a relação entre a estrutura temática e a estrutura sintática deve ser preservada. Com o intuito de ilustrar essas intuições, forneço o exemplo em (17a) e (17b) e a configuração arbórea respectiva (16c), adaptados a partir de Baker (1988):

(17a) *ka-rakv* *ne* *Sawatis* *hrao-nuhs-aʔ*
 3N-ser.branco DET João 3M-casa-SUF
 “A casa de João é branca” (POSTAL, 1962)

(17b) *hrao-nuhs-rakv* *ne* *Sawatis*
 3M-casa-ser.branco DET João
 “A casa de João é branca” (POSTAL, 1962)

O exemplo (17b) é derivado de (17a) por meio da incorporação do núcleo *nuhs* “casa” para o núcleo verbal *rakv* “ser branco” como ilustrado em (18a) e (18b) a seguir. Comparem-se as seguintes configurações adaptadas de Baker (1988):



Note que os modelos citados constituem-se tanto como exemplos de incorporação nominal quanto como exemplos de alçamento do possuidor, uma vez que existe uma raiz nominal incorporada e um sintagma nominal, referente à entidade possuída, fora do complexo morfológico do verbo.

De acordo com Baker (1988), o exemplo em (18b) constitui-se em uma paráfrase temática⁵ do exemplo em (18a), porque, ainda que existam importantes diferenças entre as duas versões, as relações semânticas/temáticas se mantêm invariáveis nas duas variantes. Dessa maneira, expressam a mesma proposição uma vez que obedecem ao que prediz a UTAH.

Na próxima seção, à luz da teoria apresentada anteriormente, o objetivo é averiguar a incorporação nominal e o fenômeno da inergatividade em Tenetehára.

3.3 INCORPORAÇÃO E O FENÔMENO DA INERGATIVIDADE EM TENETEHÁRA

Na língua Tenetehára, é muito comum a incorporação do objeto a raízes de certos verbos transitivos, produzindo assim a diminuição no número dos argumentos que o verbo transitivo seleciona no componente sintático. Este mecanismo de incorporação é muito semelhante ao que se

⁵ *I will refer to such sentence pairs as thematic paraphrases. Still, there is an equally important difference between the two: they express these thematic relationships in very different surface forms.* Baker (1988).

observou no Esquimó, nos exemplos de (12) a (14) citados anteriormente. Nos exemplos a seguir, os verbos exibem um NP_{nu} incorporado visivelmente à raiz verbal transitiva, conforme é possível observar a partir dos dados a seguir:

- (19a) *u-po-ʔe* *awa* *aʔe*
 3-mão-expressar homem ele
 “O homem sacode a mão”
 ↓
- (19b) *u-pu-ʔe* *awa* *aʔe*
 3-mão-expressar homem ele
 “O homem sacode a mão”
- (20) *o-po-kok* *kuzə* *aʔe*
 3-mão-encostar mulher ela
 “A mulher encosta/toca com a mão”
- (21) *u-pepo-zaʃ* *wirahu* *u-memir* *ø-ʔaromo* *aʔe*
 3-asa-abrir águia 3-filho C-PSP ela
 “A águia abriu as asas em cima do filho”
- (22a) *u-pina-etik* *awa* *aʔe*
 3-anzol-jogar homem ele
 “O homem pesca”
 [Lit: “O homem joga anzol”]
 ↓
- (22b) *u-pina-itik* *awa* *aʔe*
 3-anzol-jogar homem ele
 “O homem pesca”
 [Lit: “O homem joga anzol”]

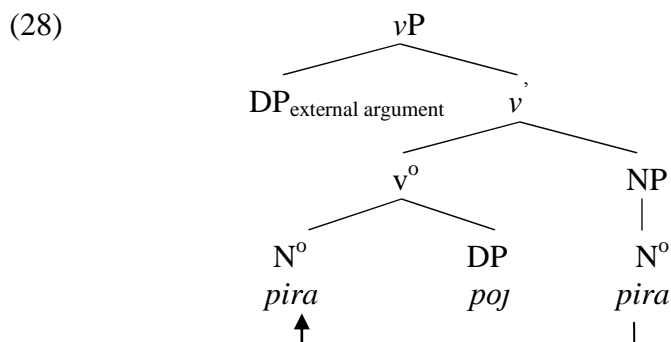
- (23) *u-pira-poj* *awa* *aʔe*
 3-peixe-alimentar homem ele
 “O homem pesca”
 [Lit: “O homem alimenta peixe”]
- (24) *aʔe* *re* *u-zuru-piter* *Kahiw* *Murari* *kuri*
 3 depois 3-chupar-boca Kahiw Murari então
 “Depois disso, Kahiw beijou Murari”
 [Lit: “Depois disso, Kahiw chupou a boca de Murari”]
- (25) *u-zuru-peka* *teteaʔu* *awa* *aʔe*
 3-boca-abrir INTS homem ele
 “O homem boceja muito”
 [Lit. “Ele abre muito a boca”]
- (26) *u-timi-zeʔeŋ* *iwitu* *aʔe*
 3-lábio-falar vento ele
 “O vento assobia”

Os dados de (19) a (26) dão sustentação adicional à hipótese segundo a qual a operação sintática de formação de verbos inergativos são, ao final de contas, o reflexo de um fenômeno mais geral de diminuição de valência. Em suma, os dados apresentados mostram que, de fato, o verbo transitivo corresponde a um verbo inergativo, pois o objeto direto é incorporado à raiz transitiva. O fenômeno da inergatividade em Tenetehára fica particularmente evidenciado pela derivação proposta a seguir em que busca-se mostrar a formação do verbo complexo *pira-poj* “pescar”.

- (27a) *o-poj* *awa* *pira* *aʔe*
 3-alimentar homem peixe ele
 “O homem pesca”
 [Lit: “O homem alimenta peixe”]

- (27b) *u-pira-poj* *awa* *t* *aʔe*
 3-peixe-alimentar homem ele
 “O homem pesca”
 [Lit: “O homem alimenta peixe”]

Na derivação citada, o objeto *pira* “peixe” junta-se por meio do movimento de núcleo de N^0 ao núcleo v^0 do predicado transitivo *poj* “alimentar”. A operação de inergativização do verbo transitivo em (27b) pode ser melhor compreendida por meio da estrutura sintática abstrata delineada em (28).



Na próxima seção, examino o escopo do reflexivo {-ze}. A hipótese a ser testada é a de que em contextos nos quais o objeto incorporado figure com o traço semântico [+INALIENÁVEL], o morfema reflexivo {-ze} é acionado com o intuito de denotar que o objeto é a posse inalienável/intransferível/inerente do DP argumento externo.

3.4 ESCOPO DO REFEXIVO {-ze}

Como vimos na seção 3.3, é possível que um verbo transitivo seja inergativizado na língua Tenetehára. Em tais contextos, quando o objeto possui o traço semântico [+INALIENÁVEL], aciona-se o morfema reflexivo {ze-} para denotar que o objeto é posse intransferível do argumento externo. Tal expediente gramatical é perceptível pelos exemplos arrolados a seguir.

TRANSITIVO

- (29) *u_i-mu-awa-mu-awak* *Kexire* *u_i-kwə* *aʔe*
 3-CAUS-acenar-RED Kexire CORR-dedo ele
 “Kexire acenou o dedo (dele mesmo)”

TRANSITIVO→INERGATIVO

- (30) *u-ze-kwə-mu-wa-mu-awak* *Kexire* *aʔe*
 3-REFL-dedo-CAUS-acenar-RED Kexire ele
 “Kexire fez sinal com a mão (sacudindo-a)”
 [Lit.: “Kexire acenou o seu próprio dedo”]

Note que, em (30), o NP *kwə* “dedo” incorpora-se ao verbo transitivo *mu-awa-mu-awak* “acenar”, provocando com isso diminuição no número dos argumentos projetados na sintaxe pelo verbo. Ademais, o fato curioso é que, para incorporar-se, o argumento interno *u-kwə* “dedo dele” deve perder o prefixo correferencial {*u-*}, situação sintática que sinaliza que o objeto deve ser realmente um NP_{nu}, já que não carrega esse prefixo para dentro da raiz verbal. Outro fato que chama atenção é que, quando o núcleo do objeto

NP INCORPORADO COM O TRAÇO SEMÂNTICO [+INALIENÁVEL]

- (32) *u-ze-pi-api* *o-ho* *wa-iko*
 3-REFL-pé-acertar 3-ir 3PL-AUX
- u-kəwi-ʔu* *maʔe* *əi* *wə*
 3-bebida-beber NOML como PL
 “(Eles) iam tropeçando como bêbados”.
- (33a) *u-ze-eha-pimi-pimi* *awa* *aʔe*
 3-REFL-olho-fechar-RED homem ele
 “O homem piscou os olhos”
- ↓
- (33b) *u-ze-a-pimi-pimi* *awa* *aʔe*
 3-REFL-olho-fechar-RED homem ele
 “O homem piscou os olhos”
- (34) *u-ze-əmutaw-pin* *awa* *aʔe*
 3-REFL-barba-raspar homem ele
 “O homem raspou a própria barba”
 [Lit. “O homem se barbeou”]
- (35) *u-ze-əkəŋ-muŋuj* *kuzə* *aʔe*
 3-REFL-cabeça-pentear mulher ela
 “A mulher penteou a cabeça dela mesma”
 [Lit: “A mulher se penteou”]

Observe-se que os NPs_{nus} *pi* “pé” em (32), *eha* “olho” em (33a), *əmutaw* “barba” em (34) e *əkəŋ* “cabeça” em (35), coocorrem com o morfema reflexivo. Ou seja, a presença do prefixo reflexivo nos exemplos de (32) a (35) aponta para o fato de o NP incorporado possuir o traço semântico [+INALIENÁVEL]. Ademais, nota-se que esse NP objeto deve ser necessariamente a posse inalienável do sujeito da sentença. Com o intuito de

confirmar esta hipótese, enumero, a seguir, dados em que o NP objeto apresenta o traço semântico [–INALIENÁVEL].

NP INCORPORADO COM O TRAÇO SEMÂNTICO [–INALIENÁVEL]

(36a) *tuweharupi u-maʔe-ʔu awa*
 sempre 3-coisa-ingerir homem

kuzəi hi-əpuj ø-me⁷
 mulher POSS-casa C-PSP
 “O homem sempre comeu na casa da mulher”

↓

(36b) *tuweharupi u-mai-ʔu awa*
 sempre 3-coisa-ingerir homem

kuzəi hi-əpuj ø-me
 mulher POSS-casa C-PSP
 “O homem sempre comeu na casa da mulher”

(37a) *u-ʔi-ʔu kuzə aʔe*
 3-água-ingerir mulher ela
 “A mulher bebeu água”

↓

(37b) *u-i-ʔu kuzə aʔe*
 3-água-ingerir mulher ela
 “A mulher bebeu água”

(38a) *u-zɪwi-kəj awa aʔe*
 3-terra-cavar homem ele
 “O homem cavou a terra”

↓

(38b) *u-zəwi-kəj awa aʔe*
 3-terra-cavar homem ele
 “O homem cavou a terra”

⁷ *me* = “para, a, em”. A forma posposicional *me* é alomorfe de *pe*.

Veja que os NPs_{nus} *maʔe* “coisa”, em (36a), *ʔi* “água”, em (37a), e *zəwi* “terra”, em (38a), não coocorrem com o morfema reflexivo, porque esses argumentos não carregam o traço semântico [+INALIENÁVEL]. A comparação entre os contextos nos quais ocorre o morfema {-ze}, por um lado, e os contextos em que este prefixo não ocorre, por outro lado, parece reafirmar a hipótese de que a função gramatical principal deste reflexivo é realmente a de denotar que o objeto incorporado possui o traço semântico [+INALIENÁVEL]. Em suma, o paralelo feito entre os contextos nos quais figura o morfema {-ze} e os contextos em o que o morfema reflexivo não ocorre dá sustentação adicional a assunção segundo a qual a função do reflexivo é a de apontar para o fato de que o objeto incorporado deve possuir o traço [+INALIENÁVEL]. Em outras palavras, esse objeto precisa ser a posse inerente⁸ do sujeito da sentença e ser c-comandado por esse sujeito. Com base nestas observações, proponho a seguinte generalização descritiva:

(39) **Filtro de ocorrência do prefixo {ze-}**

Só poderemos ter coocorrência do prefixo {ze-} com o objeto incorporado, se e somente se, este NP incorporado for dotado do traço semântico [+INALIENÁVEL] e for a posse inerente do sujeito da sentença.

⁸ A *posse inerente ou inalienável* é inata, inerente, não adquirida e não pode ser transferida. Itens representativos dessa classe são boca, nariz, pé, olho, cabelo, orelha etc. Por outro lado, a *posse alienável* é direito de propriedade adquirido social e economicamente. Em geral, equivale a propriedades comuns em um grupo social, como, por exemplo, casa, rio, bebida, comida etc.

Na próxima seção, o objetivo é buscar evidências de que em Tenetehára há dois padrões de incorporação, um em que ocorre diminuição de valência e outro em que não ocorre diminuição de valência.

3.5 DOIS PADRÕES DE INCORPORAÇÃO

Nesta seção, o intuito é evidenciar que em Tenetehára ocorrem dois padrões de incorporação, a saber: um em que há diminuição de valência e aquele que a literatura linguística costuma denominar “alçamento de possuidor”. Na primeira subseção, começo com a incorporação que gera estruturas intransitivas a partir de sentenças transitivas.

3.5.1 INCORPORAÇÃO COM DIMINUIÇÃO DE VALÊNCIA

De acordo com Castro (2007) e Duarte & Castro (2010), a diminuição de valência de verbos transitivos em contextos de incorporação de objeto pode ser observada nos exemplos a seguir da língua Tenetehára.

- (40a) *u-hiw* *awa* *u-piʔa* *aʔe*
 3-limpar homem CORR-barriga ele
 “O homem limpou a barriga (dele mesmo)”
- (40b) *u-ze-piʔa-hiw* *awa* *t* *aʔe*
 3-REFL-barriga-limpar homem ele
 “O homem limpou sua própria barriga”
-

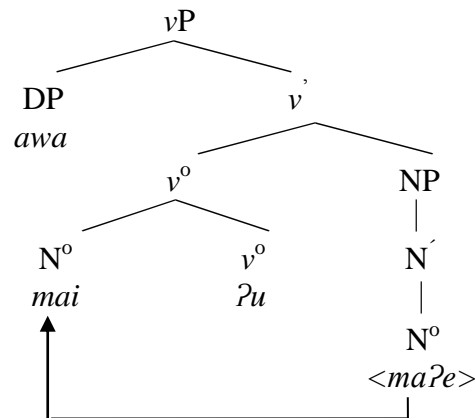
Em (40a), temos o verbo transitivo *hiw* “limpar”, o qual seleciona dois argumentos nucleares: o sujeito *awa* “homem” e o argumento interno *piʔa* “barriga”. Já em (40b), podemos observar que o argumento interno incorpora-se à raiz verbal⁹, tornando tal predicado monoargumental, o qual seleciona apenas o sujeito de terceira pessoa. Vejamos outro exemplo a seguir.

- (41a) *u-ʔu* *awa* *maʔe* *aʔe*
 3-comer homem coisa ele
 “O homem comeu (alguma) coisa”
- (41b) *u-mai-ʔu* *awa* *t* *aʔe*
 3-coisa-comer homem ele
 “O homem comeu (alguma) coisa”
-

Em (41a), temos o verbo transitivo *ʔu* “comer”, o qual seleciona dois argumentos: o sujeito de terceira pessoa e o objeto *maʔe* “coisa”. Já em (41b), pode-se observar o predicado intransitivo *maʔekwaw* “saber coisas”, cujo objeto do verbo transitivo inicial foi incorporado. Desse modo, nos exemplos do Tenetehára em (40) e (41), observa-se que o NP_{objeto} incorpora-se ao verbo lexical, transformando-os em inergativos nos termos de Hale e Keyser (1993), Bobaljik (1993) e Laka (1993). Observe a configuração sintática que se refere ao exemplo em (41b).

⁹ O núcleo incorporado não pode carregar morfemas de concordância, nem apresentar determinantes, pois precisa ser um NP_{nu}. Assim sendo, o argumento interno *u-py'a* “barriga dele” deve perder o prefixo correferencial {*u-*}. Este dado sinaliza que, de fato, o núcleo incorporado não pode carregar morfemas anafóricos.

(41c)



Na seção seguinte, pesquiso as construções de alçamento do possuidor. Neste subtipo de incorporação nominal não existe diminuição de valência.

3.5.2 INCORPORAÇÃO SEM DIMINUIÇÃO DE VALÊNCIA

Nas construções em que o verbo incorpora o elemento possuído do sintagma genitivo, o possuidor não apenas permanece fora do complexo verbal, mas adquire uma relação gramatical total do NP – isto é, de objeto direto. Este fenômeno morfossintático é um subtipo de incorporação nominal denominado de alçamento de possuidor, ascensão do possuidor, *possessor raising*, ou ainda, *possessor stranding*.

Nesta incorporação, a valência do verbo não se altera porque apenas parte do objeto incorpora-se a um verbo transitivo, o qual preserva sua valência. A fim de comprovar tal afirmação forneço os dados a seguir:

(42a) *o-ʔok* *awa* *miar* *i-əkəŋ* *aʔe*
 3-tirar homem animal POSS-cabeça ele
 “O homem tirou a cabeça do animal”

(42b) *u-zəkəŋ-ok* *awa* [DP *miar* *t*] *aʔe*
 3-cabeça-tirar homem animal ele
 “O homem tirou a cabeça do animal”

Em (42a), o verbo transitivo *ʔok* “tirar” seleciona o sujeito *awa* “homem” e o objeto *miar iəkəŋ* “cabeça do animal”. Em (42b), por sua vez, há um processo de incorporação de parte do objeto, a saber: o núcleo do sintagma possessivo *əkəŋ* “cabeça”. Assim, o argumento possuído do sintagma possessivo incorpora-se à raiz verbal. No final do processo, o possuidor do sintagma possessivo é promovido a objeto da sentença. Pode-se observar essa mesma incorporação sem diminuição de valência em outros exemplos, conforme (43) e (44).

(43a) *u-kutuk* *awa* *w-aʔir* *h-eme* *aʔe*
 3-furar homem CORR-filho POSS-lábio ele
 “O homem fura o lábio do próprio filho”

(43b) *w-eme-kutuk* *awa* [DP *w-aʔir* *t*] *aʔe*
 3-lábio-furar homem CORR-filho ele
 “O homem fura o lábio do próprio filho”

(44a) *u-kixi* *awa* *w-aʔir* *i-po* *aʔe*
 3-cortar homem CORR-filho POSS-mão ele
 “O homem cortou a mão do próprio filho”

Observe que, nos exemplos de (42) a (44), diferentemente do verificado em (40) e (41), não há alteração no número de argumentos, uma vez que há incorporação apenas de parte do objeto aos verbos *ʔok* “tirar”, *kutuk* “furar” e *kixi* “cortar”, não provocando, assim, redução de valência¹⁰. Contudo, esses dois processos sintaticamente distintos ilustram o contexto em que o objeto incorpora-se ao verbo conforme os pressupostos teóricos de Baker (1988). Assim sendo, o movimento do núcleo do objeto para dentro da matriz fonológica do núcleo do *vP* deixa um vestígio na posição em que é gerado de forma a atender ao Princípio da Categoria Vazia (ECP) e evidenciando a aplicação da Hipótese da Uniformidade de Atribuição Theta (UTAH).

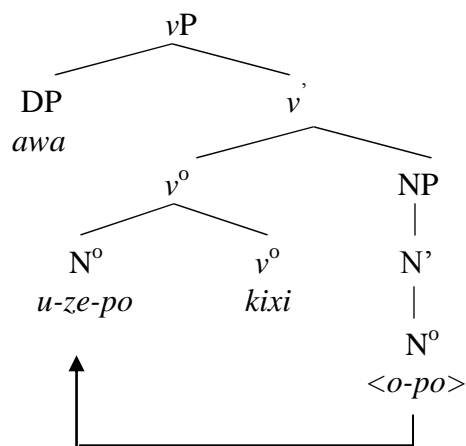
Note que os núcleos nominais incorporados nos exemplos em (42b), (43b) e (44b) são a posse dos complementos dos sintagmas genitivos, a saber, os possuidores. Já nos contextos em que os nomes incorporados são a posse inerente dos sujeitos das sentenças, o prefixo reflexivo {-ze} emerge, conforme os seguintes dados.

- (45a) *o-ʔok awa w-əkəŋ aʔe*
 3-tirar homem CORR-cabeça ele
 “O homem arrancou cabeça dele mesmo”

¹⁰ Pode-se notar que, para se incorporar, o núcleo deve ser um NP_{nu}. Assim sendo, os argumentos internos dos exemplos de (40) a (42) devem perder o prefixo atribuidor de Caso genitivo {i- ~ h-}.

Nos dados em (48a) e (47a) os verbos transitivos *kutuk* “furar” e *kixi* “cortar” selecionam o sujeito *awa* “homem” e os objetos *weme* “os próprios lábios” e *opo* “a própria mão”, respectivamente. Já nos exemplos em (46b) e (47b), os núcleos dos objetos são incorporados de sua posição de base à raiz verbal. Nesse contexto, o morfema reflexivo {-ze} emerge porque os núcleos incorporados são a posse inerente dos sujeitos das sentenças. Observe a configuração em relação ao exemplo (46b).

(47c)



Por fim, ao se analisar cuidadosamente os dados da língua Tenetehára, chegou-se à conclusão de que em estruturas de alçamento do possuidor não ocorre o morfema reflexivo {-ze}. Tal impossibilidade parece estar conectada com o fato de que só existe um possuidor em cada estrutura. A fim de ilustrar esta assunção, observe novamente os dados (44) e (47) repetidos a seguir como (48) e (49), respectivamente.

(48a) *u-kixi* *awa* *w-aʔir* *i-po*
 3-cortar homem CORR-filho POSS-mão
 “O homem cortou a mão do próprio filho”

(48b) *o-po-kixi* *awa* [DP *w-aʔir* *t*]
 3-mão-cortar homem CORR-filho
 “O homem cortou a mão do próprio filho”

(49a) *u-kixi* *awa* *o-po* *aʔe*
 3-cortar homem CORR-mão ele
 “O homem cortou a própria mão”

(49b) *u-ze-po-kixi* *awa* [DP *t* *aʔe*]
 3-REFL-mão-cortar homem ele
 “O homem cortou sua própria mão”

Observe que em (48b), o núcleo nominal incorporado *po* “mão” é a posse inerente do complemento do sintagma genitivo, a saber: o possuidor *waʔir* “filho”. Já em (49b) o nome incorporado *po* “mão” é a posse inerente o sujeito da sentença, o possuidor *awa* “homem”. Neste sentido, como em (47b) o prefixo correferencial {*w-*} aponta qual é o possuidor da sentença, o morfema reflexivo não ocorre. Já em (48b), este morfema é perdido no processo de incorporação. Por isso, emerge o morfema reflexivo {-*ze*} cuja função é apontar o possuidor da oração. Na próxima seção, apresento o resumo do capítulo.

3.6. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, fiz uma breve retomada das propostas teóricas desenvolvidas por Hale & Keyser (1993, 2002) e por Baker (1988), respectivamente. Com isso, foi possível demonstrar que, em Tenetehára, há contextos de incorporação do objeto à raiz verbal transitiva. Adicionalmente, propus que, em contextos de incorporação nominal, o reflexivo {ze-} sinaliza que o objeto incorporado deve possuir o traço semântico [+INALIENÁVEL]. Finalmente, evidenciei que nesta língua existem dois padrões de incorporação, um em que há diminuição de valência e outro em que não há diminuição de valência. No próximo capítulo, o objetivo é investigar as estruturas causativas na língua Tenetehára.

Capítulo 4

Estruturas causativas

Este capítulo tem como objetivo oferecer uma análise descritiva das estruturas causativas na língua Tenetehára. Para tal, ancorar-me-ei teoricamente nos trabalhos de Rodrigues (1953), Boudin (1966), Bendor-Samuel (1972), Harrison (1985), Duarte (1997, 2003, 2005, 2007), Carvalho (2001), Castro (2007), Silva (2010), Camargos (2013) e Camargos & Castro (2013, 2015).

Acompanhando as análises de Castro (2007), Duarte & Castro (2010), Camargos (2013) e Castro & Camargos (2015), mostrarei que esta língua apresenta dois morfemas causativos, a saber: (i) o morfema {*mu-*}, que causativiza verbos inacusativos e inergativos, introduzindo uma causação direta, como afirma Camargos (2013); e (ii) o morfema {-*kar*} cuja função é causativizar verbos transitivos, introduzindo uma causação indireta, conforme Camargos (2013). Além desses morfemas, examinarei ainda a natureza gramatical do morfema {*ze-*}, o qual é responsável pelas vozes reflexiva, recíproca e anticausativa.

A partir da análise detalhada de cada um desses morfemas, analisarei estruturas morfológicamente complexas, em que há a coocorrência desses três morfemas, conforme os exemplos abaixo:

- (1a) *u-ze_k-mu-api(k)-kar* *kuzətəi_k* *kwarer* *ø-pe* *aʔe*
 3-REFL-CAUS-sentar-CAUS menina menino C-por ela
 “A menina fez o menino assentá-la”
- (1b) *u-mu-ze_k-mu-api(k)-kar* *kuzətəi* *kwarer_k* *aʔe*
 3-CAUS-REFL-CAUS-sentar-CAUS menina menino ela
 “A menina fez o menino se assentar”

Antes de começar, é importante ressaltar que há inúmeros trabalhos acerca das construções que envolvem a coocorrência de morfemas causativos e reflexivos nas línguas Tupí-Guaraní. Citarei, no entanto, apenas o trabalho de Lemos Barbosa (1956), uma vez que foi a obra motivadora deste capítulo. Note abaixo, exemplos de Lemos Barbosa (1956, p. 191), em que os morfemas causativos {-*mo*} e {-*akub*} e o reflexivo {-*îe*} figuram, de forma concomitante, na língua Tupinambá.

Tupibambá

- (2) *akub* “ser quente”
a-î-mo-akub “esquento-o”
a-îe-mo-akub “esquento-me”
a-î-mo-îe-mo-akub “faço-o esquentar-se”

Nos exemplos em (2) acima, o predicado descritivo *akub* “ser quente” recebe o morfema causativo {-*mo*}, envolvendo a *aîmoakub*

“esquento-o”, um verbo transitivo. Nesta situação, emerge também o morfema {-î}, que de acordo com o autor trata-se de um elemento eufônico. A seguir, é afixado o morfema {-êe}, o qual tem a função de reflexivizar o predicado, tornando-o *aîemoakub* “esquento-me”. Note que, ao receber o morfema reflexivo, o impacto do evento passa a recair sobre o próprio sujeito da sentença. Finalmente, outro morfema causativo {-mo} é juntado à estrutura, resultando em um predicado duplamente causativizado *aîmoîemoakub* “faço-o esquentar-se”. Assim, o agente da sentença agora atua sobre um argumento agente-afetado, fazendo-o realizar uma ação sobre si próprio.

O capítulo está organizado em três seções, a saber: na seção 4.1, mostro como se dá o processo de causativização em Tenetehára; na seção 4.2, investigo como se dá a realização da causativização direta e indireta, acompanhando intuições de Camargos (2013); por fim, na seção 4.3, apresento o resumo do capítulo.

Na próxima seção, busco investigar o fenômeno da causativização em Tenetehára.

4.1 PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO

Em termos descritivos, há dois morfemas causativos em Tenetehára, a saber: o prefixo {*mu-*} e o sufixo {-*kar*}. O morfema causativo {*mu-*} junta-se a verbos inacusativos e inergativos a fim de transformá-los em

verbos transitivos causativos, conforme é possível verificar a partir dos exemplos a seguir.

Verbo inacusativo

(3a) *u-pirik* *ʔi* *aʔe*
 3-pingar água ela
 “A água pingou”

(3b) *u-mu-pirik* *kwarer* *ʔi* *aʔe*
 3-CAUS-pingar menino água ele
 “O menino pingou a água” (i.e. O menino espirrou a água)
 (CAMARGOS, 2013, p. 45)

Em (3a), o verbo inacusativo *pirik* seleciona um único argumento nuclear, o DP *ʔi* “água”. Em (3b), por sua vez, a predicação monovalente é causativizada por meio do morfema {*mu-*}. Assim, o predicado *mu-pirik* torna-se transitivo, porque passa a projetar dois argumentos nucleares: o DP objeto *ʔi* “água” do verbo original e um DP sujeito *kwarer* “menino” em função temática de agente. Comparem-se a seguir os exemplos em que ocorre a causativização do verbo inergativo “tomar banho”:

Verbo inergativo

(4a) *u-zahak* *kwarer* *aʔe*
 3-banhar menino ele
 “O menino tomou banho”

(4b) *u-mu-zahak* *kuzə* *kwarer* *aʔe*
 3-CAUS-banhar mulher menino ela
 “A mulher deu banho no menino” (CAMARGOS, 2013, p. 146)

No dado em (4a), o predicado inergativo *zahak* “banhar” seleciona o DP sujeito *kwarer* “menino”. Já no exemplo (4b), o morfema causativo {*mu-*} é afixado ao verbo *zahak* “banhar”, tornando-o transitivo. Isso pode ser observado, porque em (4b) existe um DP adicional, mais precisamente o sujeito *kuzə* “mulher”, cuja propriedade semântica é a de agente. Note ainda que o DP *kwarer* “menino” em (4a) tem a propriedade semântica de agente. No entanto, em (4b), este argumento exerce a função semântica de afetado.

O morfema causativo {-*kar*}, por sua vez, causativiza predicados transitivos. O resultado desse processo de aumento de valência é um predicado verbal que apresenta três argumentos nucleares, conforme os exemplos abaixo:

- Verbo transitivo**
- (5a) *u-zuka* *kuzə* *zapukaj* *aʔe*
 3-matar mulher galinha ela
 “A mulher matou a galinha”
- (5b) *u-zuka-kar* *awa* *zapukaj* *kuzə* *ø-pe* *aʔe*
 3-matar-CAUS homem galinha mulher C-por ele
 “O homem fez a mulher matar a galinha” (CAMARGOS, 2013, p. 170)

No exemplo (5a), há o verbo transitivo *zuka* “matar”, o qual c- seleciona dois DPs, o sujeito *kuzə* “mulher” e o objeto *zapukaj* “galinha”. Já em (5b), ocorre um processo de aumento de valência verbal, o qual pode ser descrito da seguinte maneira: o morfema {-*kar*} é afixado ao predicado *zuka* “matar”, sendo realizado como *zuka-kar* “fazer matar”. Com o acréscimo do

sufixo causativo {-kar}, o predicado seleciona três argumentos: um sujeito agente, objeto tema e objeto oblíquo agente afetado. Note que o sujeito *kuzə* “mulher”, da oração matriz, recebe uma posposição e tem sua função temática mudada de agente para “agente causado”. No âmbito da literatura técnica, este agente causado equivale ao *causee*, conforme se observa, por exemplo, em Comrie (1981). Finalmente, o objeto da oração inicial mantém inalterados tanto sua função sintática quanto seu papel temático.

Vale ressaltar que a atribuição do papel temático de *causee* (causado) ao argumento externo, *kuzə* “mulher”, do predicado causativizado, pode ser explicada porque tal argumento, de acordo com Comrie (1981), retém menor grau de controle na estrutura em relação a um agente prototípico. Tal assunção assegura que há apenas um argumento com o papel temático de agente, o que, por sua vez, obedece ao que estipula a teoria de papéis temáticos.

Em conformidade com Camargos (2013), podemos afirmar com certa segurança que há a possibilidade de coocorrência dos morfemas {*mu-*} e {-kar}. Para que isso aconteça, é necessário que um verbo inacusativo ou inergativo seja inicialmente causativizado pelo morfema {*mu-*} e posteriormente causativizado novamente por meio do sufixo causativo {-kar}, conforme os exemplos abaixo:

Verbo inacusativo

- (3c) *u-mu-hem-kar* *kuzə* *kwarer* *awa* \emptyset -*pe*
3-CAUS-sair-CAUS mulher menino homem C-por

tàpuz \emptyset -*wi* *aʔe*
casa C-de ele

“A mulher fez o homem tirar o menino da casa”

Verbo inergativo

- (4c) *u-mu-zaha(k)-kar* *awa* *kwarer* *kuzà* \emptyset -*pe* *aʔe*
3-CAUS-banhar-CAUS homem menino mulher C-por ela

“O homem fez a mulher dar banho no menino”

Nos exemplos acima, os verbos inacusativo e inergativo recebem, primeiramente, o morfema {*mu-*}, derivando a forma *muhem* “tirar” e *muzahak* “dar banho”, respectivamente. No final desse processo, os predicados intransitivos tornam-se transitivos causativos. Em seguida, o sufixo causativo {-*kar*} é afixada aos predicados *muhem* “tirar” e *muzahak* “dar banho”, derivando o complexo morfológico *muhemkar* “fazer tirar” e *muzaha(k)kar* “fazer dar banho”.

Em suma, a análise desenvolvida até aqui demonstrou que verbos intransitivos e transitivos podem sofrer alteração de valência, quando juntam-se aos afixos causativos {-*mu*} e {-*kar*}.

A próxima seção tem por objetivo a análise de dois subtipos de causação, a saber: a causação direta e a indireta.

4.2 CAUSAÇÃO DIRETA E INDIRETA

Como foi visto na seção anterior, os morfemas causativos, em termos morfossintáticos, distinguem-se entre si quanto ao fato de, por um lado, o morfema {*mu-*} causativizar apenas verbos inacusativos e inergativos e, por outro, o morfema {-*kar*} causativizar predicados transitivos. Nesta seção, mostrarei, a partir do trabalho de Camargos (2013), que estes dois morfemas diferem quanto ao tipo semântico de causação que cada um introduz ao evento.

De acordo com Whaley (1997), a distinção básica entre a causação direta e a causação indireta refere-se à capacidade da mente humana em descrever a relação entre dois eventos. Como os dois rótulos já indicam, a causação direta refere-se a uma situação em que as ações de um causador têm um impacto imediato sobre as ações do participante causado, ao passo que a causação indireta refere-se a uma situação em que a causação é mais distante. Para ser mais preciso, veja a seguir como Whaley (1997, p. 194) formula a distinção entre os dois tipos de causações:

Você está sentado em um banco em um cruzamento movimentado e têm a infelicidade de presenciar um terrível acidente. Uma menina pequena persegue uma bola de basquete que ela foi driblando até a rua. Depois, a bola ricocheteou em seu pé. Nesse exato instante, um carro em alta velocidade vira a esquina e atinge a menina. É muito mais provável que você grite: “Eu acho que ele a matou” ao invés de “Eu acho que ele fez com que ela morresse”. Se ambas as declarações são causativas, por que a primeira seria tão obviamente preferida? A construção analítica causativa *fazer morrer* implica uma causação indireta. Mas nesse cenário não há dúvidas de

que a ação do motorista levou diretamente a morte da menina, independentemente de ter ou não a intenção de fazê-lo. Portanto, a expressão *fazer morrer* é enganosa. Ela falha a capturar a natureza da causação¹¹.

Para Camargos (2013), acompanhando a intuição de Whaley (1997), a causação na língua Tenetehára pode ser direta ou indireta¹². Segundo Camargos (2013), a língua Tenetehára utiliza o morfema {*mu-*} para indicar a causação direta e emprega o morfema {-(*u*)kar} para denotar a causação indireta. Veja os exemplos abaixo em que figuram os dois subtipos de causação:

Predicado não causativo

- (8a) *u-hem* *kwarer* *tàpuz* \emptyset -*wi* *aʔe*
 3-sair menino casa C-de ele
 “O menino saiu da casa”

Causação direta

- (8b) *u-mu-hem* *awa* *kwarer* *tàpuz* \emptyset -*wi* *aʔe*
 3-CAUS-sair homem menino casa C-de ele
 “O homem tirou o menino da casa”

¹¹ Tradução aproximada de: “For example, you are sitting on a bench at a busy intersection and have the misfortune of witnessing a terrible accident. A small girl chases a basketball that she has been dribbling into the street after it caroms off her foot. At just the moment, a speed car zips around the corner striking the girl. It is far more likely that you yell out ‘I think he killed her’ than ‘I think he caused her to die’. If both the utterances are causatives, why would one be so obviously preferred? The analytical causative construction *cause to die* implies indirect causation, but in this scenario there is no doubt that the driver’s actions directly brought about the girl’s death, even if there was no intention to do so. Therefore, to use *cause to die* is misleading. It fails to capture the nature of the causation.” (WHALEY, 1997, p. 194).

¹² Leite (1994) já havia mostrado na língua Tapirapé (Tupí-Guaraní) a distinção entre uma causativização que envolve (i) o morfema {*ma-*} e (ii) os morfemas {*ma-*} e {*-akât*} simultaneamente. Segundo a autora, no primeiro caso, o agente está diretamente envolvido na ação expressa pelo verbo, ao passo que, no segundo caso, o agente está envolvido indiretamente.

Causação indireta

- (8c) *u-mu-hem-kar* *awa* *kwarer* *tàpuz* *ø-wi* *aʔe*
3-CAUS-sair-CAUS homem menino casa C-de ele
“O homem fez o menino sair da casa” (CAMARGOS, 2013, p. 45-46)

Observe que o morfema causativo {*mu-*} é utilizado para indicar a causação direta, conforme o exemplo (8b). A causação indireta, por sua vez, é marcada pela dupla causativização quando o predicado básico for inacusativo ou inergativo. Considere a seguinte situação hipotética em (8b): uma casa está pegando fogo e um menino encontra-se desmaiado dentro deste ambiente, por causa da fumaça que inalou. Assim, um homem adentra a casa e retira o menino. Desta forma, o menino recebe um impacto direto da ação do causador. Já em (8c), a situação imaginada pode ser: um homem deseja que o menino se retire da casa. Neste caso, ele encara o menino fazendo-o entender que deve sair. Logo, o menino não recebe diretamente o impacto da ação do causador. Isso porque não é exatamente o homem que retira o menino da casa, mas ele cria uma circunstância que provoca a saída do menino. Observe mais um exemplo a seguir.

Predicado não causativo

- (9a) *w-ata* *kwarer* *aʔe*
3-andar menino ele
“O menino andou”

Causação direta

- (9b) *u-mu-ata* *awa* *kwarer* *aʔe*
3-CAUS-andar homem menino ele
“O homem andou o menino”

Causação indireta

(9c)	<i>u-mu-ata-kar</i>	<i>awa</i>	<i>kwarer</i>	<i>aʔe</i>
	3-CAUS-andar-CAUS	homem	menino	ele
	“O homem fez o menino andar” (CAMARGOS, 2013, p. 146)			

Tendo em vista os exemplos citados, conclui-se que o morfema causativo {*mu-*} tem a função morfossintática de causativizar verbos inacusativos e inergativos. Além do mais, sua ocorrência engatilha a causação direta como subtipo semântico de causação. Ao comparar-se (9b) com (9c), pode-se perceber que em (9b) emerge a causativa direta, enquanto em (9c) surge a causativa indireta. Destarte, podemos conceber os seguintes cenários: na primeira situação, um pai, ensinando seu filho a andar, dá a mão para a criança, fazendo-a andar. Em (9c), o menino está muito cansado e não quer caminhar. Porém, ele dá uma ordem enérgica para que o menino ande. Todavia, neste último exemplo, o participante causado não recebe diretamente o impacto da ação do causador, já que estamos diante da causativa indireta.

De acordo com Camargos (2013), devido ao fato de o morfema {*mu-*} ter a capacidade de produzir apenas a causação direta, alguns verbos inacusativos e inergativos não podem ser causativizados por meio deste morfema, conforme os exemplos a seguir:

Verbo inergativo

(10a)	<i>u-puka</i>	<i>kwarer</i>	<i>aʔe</i>
	3-rir	menino	ele
	“O menino riu”		

(10b) **u-mu-puka* *kuzə* *kwarer* *aʔe*
 3-CAUS-rir mulher menino ela
 “A mulher fez o menino rir” (CAMARGOS, 2013, p. 42)

(10c) *u-mu-puka-kar* *kuzə* *kwarer* *aʔe*
 3-CAUS-rir-CAUS mulher menino ela
 “A mulher fez o menino rir” (CAMARGOS, 2013, p. 43)

Verbo inacusativo

(11a) *i-azu* *pako* *aʔe*
 3-maduro banana ela
 “A banana está madura”

(11b) **u-mu-azu* *awa* *pako* *aʔe*
 3-CAUS-maduro homem banana ele
 “O homem amadureceu a banana” (CAMARGOS, 2013, p. 43)

(11c) *u-mu-azu-kar* *awa* *pako* *aʔe*
 3-CAUS-maduro-CAUS homem banana ele
 “O homem fez a banana amadurecer” (CAMARGOS, 2013, p. 50)

Os exemplos (10b) e (11b) são agramaticais devido ao fato de os eventos descritos pelos predicados causados não permitirem que sejam diretamente causados. Na verdade, os eventos indicados pelos verbos *puka* “rir” e *azu* “estar maduro” só aceitam uma causação indireta, como indicam as sentenças (10c) e (11c). Uma outra forma de explicar a agramaticalidade dos exemplos em (b) é considerar que os eventos descritos pelos predicados em (a) são internamente causados, por isso “não podem ser externamente causados” (cf. SMITH, 1970, p. 107). Logo, parece haver um mapeamento biunívoco da seguinte forma: verbos que são externamente causados só aceitam uma causação direta, já verbos que são internamente causados

identificam-se apenas com uma causação indireta. Na próxima seção, apresento o resumo do capítulo.

4.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo tive como objetivo oferecer uma análise descritiva das estruturas causativas, recíprocas e anticausativas na língua Tenetehára. Mostrei que esta língua apresenta dois morfemas causativos, a saber: (i) o morfema $\{mu-\}$, que causativiza verbos inacusativos e inergativos, introduzindo uma causação direta; e (ii) o morfema $\{-kar\}$ cuja função é causativizar verbos transitivos, introduzindo uma causação indireta, conforme Camargos (2013).

No próximo capítulo, tenho por objetivo mostrar que em Tenetehára as construções que vêm marcadas por meio do morfema $\{-ze\}$ podem ser classificadas como reflexivas, recíprocas ou anticausativas. Além disso, o objetivo é analisar as propriedades morfosintáticas e semânticas da coocorrência do prefixo $\{ze-\}$ com os morfemas causativos $\{mu-\}$ e $\{-kar\}$. Finalmente, verifico como se dá o mecanismo de retomada anafórica, proponho a ordem linear em que estes afixos ocorrem, verifico de que forma a semântica da dinâmica das forças perceptíveis no evento é sensível às derivações pertinentes e investigo sobre qual argumento recai a dinâmica do impacto das forças no evento em um verbo inacusativo/descritivo, por exemplo.

Capítulo 5

Estruturas reflexivas, recíprocas e anticausativas

Este capítulo busca demonstrar que em Tenetehára as construções que vêm marcadas por meio do morfema {ze-} podem ser classificadas como reflexivas, recíprocas ou anticausativas. Em termos descritivos, este morfema afixa-se apenas a verbos transitivos. Além disso, o objetivo é analisar as propriedades morfossintáticas e semânticas da coocorrência do prefixo {ze-} com os morfemas causativos {mu-} e {-kar}. O capítulo tem como intuito adicional verificar como acontece o mecanismo de retomada anafórica, analisar a ordem linear em que estes afixos ocorrem, verificar de que forma a semântica da dinâmica das forças perceptíveis no evento é sensível às derivações pertinentes e, por fim, investigar sobre qual argumento recai a dinâmica do impacto das forças no evento em um verbo inacusativo/descritivo, por exemplo.

O capítulo está organizado em seis seções, a saber: na seção 5.1, investigo o escopo do morfema {ze-}, quando exerce a função de reflexivo. Na seção 5.2, examino o contexto em que o prefixo {ze-} exibe uma interpretação de reciprocidade. Na seção 5.3, analiso as construções de voz anticausativa. Na seção 5.4, examino as propriedades morfossintáticas e

semânticas dos morfemas causativos e reflexivo em contexto de coocorrência. Por fim, na seção 5.5, apresento o resumo do capítulo. Na próxima seção, investigo a voz reflexiva por meio do morfema {ze-}.

5.1 VOZ REFLEXIVA

Descritivamente o prefixo {ze-} afixa-se a verbos transitivos, resultando na diminuição de valência verbal. É possível observar que a presença do reflexivo {ze-} denota que o sujeito pratica e recebe a ação indicada pelo verbo, conforme demonstram os exemplos a seguir:

- (1a) *w-exak* *awa* *kuzə* *aʔe*
 3-ver homem mulher ele
 “O homem viu a mulher”
- (1b) *u-ze_i-(e)xak* *awa_i* *aʔe*
 3-REFL-ver homem ele
 “O homem se viu”

No exemplo (1a), ocorre o verbo transitivo *exak* “ver” que seleciona dois DPs, o sujeito *awa* “homem” e o objeto *kuzə* “mulher”. No exemplo em (1b), o morfema {ze-} é afixado ao verbo *exak* “ver”, fazendo emergir uma estrutura reflexiva. Isso pode ser constatado uma vez que o sujeito e o objeto portam o mesmo índice referencial. Considere também os seguintes exemplos.

- (2a) *u-kixi* *awa* *kawaru* *h-azuk* *takihe* \emptyset -*pupe* *aʔe*
 3-cortar homem cavalo 3-tendão faca C-com ele
 “O homem cortou o tendão do cavalo com a faca”
- (2b) *u-ze_i-kixi* *awa_i* *takihe* \emptyset -*pupe* *aʔe*
 3-REFL-cortar homem faca C-com ele
 “O homem se cortou com a faca”

Em (2) ocorre um processo análogo ao de (1). O verbo transitivo *kixi* “cortar”, em (2a), seleciona dois DPs, o sujeito *awa* “homem” e o objeto *kawaru hazuk* “tendão do cavalo”. No exemplo em (2b), o morfema reflexivo {*ze-*} é juntado ao verbo *kixi* “cortar”, fazendo emergir uma estrutura reflexiva, já que o sujeito e o objeto deste predicado são coreferentes.

De acordo com a análise de Castro (2007, p. 52), a unidade gramatical {*ze-*}, em Tenetehára, equivale a um item anafórico do tipo reflexivo o qual está sujeito ao princípio A da Teoria de Ligação. Na próxima seção apresento considerações acerca da voz recíproca.

5.2 VOZ RECÍPROCA

Além dos contextos arrolados na seção anterior, outros dados mostraram que este morfema também pode ser um elemento anafórico da classe dos recíprocos. No âmbito da Gramática Gerativa, a estreita relação entre reflexivos e recíprocos é prevista por Chomsky (1995, p. 95) com a seguinte afirmação:

As anáforas, que incluem os recíprocos e reflexivos, exigem antecedentes que os vinculem. Neste aspecto, o seu comportamento é bastante diferente dos pronomes, os quais *podem* ter antecedentes que os vinculem, mas não *necessitam* tê-los. Para além disso, pelo menos em inglês e em algumas outras línguas, o antecedente de uma anáfora tem de ser local em relação à anáfora. Em particular... temos a *Condição A* da teoria da ligação... *as anáforas devem ser vinculadas em um certo domínio de vinculação*. (CHOMSKY 1995, p. 95)¹³.

Nessa linha de investigação e acompanhando a intuição de Rodrigues (1953), assumirei, doravante, que o prefixo {ze-}, em Tenetehára, além de codificar a função reflexiva, possui ainda a propriedade de indicar a voz recíproca, como em (3) e (4) a seguir.

(3) *u-ze_k-(e)xak* *kuzə_k* *tekohaw* *r-upi* *aʔe wə*
 3-REC-ver mulher aldeia C-em ela PL
 “As mulheres se viram na aldeia”

(4) *u-ze_k-əwəxi* *awa_k* *irikaw* *ø-pe* *aʔe* *wə*
 3-REC-encontrar homem rio c-em ele PL
 “Os homens se encontraram no rio”

Nos exemplos (3) e (4), os predicados *exak* “ver” e *əwəxi* “encontrar” recebem prefixo {ze-}. Nesta circunstância, emerge a voz recíproca, já que o DP sujeito de ambas as sentenças corresponde a um conjunto de indivíduos, os quais praticam a ação uns sobre os outros, mutuamente (cf. RODRIGUES, 1953).

¹³ Tradução aproximada de: “Anaphors, such as reciprocals and reflexives, require antecedents that bind them. In this, their behavior is quite different from that of pronouns, which *may* have binding, but *need* not. Additionally, at least in English and a number of other languages, the antecedent of an anaphor must be local to the anaphor. In particular, we have... *Condition A* of the binding theory... *An anaphor must be bound in a local domain*”. (CHOMSKY 1995, p. 95).

Evidência a favor da análise delineada acima surge do fato de o morfema recíproco {*ze-*} em Tenetehára ser análogo ao prefixo reflexivo {*jo-*} de outra língua do Tronco Tupí, o Kamaiurá. Observe o exemplo seguinte:

- (4) *aʔe-wan-a_k* *o-jo_k-ʔakap*
ele-PL-N 3-REC-discutir
“Eles discutiram [um com o outro]” (SEKI, 2000, p. 284)

Em (4), vê-se que o sujeito *aʔewana* “eles” é o antecedente que vincula o morfema {*jo-*}, cuja acepção é de reciprocidade. Contudo, é interessante notar que, enquanto a língua Tenetehára possui apenas um morfema, cuja função é denotar a voz recíproca e reflexa, o Kamaiurá dispõe de um morfema para cada voz, isto pode ser confirmado por meio da comparação entre o dado (4) anterior e o seguinte exemplo:

- (5) *tuʔari* *o-je-ʔapo-m*
APROB 3-REFL-machucar-G
“Bem feito que ele tenha se machucado” (SEKI, 2000, p. 284)

Em (5), o sujeito de terceira pessoa, representado pelo morfema {-*o*}, pratica e recebe a ação denotada pelo predicado *ʔapo* “machucar”, uma vez que o morfema reflexivo coocorre com a predicação. Assim, fica evidente que enquanto a língua Tenetehára se utiliza apenas de um morfema

para cobrir as duas vozes, o Kamaiurá utiliza duas unidades gramaticais, são elas: {jo-} e {je-}, conforme o seguinte quadro.

QUADRO 3

Morfemas causativos e recíprocos em Tenetehára e Kamaiurá

	Tenetehára	Kamaiurá
Reflexivo	{ze-}	{je-}
Recíproco	{ze-}	{jo-}

Na seção seguinte o intuito é tecer considerações acerca da voz anticausativa. Para isso, utilizarei intuições de Pylkkänen (2002, 2008), Camargos (2013) e Schäfer (2008).

5.3 VOZ ANTICAUSATIVA

O objetivo desta seção é apresentar argumentos a favor da hipótese de a voz anticausativa em Tenetehára ser realizada pelo prefixo {ze-}, o qual é homógrafo ao prefixo de voz reflexiva e recíproca, como pode ser notado pelos exemplos em (6) a (10) a seguir¹⁴.

(6) *u-ze-mim* *irikaw* *kaʔa* *r-upi* *aʔe*
 3-AC-esconder riacho mata C-em ele
 “O riacho se esconde na mata”

(7) *u-ze-uka* *pərirəgaw* *u-ʔar* *pə* *kuri* *aʔe*
 3-AC-quebrar muro 3-cair COMP então ele
 “O muro se quebrou e caiu”

¹⁴ Pesquisas futuras poderão investigar se a voz anticausativa é produtiva na língua Kamaiurá. Compare os dados de (6) a (10) com o seguinte dado:

wirapĩ-a *r-upiʔa* *o-je-ka*
 passarinho-NP REL-ovo 3-REFL-quebrar
 “O ovo de passarinho quebrou” (SEKI, 2000, p. 300).

- (8) *u-ze-aiko iwəkun iwak r-ehe aʔe wə*
 3-AC-balançar nuven céu C-em ela PL
 “As nuvens se balançam no céu”
- (9) *u-ze-apo nərəj aʔe wə*
 3-AC-fazer laranja ela PL
 “As laranjas estão maduras”
- (10) *u-ze-kanaw pən aʔe*
 3-AC-dobrar pano ele
 “O pano se dobrou”

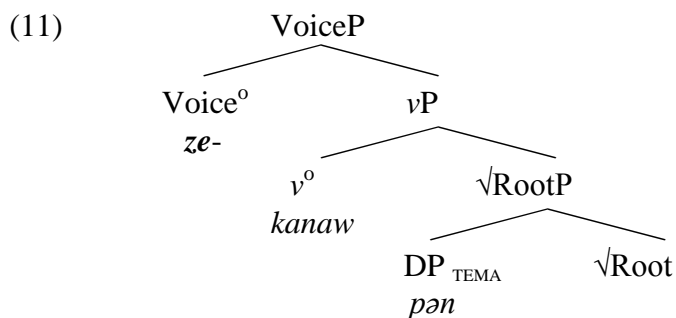
Nos dados em (6) a (10), nota-se que os verbos *mim* “esconder”, *uka* “quebrar”, *aiko* “balançar”, *apo* “fazer” e *kanaw* “dobrar” podem co-ocorrer com o prefixo {ze-}. Assumirei, assim, que neste contexto emerge a voz anticausativa. De acordo com Nedjalkov & Silnickij (1973), “o membro não causativo de uma oposição, que deve ser formalmente marcado por meio de um afixo anticausativo, será denominado como anticausativo”¹⁵. Em síntese, ocorre voz anticausativa quando não há como recuperar o argumento externo causador ou um agente de causação na estrutura sintática de superfície.

Schäfer (2008) explica que é muito comum encontramos morfemas reflexivos atuando como marcadores de anticausatização entre as línguas naturais. Neste sentido, o morfema reflexivo em anticausativas é a instanciação de um núcleo Voice^o defectivo. Assim, o impacto temático de Voice é então alterado pelo reflexivo sem argumento externo. O resultado é

¹⁵ Tradução de: “The non-causative member of an opposition which is formally marked by means of an anticausative affix will be said to be an anticausative”.

então uma estrutura verbal anticausativa ou inacusativa. Em suma, a hipótese geral de Schäfer (2008) é a de que a morfologia anticausativa é o gatilho que desativa o potencial temático de Voice^o, tornando-o defeutivo. Assim, a morfologia anticausativa gera um Voice^o expletivo, ao invés de reflexivizá-lo.

Convertendo a análise do autor para a presente tese, proponho que também em Tenetehára, o morfema reflexivo em anticausativas é a instanciação de um núcleo Voice^o defeutivo. Assim, esta estrutura inacusativa não terá um argumento externo projetado por Voice^o e o único argumento presente na configuração será um sujeito que recebe o papel temático tema. Observe a configuração arbórea abaixo. A derivação em (11) é minha proposta para anticausativas em Tenetehára, o mapeamento abaixo se refere ao exemplo (10).



O mapeamento em (11) é uma proposta cujo objetivo é estabelecer um paralelo entre as análises de Pylkkänen (2002, 2008), Camargos (2013) e Schäfer (2008). A primeira autora afirma que o núcleo introdutor de

argumento externo é Voice^o. Camargos (2013), aplica a teoria de Pylkkänen (2002, 2008) para o Tenetehára. Já Schäfer (2008), assume que o Núcleo Voice^o, em anticausativas, é defectivo.

Note que há adequação entre as análises referenciadas. Como se pode perceber em (11), o morfema {-ze} é inserido por meio de *merge* externo e não atribui nenhum papel temático, conforme prediz a análise de Schäfer (2008). Ou seja, se um morfema reflexivo não atribui nenhum papel temático, uma estrutura inacusativa ou anticausativa é gerada. Assim, a posição sintática em que Pylkkänen (2002, 2008) afirma ser o local em que um argumento externo agente é gerado, não é projetado.

Na próxima seção, o intuito é evidenciar que morfemas causativos e reflexivos podem coocorrer em Tenetehára. Além do mais, as derivações são capazes de modificar a semântica da dinâmica das forças perceptíveis no evento.

5.4 COOCORRÊNCIA DOS MORFEMAS CAUSATIVOS E REFLEXIVOS

Nesta seção, o objetivo é analisar as propriedades morfossintáticas e semânticas dos morfemas causativos e reflexivo em contextos em que os dois morfemas coocorrem. O exame minucioso de tais propriedades tem como intuito (i) verificar como se dá o mecanismo de retomada anafórica, (ii) analisar a ordem linear em que estes afixos ocorrem, (iii) verificar de que forma a semântica da dinâmica das forças perceptíveis no evento é

sensível às derivações pertinentes e (iv) investigar sobre qual argumento recai a dinâmica do impacto das forças no evento em um verbo inacusativo/descriptivo, por exemplo. Para isto, considere os exemplos a seguir.

(12a) *i-purəŋ* *kuzətəi* *aʔe*
 3-bonita menina ela
 “A menina está bonita”

(12b) *u-mu-purəŋ* *kuzə* *kuzətəi* *aʔe*
 3-CAUS-bonita mulher menina ela
 “A mulher embelezou a menina”

Os exemplos em (12) mostram que o verbo inacusativo *purəŋ* “estar bonito” pode ser causativizado por meio do prefixo de causação direta {*mu-*}. O resultado é a formação do verbo transitivo causativo *mu-purəŋ* “embelezar”. Este novo predicado verbal pode ainda apresentar as seguintes derivações morfológicas:

Derivação 1: causativização → reflexivização

(13a) *u-mu-purəŋ-kar* *awa* *kuzətəi* *kuzə* *ø-pe* *aʔe*
 3-CAUS-bonita-CAUS homem menina mulher C-por ela
 “O homem fez a mulher embelezar a menina”

(13b) *u-ze_k-mu-purəŋ-kar* *awa_k* *kuzə* *ø-pe* *aʔe*
 3-REFL-CAUS-bonita-CAUS homem mulher C-por ela
 “O homem_k fez a mulher embelezá-lo_k”

Veja que, em (13b), o verbo transitivo causativo *mupurəŋ* “embelezar” foi novamente causativizado por meio do morfema {-*kar*}. Este último processo resulta em uma causação semanticamente indireta. Em

termos argumentais, o resultado é um predicado verbal que apresenta em sua grade temática três argumentos nucleares: o sujeito agente, o *causee* e o objeto afetado. Além do mais, esta sentença apresenta uma estrutura com três subeventos, conforme delineado abaixo:

- (14) [O homem fez [a mulher fazer [a menina ficar embelezada]]]
 [EVENTO CAUSADOR [EVENTO CAUSADOR [EVENTO CAUSADO]]]

No exemplo (13b), por sua vez, o predicado duplamente causativizado *mupurəŋkar* “fazer embelezar” recebe o prefixo reflexivo {ze-}. O resultado semântico desta reflexivização é que o impacto do evento causado recai sobre o DP argumento externo agente pertencente à causação indireta, a saber: o DP sujeito *awa* “homem”. Desta forma, os três subeventos podem ser vislumbrados da seguinte forma:

- (15) [O homem_k fez [a mulher fazer [o homem_k ficar embelezado]]]
 [EVENTO CAUSADOR [EVENTO CAUSADOR [EVENTO CAUSADO]]]

Além do mais, a língua Tenetehára permite também o acréscimo da morfologia causativo-reflexiva até atingir uma etapa em que a predicação terá todos os possíveis *slots* preenchidos por meio de ordenações diferentes

em relação à que foi exibida nos exemplos de (12) e (13). O dado seguinte traz um contexto em que se mostram as várias etapas da derivação.

Derivação 2: reflexivização → causativização → causativização

- (16a) $u\text{-}ze_k\text{-}\boxed{mu\text{-}purə\eta}$ $kuzətəi_k$ $aʔe$
 3-REFL-CAUS-bonita menina ela
 “A menina se embelezou”

No exemplo (16a), o verbo transitivo causativo *mupurəḡ* “embelezar” recebe o morfema {ze-}, o qual tem a função de reflexivizar esta predicação. O resultado é que o DP *kuzətəi* “menina” é o sujeito agente, sobre o qual também recai a ação verbal. Esta construção, por sua vez, pode ser novamente causativizada, conforme (16b’) e (16b’’) abaixo.

- (16b’) $u\text{-}mu\text{-}ze_k\text{-}\boxed{mu\text{-}purə\eta}$ $kuzə$ $kuzətəi_k$ $aʔe$
 3-CAUS-REFL-CAUS-bonita mulher menina ela
 “A mulher fez a menina se embelezar” (=causação direta)

Note que em (16b’), a predicação transitiva reflexivizada *zemupurəḡ* “embelezar-se” é novamente causativizada por meio do prefixo {mu-}, envolvendo o predicado a *muzemupurəḡ* “fazer embelezar-se”. Vale ressaltar que este morfema tem a função de introduzir uma causação direta. Assim, a ação do DP *kuzə* “mulher” deve ter um impacto direto sobre o evento causado, o qual é introduzido por *zemupurəḡ* “embelezar-se”. Observe mais uma sentença.

(16b'') *u-mu-ze_k-mu-purəŋ-kar* *kuzə* *kuzətəi_k* *aʔe*
 3-CAUS-REFL-CAUS-bonita-CAUS mulher menina ela
 “A mulher fez a menina se embelezar” (causação indireta)

Em (16b''), após a formação do predicado *muzemupurəŋ* “fazer embelezar-se”, o complexo morfológico pode ainda receber o morfema causativo indireto {-kar}, gerando *muzemupurəŋkar* “fazer embelezar-se”. Como foi mostrado na seção 5.3, a causação indireta deve ser marcada pela dupla causativização quando o predicado for inacusativo ou inergativo.

Por isso, na construção em (16b''), vemos que a causativização indireta de verbo transitivo reflexivizado também é codificada pela ocorrência simultânea dos dois morfemas causativos. Ademais, podemos delinear, mais uma vez, os três micro-eventos do exemplo.

(17) [A mulher fez [a menina_k fazer [a menina_k ficar embelezada]]]
 [EVENTO CAUSADOR [EVENTO CAUSADOR [EVENTO CAUSADO]]]

De modo geral, note que há duas situações, a saber: (i) o morfema {*mu-*} indica a causação direta, como em (16b') e (ii) os morfemas {*mu-*} e {-kar} indicam a causação indireta, conforme o exemplo (16b'').

Enfim, note que a ordem de coocorrência de {*ze-*}, {*mu-*} e {-kar} não é trivial: a disposição e a ordem em que tais morfemas ocorrem, produz as leituras descritas anteriormente.

A partir das análises realizadas, chega-se aos seguintes padrões de ordenação dos morfemas reflexivo, causativos e da raiz verbal. Além do tipo semântico da causação e sobre qual argumento recai a dinâmica do impacto das forças no evento em um verbo inacusativo/descriptivo, por exemplo:

QUADRO 4
ordem linear dos afixos - 1

Ordem linear dos afixos					Tipo de Causação		Argumento que recebe o impacto no evento		
					direta	indireta	agente	<i>causee</i>	afetado
		{ <i>mu-</i> }	√		✓				✓
		{ <i>mu-</i> }	√	{ <i>-kar</i> }		✓			✓
	{ <i>ze-</i> }	{ <i>mu-</i> }	√	{ <i>-kar</i> }		✓	✓		

QUADRO 5
ordem linear dos afixos - 2

Ordem linear dos afixos					Tipo de Causação		Argumento que recebe o impacto no evento		
					direta	indireta	agente	<i>causee</i>	afetado
		{ <i>mu-</i> }	√		✓				✓
	{ <i>ze-</i> }	{ <i>mu-</i> }	√		✓		✓		
{ <i>mu-</i> }	{ <i>ze-</i> }	{ <i>mu-</i> }	√		✓		✓		
{ <i>mu-</i> }	{ <i>ze-</i> }	{ <i>mu-</i> }	√	{ <i>-kar</i> }		✓		✓	

Na próxima seção, apresento um resumo acerca dos assuntos abordados neste capítulo. Neste sentido, teço considerações relacionadas aos objetivos e hipóteses.

5.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, o objetivo foi mostrar que em Tenetehára as construções que vêm marcadas por meio do morfema {-ze} podem ser classificadas como reflexivas, recíprocas ou anticausativas. Em termos descritivos, este morfema afixa-se apenas a verbos transitivos. Além disso, analisei as propriedades morfossintáticas e semânticas da coocorrência do prefixo {ze-} com os morfemas causativos {mu-} e {-kar}. Este capítulo teve como intuito verificar como se dá o mecanismo de retomada anafórica, propor a ordem linear em que estes afixos ocorrem, verificar de que forma a semântica da dinâmica das forças perceptíveis no evento é sensível às derivações pertinentes e, por fim, investigar sobre qual argumento recai a dinâmica do impacto das forças no evento em um verbo inacusativo/descritivo, por exemplo. No próximo capítulo, o objetivo é investigar as nominalizações que se dão por meio do morfema {-har}. A hipótese a ser desenvolvida é que, na realidade, existem dois morfemas {-har} em Tenetehára: o nominalizador de agente e o de circunstância.

Capítulo 6

Nominalizações de agente e circunstância

Neste capítulo, analiso o escopo morfossintático do sufixo {-har} na gramática da língua Tenetehára. O que se observa é que este nominalizador cria nomes a partir de verbos transitivos, advérbios e posições. Assim, observou-se que os predicados, os quais são nominalizados com o sufixo {-har}, comportam-se como os demais sintagmas nominais na língua, uma vez que podem exercer as funções sintáticas de sujeito, objeto e adjuntos.

Outro objetivo é estabelecer uma correlação do nominalizador {-har} observado na língua Tenetehára com o registrado em outras três da família Tupí-Guaraní, são elas: o Asurini do Xingu (Ramo V), o Kamaiurá (Ramo VII) e o Parakanã (Ramo IV). Em suma, a análise efetuada a partir das línguas Parakanã, Asurini do Xingu e Kamaiurá demonstra que nas mesmas figuram um morfema nominalizador de agente e outro de circunstância. Como corolário dessa intuição, pode-se assumir que, em Tenetehára, existem dois morfemas {-har}, a saber: o nominalizador de agente e o nominalizador de circunstância. Assim, estas duas funções, que

em outras línguas Tupí-Guaraní são codificadas por dois sufixos nominalizadores distintos, em Tenetehára são homófonos.

Finalmente, investiguei as morfologias referentes a marcas de tempo e negação nas construções nominalizadas, a fim de levantar evidências capazes de corroborar a hipótese de que as construções com {-har} são de fato, nominalizações.

O capítulo está organizado em cinco seções. Na seção 6.1, analiso os contextos em que sufixo nominalizador {-har} ocorre. Na seção 6.2, faço um paralelo entre a nominalização do sufixo {-har}, em Tenetehára, com o registrado em outras três línguas da família Tupí-Guaraní, a saber: o Asurini do Xingu (Ramo V), o Kamaiurá (Ramo VII) e o Parakanã (Ramo IV). Na seção 6.3, o objetivo é investigar se a marcação morfológica temporal nas construções nominalizadas valida a hipótese de que as construções com {-har} são, de fato, nominalizações. Na seção 6.4, o intuito é apresentar a negação nas construções nominalizadas. Isso poderá comprovar a afirmação de que as construções em que o morfema {-har} figura, são, realmente nominalizações. Finalmente, na seção 6.5, apresento o resumo do capítulo. Na próxima seção, mostro os dados relevantes para a presente análise.

6.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, o intuito é analisar contextos em que o sufixo nominalizador {-har} ocorre. Desta forma, proporei que uma realização do

morfema {-har} necessariamente introduz uma acepção agentiva. Já a outra versão do morfema nominalizador {-har} afixa-se a sintagmas adverbiais e posposicionais, sendo o nominalizador de circunstância.

6.1.1 SUFIXO NOMINALIZADOR {-har}

De acordo com Castro (2007) e Castro & Camargos (2013, 2015) nota-se que, via de regra, a língua Tenetehára disponibiliza o sufixo nominalizador de agente {-har}, o qual, de modo geral, afixa-se a verbos transitivos. Essa nominalização resultará em um sintagma nominal que tem como referência o sujeito agente da predicação inicial.

No exemplo (1a), figura a raiz verbal transitiva *zapo* “fazer”, a qual seleciona dois argumentos nucleares, a saber: o DP sujeito *awa* “o homem” e o DP objeto *wirapar* “o arco”. Após a sufixação do morfema {-har} em (1b), o verbo transitivo passa a se comportar como sintagma nominal, o qual semanticamente refere-se ao sujeito agente do predicado transitivo inicial. Curiosamente, o DP objeto *wirapar* assume a função de complemento do núcleo do predicado que foi nominalizado. Comparem-se os exemplos a seguir:

- (1a) *u-zapo* *awa* *wirapar* *aʔe*
 3-fazer homem arco ele
 “O homem fez o arco”
- (1b) *wirapar* *i-zapo-har*
 arco 3-fazer-NOML
 “Aquele que faz arco” (= O fabricante de arco)

A mesma situação acontece no dado em (2a). Note que o predicado transitivo *zapi* “atirar” seleciona dois argumentos nucleares: o DP sujeito *awa* “o homem” e o DP objeto *zəwəruhu* “onça”. Já em (2b), esse predicado recebe o morfema {-*har*}, cuja função é a de nominalizar o predicado verbal. Nessa linha de investigação, o sintagma nominal refere-se ao sujeito agente do verbo transitivo. Finalmente, o DP objeto *zəwəruhu*, em (2b), continua a exercer a função de complemento do núcleo do predicado, conforme é possível visualizar nos exemplos a seguir:

- (2a) *u-zapi* *awa* *zəwəruhu* *aʔe*
 3-atirar homem onça ele
 “O homem atirou na onça”
- (2b) *zəwəruhu* *i-zapi-har*
 onça 3-atirar-NOML
 “Aquele que atira na onça” (= O atirador de onça)

Com o intuito de confirmar a proposta de análise apresentada acima, forneço mais um dado. Assim sendo, no contexto em (3a), o verbo transitivo *zuka* “matar” seleciona dois argumentos nucleares: o DP sujeito *awa* “o homem” e o DP objeto *zəwəruhu* “onça”. Depois da sufixação do nominalizador {-*har*} em (3b), ocorre a nominalização do verbo transitivo. Outra evidência é que este sufixo faz com que o sintagma receba papel

temático de agente da predicação verbal em que pode ser inserido, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (3a) *u-zuka* *awa* *zəwəruhu* *aʔe*
 3-matar homem onça ele
 “O homem matou a onça”
- (3b) *zəwəruhu* *i-zuka-har*
 onça 3-matar-NOML
 “Aquele que mata onça” (= O matador de onça)

Adicionalmente, observe que os predicados verbais cuja nominalização ocorre por meio do sufixo {-har}, comportam-se como os demais sintagmas nominais na língua, uma vez que podem exercer as funções sintáticas de sujeito, objeto e adjuntos, conforme os exemplos abaixo.

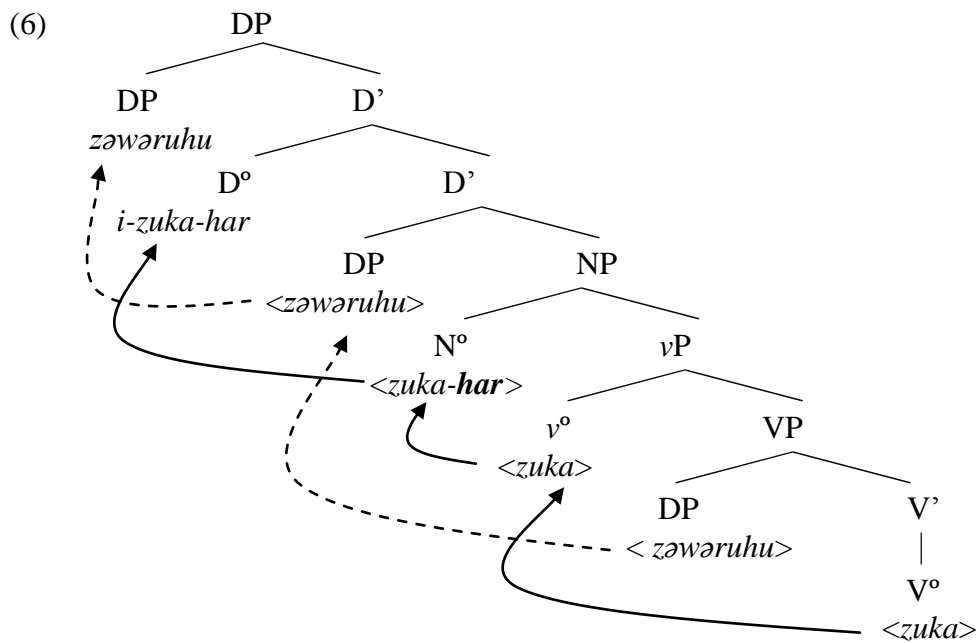
Sujeito (A) e Objeto (O)

- (4) *w-exak* [*pira* *i-pihik-(h)ar-(kw)er*]
 3-ver peixe 3-pegar-NOML-PAST
- [*zəwəruhu* *i-zuka-har*] *kaʔa* *ø-pe* *aʔe*
 onça 3-matar-NOML mata REL-em ele
 “Aquele que pegou o peixe viu o caçador de onça na mata”

Adjunto

- (5) *u-pihik* *kwarer* *amirikur*
 3-pegar menino minhoca
- [*pira* *i-poz-har*] *ø-pe* *aʔe*
 peixe 3-alimentar-NOML REL-para ele
 “O menino pegou minhoca para *aquele que alimenta peixe*”
 (CASTRO & CAMARGOS, 2013, p. 11)

Tendo em conta os dados apresentados, uma maneira de captar a estrutura interna dos predicados nominalizados citados é assumirmos que a derivação da nominalização do verbo *zuka* “matar” do exemplo (3b) ocorre tal como formalizado em (6) a seguir:



Nota-se que, na configuração (6), o verbo *zuka* “matar”, que é gerado no núcleo V° “matar”, inicialmente move-se para o núcleo v°, o qual corresponde ao núcleo causativo¹⁶. Posteriormente, esse verbo desloca-se para o núcleo de NP com a finalidade de receber o sufixo nominalizador {-har}. Em seguida, move-se para o núcleo D° para codificar a definitude

¹⁶ O núcleo causativo v°, nessas construções, é motivado, uma vez que esse núcleo pode ser preenchido pelo morfema {mu-}, conforme o seguinte exemplo:

kwarer i-mu-zən-har
 menino 3-CAUS-correr-NOML
 “Aquele que faz o menino correr”

do sintagma nominal. Observa-se ainda que o DP argumento *zəwəruhu* “a onça” é gerado como argumento interno da estrutura verbal com a função semântica de afetado. Em seguida, o argumento move-se ciclicamente para os especificadores de NP e de DP, respectivamente. Tais movimentos têm como finalidade estabelecer concordância com o núcleo da estrutura nominalizada, o que é evidenciado pelo acionamento do prefixo {*i-*} no núcleo D^o. Assumo que os especificadores movem-se devido ao traço EPP, enquanto os núcleos por razões fonológicas.

Outra regra gramatical importante é que somente verbos transitivos podem ser nominalizados por meio do sufixo {-*har*}, intransitivos em geral recebem o nominalizador *maʔe*. Por esta razão, caso um verbo inacusativo ou inergativo seja submetido à sufixação do morfema {-*har*}, o resultado será uma construção agramatical, conforme mostram os exemplos arrolados a seguir. Note que, nos exemplos em (7a) e (8a), figuram os verbos inacusativos *pok* “explodir” e *katu* “ser bom”, respectivamente que selecionam os DPs sujeitos *awaxi* “o milho” e *məŋ* “a manga”, respectivamente. Os exemplos (7b) e (8b) são agramaticais porque o morfema {-*har*} não possui a propriedade morfossintática de nominalizar verbos inacusativos. Para tal, comparem-se os exemplos seguintes:

(7a) *o-pok* *awaxi* *aʔe*
 3-explodir milho ele
 “O milho explodiu”

(7b) **awaxi* *i-pok-(h)ar*

milho 3-explodir-NOML
“O milho, aquilo que explode”

(8a) *i-katu məŋ* *aʔe*
3-bom manga ela
“A manga é boa”

(8b) **məŋ* *i-katu-har*
manga 3-bom-NOML
“A manga, aquela que é boa”

Situação paralela ocorre com verbos inergativos, uma vez que como também são verbos monoargumentais não podem ser nominalizados por meio do prefixo nominalizados por meio do sufixo {-har}, conforme o seguinte par de dados. Note que o predicado *uzən* “correr”, ao receber o morfema {-har}, gera uma sentença agramatical.

(9a) *u-zən* *awa* *aʔe*
3-correr homem ele
“O homem correu”

(9b) **u-zən-har*
3-correr-NOML
“Aquele que corre”

Para que os predicados inacusativos e inergativos sejam nominalizados, a língua em análise disponibiliza outro morfema, a saber: o sufixo nominalizador {-maʔe}. Assim sendo, a função desse morfema é nominalizar verbos inacusativos e inergativos. O sintagma nominal resultante dessa nominalização tem como função referir-se ao único

argumento da predicação inacusativa e inergativa, conforme os exemplos a seguir. Vê-se que, após a sufixação do morfema {-maʔe}, em (7c), (8c) e (9c) os verbos inacusativos *pok* “explodir” e *katu* “ser bom” e o predicado inergativo *zàn* “correr” comportam-se como sintagma nominal.

(7c) *awaxi* *o-pok-maʔe*
 milho 3-explodir-NOML
 “O milho, aquilo que explode”

(8c) *məŋ* *i-katu-maʔe*
 manga 3-bom-NOML
 “A manga, aquela que é boa”

(9c) *awa* *u-zən-maʔe*
 homem 3-correr-NOML
 “O homem, aquele que corre”

Em suma, analisando os exemplos apresentados até o presente momento, propõe-se neste estudo que o morfema {-har} necessariamente introduz uma acepção agentiva quando ocorre com predicados verbais transitivos, uma vez que apenas tais tipos de predicados podem receber esse sufixo. Caso o predicado tenha um sujeito com a função semântica de afetado, como (7), ou de objeto estativo, como (8), ou ainda, seja intransitivo, como em (9), outro morfema nominalizador deve ser acionado, a saber: {-maʔe}.

A outra realização do morfema {-har} afixa-se a advérbios. Em termos descritivos, o resultado desse processo introduz a entidade pertencente ao lugar, como em (10), ou ao indivíduo que porta determinada

característica, como em (11), ou ainda ao tempo como em (12). Adicionalmente, nessas construções de nominalização de advérbios, diferentemente da realização de {-har} em verbos, não há uma acepção agentiva relacionada com o sintagma nominal resultante, conforme os exemplos a seguir:

(10a) *iwate*
alto
“lá em cima”

(10b) *iwate-har*
alto-NOML
“Aquilo que é do alto” (= O celeste)

(11a) *mewe*
devagar
“devagar”

(11b) *mewe-har*
devagar-NOML
“Aquele que (anda) devagar” (= O lerdo)

(12a) *kwehe*
passado
“Faz tempo”

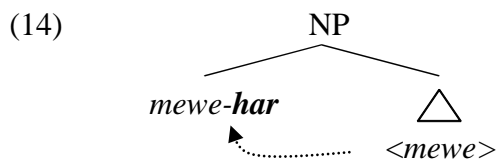
(12b) *kwehe-har*
passado-NOML
“Aquele que é do passado” (= Os antigos)

Adicionalmente, sintagmas adverbiais nominalizados por meio desta segunda realização do sufixo {-har}, comportam-se como os demais sintagmas nominais na língua, uma vez que podem exercer as

funções sintáticas diversas, como por exemplo, sujeito de verbo inergativo, conforme o exemplo seguinte.

- (13) *u-wewe* [*iwate-har*] *aʔe*
 3-voar alto-NOML ele
 “Aquilo que é do alto voou”

A fim de evidenciar a derivação da nominalização do advérbio *mewe* “devagar” em (11b), proponho a estrutura configuracional em (14) em que o sintagma AdvP move-se para o núcleo N^o por razões fonológicas.



O curioso é que esse morfema ainda é capaz de nominalizar sintagmas posposicionais. O resultado desse processo é uma estrutura mais articulada que se comporta como um nome. Vê-se que, no exemplo (15a), figura o sintagma posposicional *pi rehe* “do pé”. Adicionalmente, em (15b), o morfema {-har} é afixado a essa estrutura, resultando no sintagma nominal *po rehe har* “aquilo que é do pé”. A estrutura sintagmática final é um complexo nominalizado que se refere à entidade relacionada ao lugar indicado pelo sintagma posposicional inicial, de acordo com os seguintes exemplos:

- (15a) *pi* *r-ehe*

pé C-de
“Do pé”

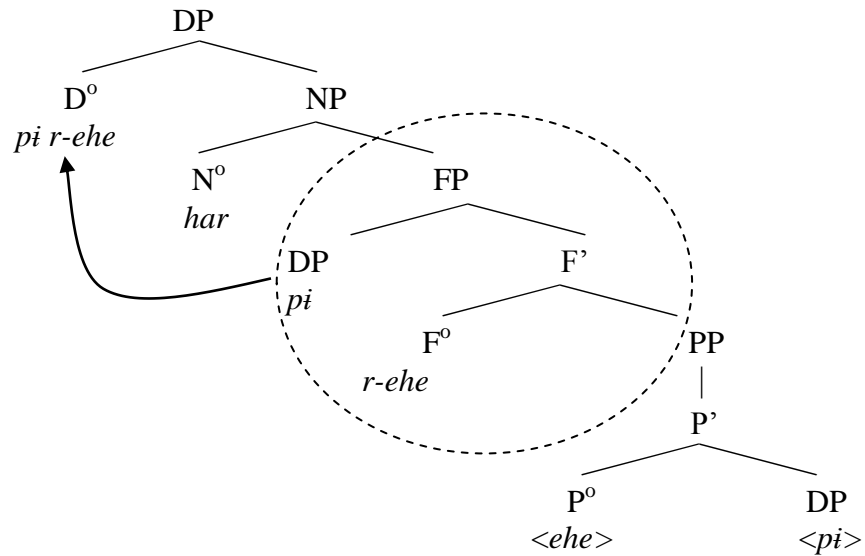
- (15b) *pi* *r-ehe-har*
pé C-de-NOML
“Aquilo que é do pé” (= Calçado)

Além disso, predicados posposicionais nominalizados por meio do sufixo {-*har*}, comportam-se como os demais sintagmas nominais na língua, uma vez que podem exercer as funções sintáticas diversas, tais como sujeito de verbo descritivo, conforme o exemplo abaixo.

- (16) *u-kəzɪm* [*pi* *r-ehe-har*] *aʔe*
3-desaparecer pé REL-em-NOML ele
“Aquilo que é do pé desapareceu”

Com o intuito de ilustrar o processo de derivação da nominalização do sintagma posposicional *he py rehehar* “aquilo que é do meu pé” de (14b), apresenta-se a estrutura configuracional em (17) a seguir.

(17)



Em relação aos movimentos estabelecidos na configuração acima, Tomando por base a teoria de checagem (cf. CHOMSKY, 1995), assumo que a construção de sintagmas posposicionais na língua Tenetehára possui um traço-EPP ininterpretável, o qual obriga o complemento a se mover, em sintaxe visível, para checar Caso oblíquo na posição (aqui rotulada provisoriamente de) Spec-FP antes de *Spell-Out*. A concordância entre o DP movido *pi* “pé” e o núcleo P° pode ser interpretada como sendo o reflexo da atribuição de Caso abstrato oblíquo operando entre um núcleo funcional e um DP que esteja em seu domínio de c-comando. Finalmente, o morfema {-har} é inserido na estrutura por meio de *murge* externo e o PP se move em bloco para a posição N° tornando-se um nome. Maiores detalhes acerca de movimentos e concordância em PPs serão abordados no Capítulo 7, que é exclusivo para análise de posposições na língua Tenetehára. A seguir, apresento mais dois exemplos de nominalizações.

Note que no exemplo (18a), ocorre o sintagma posposicional *iwi r-upi* “pela terra”. Por outro lado, em (18b), o sintagma posposicional recebe o morfema {-*har*}, cuja função é a de nominalizar a estrutura, resultando no sintagma nominal *iwi rupihar* “aquilo que (anda) pela terra”. Finalmente, a estrutura sintagmática final passa a ser um complexo nominalizado que refere-se à entidade relacionada ao lugar indicado pelo sintagma posposicional inicial, conforme é possível constatar por meio dos seguintes dados:

(18a) *iwi r-upi*
 terra C-por
 “Pela terra”

(18b) *iwi r-upi-har*
 terra C-por-NOML
 “Aquilo que (anda) pela terra” (= O terrestre)

Vê-se que, no exemplo (19a), figura o sintagma posposicional *kaʔa pe* “para o mato”. Adicionalmente, em (19b), o morfema {-*har*} é afixado a essa estrutura, resultando no sintagma nominal *kaʔa pehar* “aquilo que (vai) para o mato”. A estrutura sintagmática final é um complexo nominalizado que se refere à entidade relacionada ao lugar indicado pelo sintagma posposicional inicial, conforme estes exemplos:

(19a) *kaʔa ø-pe*
 mato C-para
 “Para o mato”

(19b) *kaʔa ø-pe-har*
 mato C-para-NOML
 “Aquilo que (vai) para o mato” (= Selvagem)

De modo geral, em termos semânticos, a nova estrutura denota uma unidade linguística pertencente ao lugar indicado pelo sintagma posposicional não nominalizado. Observa-se ainda que esse processo morfossintático e semântico é paralelo à nominalização de advérbios. Na próxima seção, o objetivo é estabelecer correlação do fenômeno observado na língua Tenetehára com o registrado em outras três línguas da família Tupí-Guaraní.

6.2 COMPARAÇÃO COM OUTRAS LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ

Nesta seção, o intuito é estabelecer correlação do fenômeno da nominalização por meio das duas instâncias do sufixo {-*har*} observado na língua Tenetehára com o registrado em outras três da família Tupí-Guaraní, a saber: o Asurini do Xingu (Ramo V), o Kamaiurá (Ramo VII) e o Parakanã (Ramo IV). Tal como feito para a língua Tenetehára, exibirei nominalizações de verbos transitivos, de advérbios e de posições. Ressalto que a literatura pertinente (SEKI, 2000; PEREIRA, 2010; SILVA 2003), via de regra, não faz distinção entre os morfemas nominalizadores que atuam em sintagmas adverbiais e locativos. A razão desta uniformização é que a nominalização adverbial cobre os dois casos.

A comparação entre as três línguas propostas tem como finalidade responder à seguinte pergunta: o morfema nominalizador {-*har*} constitui-se em um ou dois morfemas? A motivação a esta pergunta está calcada no

seguinte fato: em muitas línguas da família Tupí-Guaraní existem dois morfemas, um que desempenha a função de nominalizar predicados transitivos e outro que tem como propriedade derivar nomes a partir de sintagmas adverbiais (incluindo os locativos). Tendo estas premissas em mente, a hipótese aventada é que, em Tenetehára, trata-se de caso de homofonia. Mais especificamente, uma instância do morfema {-har} seria um nominalizador agentivo e a outra realização, o nominalizador adverbial (abrangendo locativos), o que parece harmonizar-se com o que a literatura sobre línguas Tupí-Guaraní costuma assumir.

Com o intuito de investigar se esta hipótese está mesmo correta, começo, na próxima subseção, com a apresentações dos dados relevantes da língua Kamaiurá.

6.2.1 KAMAIURÁ

De acordo com Seki (2000), em Kamaiurá, o nominalizador {-tat} coocorre com radicais verbais transitivos. Conforme mostra o exemplo (19a) a seguir, o predicado transitivo *juka* “matar”, seleciona o sujeito de terceira pessoa representado pelo prefixo {o-} e o DP objeto *jáwar* “onça”. Por sua vez, em (19b), há um processo morfossintático de nominalização em que o morfema {-tat} é afixado ao verbo *juka* “matar”. Conseqüentemente, o nome derivado adquire o traço semântico [+agentivo].

(20a) *jawár(-a)* *o-juka*

onça-N 3-matar
“Ele matou a onça” (SEKI, 2000, p. 109)

(20b) *juka-tat*
matar-NOML
“O que mata, matador” (SEKI, 2000, p. 121)

Ainda, de acordo com Seki (2000), as nominalizações de circunstância são realizadas por meio do nominalizador *wat*. Em (21a), observamos o advérbio *ikue* “ontem”, já em (21b), o nominalizador de circunstância *wat* é juntado ao advérbio formando a estrutura nominalizada *ikue war* “o que é de ontem”.

(21a) *ikue*
ontem
“Ontem”

(21b) *ikue wat*
ontem NOML
“O que é de ontem” (SEKI, 2000, p. 76)

Em (22a), temos o sintagma locativo *kaʔap* “na mata”. Já no dado em (22b), a estrutura recebe o nominalizador de circunstância *wat*, resultando no sintagma nominal *kaʔape wat* “o que é da mata, o que fica na mata”. Ao final desse processo, o complexo nominalizado faz referência à entidade relacionada ao lugar apontado no sintagma locativo inicial.

(22a) *kaʔa-p*¹⁷ *i-ko-w*
mata-LOC 3-estar-CIRC
“Ele está na mata” (SEKI, 2000, p. 110)

(22b) *kaʔa-p-e* *wat*
mata-LOC-EP NOML
“O que é da mata, o que fica na mata”

Na próxima subseção, mostro os dados pertinentes que se referem à língua Asurini do Xingu.

6.2.2 ASURINI DO XINGU

Conforme Pereira (2010), na língua Asurini do Xingu, o sufixo nominalizador {-*tat*} se junta a radicais verbais transitivos e fornece a acepção agentiva ao nome gerado do processo. Observe, nos dados em (23) a seguir, que o predicado transitivo *mabak* “jogar” recebe o morfema nominalizador {-*tat*}¹⁸, derivando o nome *mabakara* “jogador”.

(23) *ga* *bola* *mabak-ar-a*
3SG.MAS bola jogar-NOML-NA
“Ele é jogador de bola” (PEREIRA, 2010, p. 103)

Em Asurini do Xingu, as nominalizações de circunstância são obtidas ao se afixar o nominalizador *wat* aos advérbiais. No dado em (24), a seguir, observa-se que o advérbio de tempo *kare* “hoje” recebe o afixo

¹⁷ De acordo com Seki (2000), o sufixo de caso “locativo” {-*ip*} é representado em (22a) e (22b) pelo alomorfe /-p/, uma vez que o radical termina em uma vogal. Tal sufixo exprime locação espacial, temporal e de direção.

¹⁸ Conforme Pereira (2010, p. 102), neste caso é comum a queda da consoante coronal inicial e a mudança de *t* para *r* em contextos em que o *t* vier antes do morfema {-*a*}.

nominalizador *wat*, gerando, assim, o nome *kare wara* “que é de hoje”, que remete a uma entidade relacionada a um tempo.

(24a) *kare*
hoje
“Hoje” (PEREIRA, 2009, p. 163)

(24b) *kare war-a*
hoje NOML-N
“O que é de hoje” (PEREIRA, 2009, p. 216)

Nota-se, no exemplo (25) seguinte, que o sintagma locativo *kave* “da roça” ao receber o nominalizador *wat* designa o nome *kave wara* “o que é da roça”.

(25a) *kwaʔi ka-ve*
NPR roça-PSP
“Kwaʔi está na roça” (PEREIRA, 2009, p. 216)

(25b) *ka-ve war-a*
roça-LOC NOM-N
“O que é da roça”

Na próxima subseção analiso dados da língua Parakanã, com o intuito de dar sequência à comparação com os nominalizadores nas línguas selecionadas.

6.2.3 PARAKANÃ

Os estudos acerca da língua Parakanã, realizados por Silva (2003), revelam que o sufixo nominalizador agentivo {-tar}, ao ser afixado a predicados verbais, fornece a acepção agentiva à estrutura

nominalizada resultante. Como um exemplo, veja os dados (26) a seguir. Note que, em (26a), o predicado *xoka* “matar” seleciona os DPs *Marara* e *taxa?o?ia* “porco do mato” como sujeito e objeto, respectivamente. Já em (26b) este mesmo verbo coocorre com o morfema {-tar}, nominalizando o verbo transitivo e fazendo referência ao sujeito agente.

(26a) *Marara o-xoka taxa?o-?i-a*
 Marara 3-matar porco.do.mato-DIM-ARG
 “Marara matou um porco do mato” (SILVA, 2003, p. 167)

(26b) *a?e tapi?ir-a xoka-tar-ete*
 ele anta-ARG matar-NOML-INTS
 “Ele é um matador de anta” (SILVA, 2003, p. 56)

Além disso, os estudos de Silva (2003) evidenciam que, para se nominalizar sintagmas adverbiais, a língua Parakanã utiliza a estratégia morfossintática de adicionar o morfema {-war}. Em (27a) a seguir, observamos o advérbio *ywate* “para cima”, já em (27b), o nominalizador {-war} é afixado ao sintagma adverbial derivando a estrutura nominalizada *iwatewara* “aquilo que é do alto, o avião”.

(27a) *iwate*
 para cima
 “Para cima, em cima” (SILVA, 2003, p. 167)

(27b) *iwate-war-a*
 alto-NOML-ARG
 “Avião” (= Aquilo que é do alto) (SILVA, 2003, p. 167)

Processo semelhante pode ser visualizado em relação à nominalização de sintagmas posposicionais. Vê-se que, no dado (28a), figura o sintagma posposicional *kaʔape* “no mato”. Além disso, em (28b), o morfema {-war} é afixado a essa estrutura, resultando no sintagma nominal *kaʔapewar* “morador da selva”. Assim, a estrutura sintagmática resultante deste processo morfossintático é um complexo nominalizado cuja função é fazer referência à entidade relacionada ao lugar indicado pelo sintagma posposicional inicial, como é possível notar a seguir.

(28a) *kaʔa-pe*
 mato-em
 “No mato” (SILVA, 2003, p. 83)

(28b) *kaʔa-pe-war*
 mato-em-NOML
 “Morador da selva” (SILVA, 2003, p. 105)

Em suma, a análise efetuada a partir das línguas Parakanã, Asurini do Xingu e Kamaiurá demonstrou que nestas línguas figuram um morfema nominalizador de agente e outro de circunstância. Como corolário dessa intuição, pode-se assumir que, em Tenetehára, figuram dois morfemas {-har}, cada um com sua função específica, são elas: (i) o nominalizador de agente e (ii) o nominalizador de circunstância. Já nas línguas Parakanã, Kamaiurá e Assurini do Xingu tais nominalizações são codificadas por dois sufixos nominalizadores distintos. Assim, em Tenetehára, há o nominalizador de agente {-har}, que é paralelo aos morfemas {-tat}

(Kamaiurá e Asurini do Xingu) e {-tar} (Parakanã). A língua Tenetehára exibe ainda o nominalizador de circunstância {-har}, que é paralelo aos morfemas nominalizadores {-wat}(Kamaiurá e Asurini do Xingu) e {-war}(Parakanã). O quadro a seguir apresenta o inventário completo de nominalizadores nas línguas aqui mencionadas.

QUADRO 6
Nominalizadores de circunstância e agente em quatro línguas da família Tupí-Guaraní

<i>Língua</i>	\surd <i>mato</i>	<i>posposição</i>	<i>nominalizador de circunstância</i>
Tenetehára	<i>kaʔa</i>	<i>pe</i>	<i>har</i>
Parakaná	<i>kaʔa</i>	<i>pe</i>	<i>war</i>
Asurini do Xingu	<i>ka</i>	<i>ve</i>	<i>war</i>
Kamaiurá	<i>kaʔa</i>	<i>pe</i>	<i>wat</i>
<i>Língua</i>	\surd <i>matar</i>	<i>nominalizador de agente</i>	
Tenetehára	<i>zuka</i>	<i>har</i>	
Parakaná	<i>xoka</i>	<i>tar</i>	
Asurini do Xingu	<i>djuka</i>	<i>tat</i>	
Kamaiurá	<i>juka</i>	<i>tat</i>	

Na próxima seção, tenho como objetivo investigar a marcação morfológica temporal nas construções nominalizadas que corrobora a hipótese de que as construções com {-har} são, de fato, nomes.

6.3 TEMPO NOMINAL NAS CONSTRUÇÕES NOMINALIZADAS

Conforme indica a literatura acerca de línguas Tupí-Guaraní (SEKI, 2000; JENSEN, 1990), sintagmas nominais partilham com as construções verbais a propriedade de poderem também receber morfologia flexional de tempo. Esta morfologia contribui para localizar o evento descrito pelo nome no eixo temporal presente, passado ou futuro. Neste sentido, a língua Tenetehára não é uma exceção, uma vez que também disponibiliza dois

sufixos de tempo nominal em DPs, a saber: o morfema *{-kwer}*, o qual indica tempo passado; e o morfema *{-rəm}*, cuja acepção é a de tempo futuro, conforme indicam os dados a seguir:

- (29a) *a-exak* *h-əpuj* *ihe*
 1-ver NC-casa eu
 “Eu vi a casa (dele)”
- (29b) *a-exak* *h-əpuj-kwer* *ihe*
 1-ver NC-casa-PAST eu
 “Eu vi a antiga casa (dele)” (= Eu vi a casa abandonada dele)
- (29c) *a-exak h-əpuj-rəm* *ihe*
 1-ver NC-casa-FUT eu
 “Eu vi a futura casa (dele)” (= Eu vi a casa inacabada dele)

Nota-se que, nos exemplos citados, o sintagma nominal *həpuj* “casa (dele)” pode receber os sufixos temporais *{-kwer}* e *{-rəm}*, os quais codificam respectivamente o tempo nominal passado e futuro. Tendo em conta que o morfema *{-har}* nominaliza verbos, advérbios e posposições, a expectativa é que NPs formados a partir desses afixos também possam receber os sufixos de tempo nominal, como ocorre com as bases nominais simples apresentadas anteriormente. De fato, tal previsão é confirmada, pois nominalizações com *{-har}* podem vir com o morfema de tempo, conforme é possível constatar a partir dos exemplos em (30b-c)

Note que, no exemplo (30a), o predicado transitivo *pihik* “pegar” seleciona dois argumentos nucleares, o DP sujeito *ko awa* “este homem” e o DP objeto *pira* “peixe”. Depois da sufixação do morfema *{-har}*, em

(30b-c), o verbo transitivo comporta-se como sintagma nominal. Adicionalmente, essas construções referem-se ao sujeito agente do predicado inicial. Por fim, nota-se que, tanto em (30b) quanto em (30c), os sufixos codificadores de tempo nominal {-*kw*er} e {-*rəm*} são afixados ao sintagma nominal.

Verbo transitivo

- (30a) *u-pihik ko awa pira aʔe*
 3-pegar este homem peixe ele
 “Este homem pegou o peixe”

Nominalização de verbo transitivo

- (30b) *a-exak [pira ø-pihik-har-(kw)er] iko ihe*
 1-ver peixe C-pegar-NOML-PAST estar ele
 “Eu estou vendo *aquele que pegou o peixe*”

- (30c) *a-exak [pira ø-pihik-ha(r)-rəm] iko ihe*
 1-ver peixe C-pegar-NOML-FUT estar ele
 “Eu estou vendo *aquele que pegará o peixe*”

Como é possível notar, tanto sintagmas nominais simples, como em (29), quanto em nominalizações, como em (30), podem receber as marcas de tempo nominal, o que demonstra ser o sufixo {-*har*}, de fato, transformador de predicções verbais em predicados nominais.

As nominalizações de advérbios e de posposições também permitem a marcação de tempo nominal passado e futuro. Nos exemplos (31a) e (31b), figuram os nomes *xehar(kw)er* “aquele que foi daqui” e *xeha(r)rəm* “aquele que será daqui” advindos do advérbio de lugar *xe* “aqui”. Já nos dados em (32) ocorrem os nomes *he pi rehehar(kw)er* “aquilo que era do meu pé” e *he*

pĩ reheha(r)rəm “aquilo que será do meu pé” derivados do sintagma posposicional *he pĩ rehe* “do meu pé”. Nos dois processos de nominalização, podem ser vistas as marcas de tempo nominal, conforme apresentei anteriormente.

(31a) *xe-har-(kw)er*
 aqui-NOML-PAST
 “Aquele que foi daqui” (= Ex-morador daqui)

(31b) *xe-ha(r)-rəm*
 aqui-NOML-FUT
 “Aquele que será daqui” (= Futuro morador daqui)

(32a) *he ø-pĩ r-ehe-har-(kw)er*
 meu C-pé C-de-NOML-PAST
 “Aquilo que era do meu pé” (= Meu ex-calçado)

(32b) *he ø-pĩ r-ehe-ha(r)-rəm*
 meu C-pé C-de-NOML-FUT
 “Aquilo que será do meu pé” (= Meu futuro calçado)

Na seção seguinte, apresento a negação nas construções nominalizadas. A tese que desenvolvo é que a morfologia de negação em sentenças com o morfema {-har} é a mesma da que ocorre na negação nominal em nomes simples. Isso corrobora a afirmação de que as construções em que o morfema {-har} figura são, de fato, nomes.

6.4 NEGAÇÃO NOMINAL NAS CONSTRUÇÕES NOMINALIZADAS

De acordo com Duarte (2002, 2007), diferentemente das línguas indo-europeias, em que a negação geralmente é assinalada por meio de um lexema independente, a língua Tenetehára engatilha a negação de predicados verbais e predicados nominais por meio de morfemas. No caso da negação de sentenças, a língua em análise disponibiliza como estratégia o circunfixo {*n(a)-...-kwaw*}, conforme os dados a seguir:

(33a) *n-u-pihik-kwaw* *awa* *pira* *aʔe*
 NEG-3-pegar-NEG homem peixe ela
 “O homem não pegou o peixe”

(33b) *n-u-kwaw-kwaw* *awa* *maʔe* *aʔe*
 NEG-3-saber-NEG homem coisa ele
 “O homem não sabe de nada”

No entanto, quando esses verbos são submetidos à nominalização por meio de {-*har*}, por exemplo, a língua disponibiliza outro morfema de negação, a saber: o sufixo {-*ʔim*}, conforme os exemplos em (34) e (35). Nota-se que o fato de a língua Tenetehára apresentar o morfema de negação {-*ʔim*} tanto em nomes simples, como em (34), quanto em construções mais complexas como em (35) revela o estatuto nominal das sentenças em que figura o morfema {-*har*}.

(34a) *a-ʔu* *pira* *taj-ʔim* *ihe*
 1-comer peixe pimenta-NEG eu
 “Eu comi peixe sem pimenta”

- (34b) *o-ho kuzə taw-hu ø-pe temetarer-ʔim aʔe*
 3-ir mulher cidade-grande C-para dinheiro-NEG ela
 “A mulher foi para a cidade grande sem dinheiro”
- (35a) *pira i-pihik-har-ʔim*
 peixe 3-pegar-NOML-NEG
 “Aquele que não pega peixe”
- (35b) *maʔe i-kwaw-har-ʔim*
 coisa 3-saber-NOML-NEG
 “Aquele que não sabe de nada”

Assim, a comparação dos dados em (33), por um lado, com os dados em (34) e (35) por outro, corroboram a hipótese de que o morfema {-har} tem a capacidade de mudar o estatuto de construções verbais para nominalizações. Na próxima seção, apresento o resumo do capítulo.

6.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, analisei o escopo morfossintático do sufixo {-har} na gramática da língua Tenetehára. O que foi observado é que este nominalizador cria nomes a partir de verbos transitivos, advérbios e posições. Assim, observou-se que os predicados verbais os quais são nominalizados com o sufixo {-har}, comportam-se como os demais sintagmas nominais na língua, uma vez que podem exercer as funções sintáticas de sujeito, objeto e adjuntos. Adicionalmente, estabeleceu-se correlação do nominalizador {-har} observado na língua Tenetehára com o registrado em outras três línguas da família Tupí-Guaraní, a saber: o Asurini do Xingu (Ramo V), o Kamaiurá (Ramo VII) e o Parakanã (Ramo IV). Em

suma, a análise efetuada a partir das três línguas demonstrou a presença de um morfema nominalizador de agente e outro morfema nominalizador de circunstância. Como corolário dessa intuição, pode-se assumir que, em Tenetehára, existem dois morfemas {-har}, a saber: o nominalizador de agente e o nominalizador de circunstância. O nominalizador de agente em Parakanã e Kamaiurá é {tat-} e em Asurini do Xingu é {-tar}. Já o nominalizador de circunstância em Parakanã e Assurini Xingu é {-war} e em Kamaiurá é {-wat}. Finalmente, foi investigado que as morfologias temporal e de negação nas construções nominalizadas corroboram a hipótese de que as construções com {-har} são, de fato, nominalizações.

No próximo capítulo, ofereço uma análise acerca do comportamento das posposições na língua Tenetehára. Outro objetivo é o de buscar responder se as posposições *ehe* “em” e *pe* “por”, que emergem em construções antipassivas e causativas indiretas, respectivamente, podem ser classificadas como funcionais ou lexicais. Além disso, investigo se tais adposições pertencem a uma classe fixa em termos de classificação.

Capítulo 7

A natureza das posposições em Tenetehára

Este capítulo tem como um de seus objetivos oferecer uma análise acerca da concordância estabelecida entre o núcleo do sintagma posposicional e seu complemento na língua Tenetehára. Observe que, diferentemente do que ocorre em línguas românicas, entre o núcleo P^o e seu complemento emerge uma morfologia cuja função passo a descrever.

De acordo com Duarte (2007), os prefixos { \emptyset - ~ r-} indicam a contiguidade do complemento em relação ao seu predicador, enquanto os prefixos {i- ~ h-} indicam não contiguidade desse complemento. Além disso, os complementos podem ser classificados a partir do seguinte padrão: (i) os núcleos P^o que se iniciam com consoante recebem os prefixos { \emptyset - ~ i-} e (ii) os núcleos que começam com vogal engatilham os prefixos {r- ~ h-}. A fim de fornecer uma visão sinóptica desses afixos, apresento o quadro 7 a seguir.

QUADRO 7
Segundo paradigma de concordância:
prefixos relacionais

Pessoas gramaticais	Raiz iniciada em consoante	Raiz iniciada em vogal	Traço distintivo
1 ^a /2 ^a	∅-	r-	[+PESSOA]
3 ^a	i-	h-	[-PESSOA]

FONTE: Camargos, 2010, p. 27

Além disso, outra finalidade do capítulo é investigar a diferença entre adposições lexicais, funcionais e híbridas (*halfway*), nos termos de Farias (2006), aplicando tal classificação aos ambientes em que figuram as posposições *ehe* “em” e *pe* “por”. Esta distinção entre categorias lexicais e funcionais tem desempenhado um papel importante nas teorias da sintaxe desde os Princípios e Parâmetros até o Minimalismo. Neste sentido, as adposições podem ser classificadas quanto a este quesito, ou seja, se são preposições/posposições semanticamente vazias (*dummy*), mais conhecidas como funcionais; se são lexicais; ou ainda, híbridas (*halfway*).

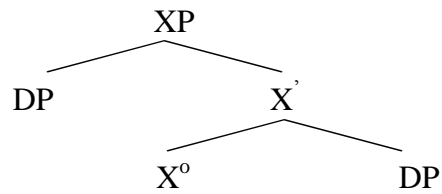
O capítulo está organizado em seis seções. Na seção 7.1, apresento, de acordo com Kayne (1994), o pressuposto de que há apenas uma ordem básica dos constituintes, a saber: SVO. Assim, as outras ordens são alcançadas por meio de movimento constituintes. A partir desta premissa, as preposições seguem a ordem básica e as posposições, a ordem derivada. Na seção 7.2, apresento de forma sucinta como acontece o mecanismo de checagem de traços formais de acordo com Chomsky (1995, 1999, 2000, 2005). Na seção 7.3, teço considerações acerca da flexão relacional que

emerge como produto da relação sintática estabelecida entre o núcleo P^o e o complemento movido para a posição de Spec-FP. Na seção 7.4, apresento minha hipótese de como opera o mecanismo de checagem de traços que resulta em movimentos sintáticos e o acionamento da morfologia relacional no interior de sintagmas posposicionais em Tenetehára. Na seção 7.5, apresento a divisão tripartida das adposições, a saber: lexicais, funcionais e híbridas. Na seção 7.6, investigo como, em construções antipassivas e causativas indiretas, as posposições *ehe* “em” e *pe* “por” são classificadas de acordo com a divisão tripartite. Minha proposta é que tais posposições serão híbridas nestes contextos, mas em outros podem ser também tanto lexicais como funcionais. Por fim, na seção 7.7, apresento o resumo do capítulo. Início, então, com a proposta de ordem universal de Kayne (1994).

7.1 ORDEM DE CONSTITUINTES E CONCORDÂNCIA

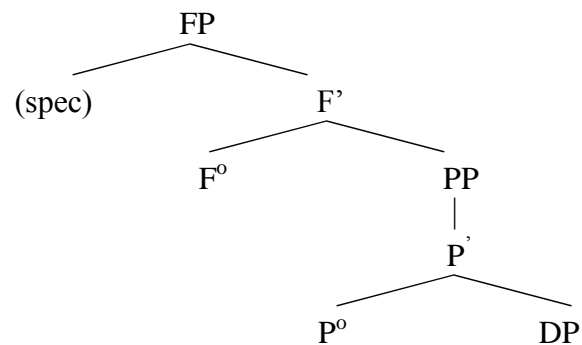
Para Kayne (1994), há apenas uma ordem básica dos constituintes, a saber: [especificador [núcleo complemento]]. Esta ordem supõe a existência de uma assimetria, na qual o especificador e o complemento estão em lados opostos. Mais precisamente, o núcleo seleciona diretamente seu complemento, que é projetado à sua direita, enquanto seleciona indiretamente seu especificador, o qual é instanciado à esquerda, conforme pode ser visto pela estrutura sintagmática, a seguir:

(1)

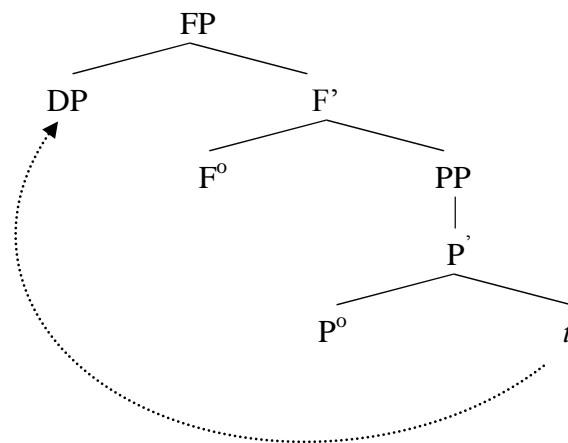


O autor considera ainda ser pouco provável a existência de categorias sintagmáticas nas quais as ordens diferentes de SVO, por exemplo, sejam as de base. Ele observa que as ordens VSO, VOS, SOV, OVS e OSV são alcançadas porque as línguas permitem que seus constituintes possam ser deslocados, de modo a alterar a ordem básica. Assim, em uma língua em que ocorrem preposições, figura uma estrutura semelhante à primeira árvore sintática apresentada a seguir, em que P^o é pronunciado antes de seu complemento. Já em uma língua em que figurem posposições, a derivação deve se iniciar da mesma forma, mas, para alcançar a ordem com núcleo final, deve ocorrer o movimento do complemento para uma posição mais alta na estrutura sintagmática. Este movimento produz a ordem especificador – núcleo. Note as seguintes configurações.

(2)



(3)



Kayne (1994) afirma que na língua Navajo¹⁹ há concordância obrigatória entre as posposições e o seu complemento. Adicionalmente, de acordo com Hornstein, Nunes e Grohmann (2004, p. 119), o húngaro exibe a concordância entre a posposição e o DP que ela seleciona, conforme mostram os seguintes dados:

(4a) *én-mögött-em*
eu-atrás-POSS.1.SG
“Atrás de mim”

¹⁹ Língua indígena americana falada nos Estados Unidos e México.

- (4b) *te-mögött-ed*
 tu-atrás-POSS.2.SG
 “Atrás de você”
- (4c) *mi-mögött-ünk*
 eu-atrás-POSS.1.PL
 “Atrás de nós”
- (4d) *ti-mögött-etek*
 você-atrás-POSS.2.SG
 “Atrás de vocês”

Considerando estas assunções iniciais e levando-se em conta o mecanismo padrão de *agree* (cf. CHOMSKY, 1995), tenho como objetivo, neste capítulo, propor como acontece a derivação que resulta a ordem linear [especificador- núcleo], em que o núcleo do PP figura em posição de núcleo final. Na próxima seção, o objetivo é investigar como atua a checagem de traços conforme foi estabelecido por Chomsky (1995).

7.2 CHECAGEM DE TRAÇOS – Chomsky (1995)

De acordo com a teoria de *agree* (cf. CHOMSKY, 1995), a operação de movimento tem a função de checar traços, motivando o deslocamento de constituintes de uma posição de base para uma posição derivada. Portanto, verbos se movem para posições de núcleos, ao passo que os DPs se deslocam para posições de especificadores de categorias funcionais. A diferença entre as

línguas deve-se ao fato de que esses movimentos podem ocorrer antes ou depois do *Spell-Out*²⁰.

De acordo com a Teoria Gerativa, a partir do Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1995), para que o sistema da língua seja considerado ótimo, faz-se necessário que operações como *move* e *agree* sejam motivadas para atender a condições de legibilidade do sistema sensorio-motor. Assim, a motivação para *agree* é formalizada da seguinte maneira: uma relação de concordância é estabelecida entre α e β . O primeiro possui traços formais interpretáveis e o segundo, traços formais ininterpretáveis, que devem ser apagados/valorados. Um traço ininterpretável atua como uma “sonda” (*probe*) buscando um “alvo” (*goal*). Este pode apagar/valorar os traços ininterpretáveis por meio do movimento de um alvo (*goal*) para uma posição no domínio mínimo da sonda (*probe*). O EPP (*Extended Projection Principle*) e o Caso estrutural atuam de forma conjunta. Assim, o traço-EPP determina a projeção da posição de especificador que irá abrigar o elemento movido. Já a existência do traço de Caso estrutural (ininterpretável) torna esse elemento ativo para tal movimento.

Mais recentemente, Chomsky (1999, 2000, 2005) afirma que relações de concordância podem ser estabelecidas sem necessidade de movimento. Os traços ininterpretáveis de número, pessoa e gênero (chamados traços- ϕ) e os traços de Caso (tais como nominativo e acusativo)

²⁰ De acordo com Kenedy (2013, p. 130), *Spell-Out* é uma bifurcação no curso da derivação sintática, uma espécie de fronteira divisória entre as divisões da forma fonológica e a forma lógica.

podem ser valorados/apagados *in situ*, o que torna o movimento do alvo (*goal*) para a posição de especificador de uma sonda (*probe*) desnecessário. Assim, o princípio de economia denominado *Procrastinate*²¹ implica que um constituinte só se desloca se houver uma forte motivação. No modelo gerativo mais recente, apenas o traço EPP, ininterpretável, na sonda, tem a capacidade de forçar um movimento, obrigando a projeção de uma posição de especificador necessária, a qual irá ser o local de pouso para que um elemento possa checar seus traços ininterpretáveis.

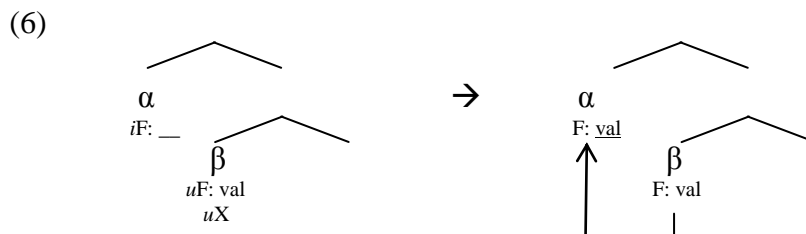
Paralelamente, de acordo com Chomsky (2000, 2001), a operação sintática de concordância *agree Spec-Head* é considerada como sendo uma relação entre uma sonda e um alvo, *Downward Agree* - Concordância Para Baixo. Essa concordância se dá junto com um movimento engatilhado por um traço [EPP] independente no núcleo sonda. Nessa relação, a sonda, carregando algum traço ininterpretável e não valorado procura em seu domínio de c-comando por um alvo, o qual carrega um traço formal combinante interpretável e valorado. O traço combinante é uma exigência para que sonda e alvo possam ser legíveis para uma potencial relação de *agree*. Mais detalhadamente, o alvo mais baixo deve ser equipado com um traço ininterpretável adicional, um requerimento conhecido como *Activity*

²¹ Segundo Chomsky (1993, 1995), *Procrastinate* é um princípio de economia que prediz que movimentos de constituintes devem ocorrer o mais tarde possível, de preferência depois de *Spell-Out* (i.e. na sintaxe encoberta). Além disso, “a força de um traço é um dos elementos da variação linguística: um traço formal pode ser forte ou não, obrigando no primeiro caso ao movimento visível, em violação de Procrastinar”. Tradução aproximada de “feature strength is one element of language variation: a formal feature may or may not be strong, forcing over movement that violate Procrastinate”. (CHOMSKY, 1995, p. 232).

Condition - Condição de Atividade - que irá ser checado/valorado com o núcleo mais alto como um efeito colateral de *Downward Agree*. O traço interpretável e valorado no alvo checa o traço ininterpretável na sonda para valorá-lo. Uma vez que traços não interpretáveis devem ser deletados no nível de LF, a checagem de traços é uma condição necessária para a deleção de traços formais ininterpretáveis. Cada traço ininterpretável deve ser checado/valorado por meio da operação *agree* no curso da derivação. Destarte, a versão padrão de *agree* é definida em (5) e implementada de forma ilustrativa em (6).

Agree

- (5) α pode *Agree* com β se e somente se
- (i) α carrega pelo menos um traço não valorado e ininterpretável e β carrega um traço interpretável combinante valorado;
 - (ii) α c-comanda β ;
 - (iii) β é o alvo mais próximo para α ;
 - (iv) β possui um traço ininterpretável não valorado.



QUADRO 8
Legenda – Traços

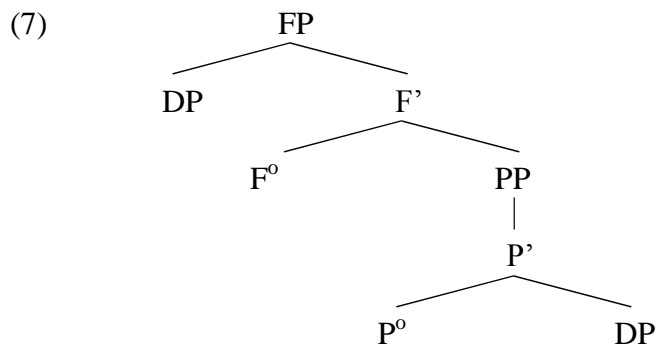
Legenda:
<i>i</i> F: <i>val</i> lexicalmente valorado
<i>i</i> F: __ não valorado lexicalmente
<i>u</i> F: <u><i>val</i></u> valorado na sintaxe
<i>u</i>F: <i>val</i> deletado (Principle of Full Interpretation, by Chomsky 1995)

Na próxima subseção, tendo em conta a teoria sintática assumida acima, o intuito é explicar como se dão as operações sintáticas que geram a ordem núcleo final no âmbito dos sintagmas posposicionais.

7.3 APLICAÇÃO TEÓRICA

Considerando a hipótese de base universal, o c-comando assimétrico e o mecanismo *agree*, assumirei, doravante, que a flexão relacional é reflexo da relação sintática de transmissão de Caso oblíquo que se estabelece entre o complemento e o núcleo da posposição. Essa hipótese fundamenta-se no fato de que a estrutura dos sintagmas posposicionais obedece ao mesmo princípio de checagem de traços formais que se dá no domínio funcional de outras categorias. Nesta linha de investigação, assumirei que, assim como o sujeito eleva-se para a posição de especificador de TP a fim de receber Caso nominativo, os complementos das posposições também deslocam-se para uma posição de especificador de uma categoria funcional acima de PP, com

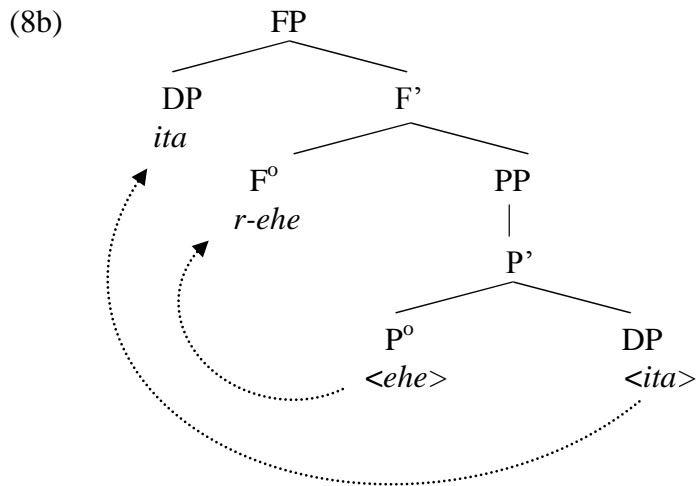
o intuito de checar o Caso oblíquo²². Rotulemos, provisoriamente, esta categoria funcional de FP, conforme se pode ver pela estrutura delineada a seguir:



Notem que a estrutura dos PPs em Tenetehára apresenta a ordem [COMPL [X°]], diferentemente do que acontece com a ordem sintática dos PPs em línguas românicas e germânicas, por exemplo, as quais apresentam a ordem sintática [X° [COMPL]]. Isso parece ser reflexo do fato de o núcleo F° do domínio funcional do PP, em Tenetehára, possuir um traço EPP ininterpretável, que força o movimento visível do complemento para posição de Spec-FP antes de *Spell-Out*. Isto nos permite propor que a derivação da estrutura sintática do sintagma *ita r-ehe* “na pedra”, como em (8a), dá-se como mostrado em (8b).

²² Para mais detalhes acerca do paralelismo entre a atribuição de Caso acusativo ao objeto de verbos transitivos e atribuição de Caso oblíquo ao complemento de posposições e de predicados nominais, ver Camargos & Castro (2013).

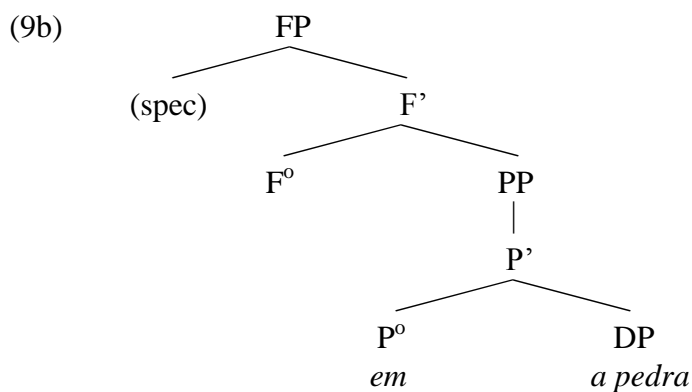
- (8a) *ita* *r-ehe*
 pedra C-em
 “na pedra”



Em relação à ocorrência dos prefixos relacionais {*r-* ~ *ø-*} e {*h-* ~ *i-*} nas posposições, Duarte (2002, 2007) assume que sua função pode ser interpretada como sendo o reflexo da atribuição de Caso abstrato operando entre um núcleo funcional e um DP que esteja em seu domínio de c-comando. Assim sendo, acompanhando o essencial da proposta de Duarte (2007), adotarei aqui a teoria, segundo a qual a flexão relacional emerge como produto da relação sintática estabelecida entre o núcleo P^o e o complemento movido para a posição de Spec-FP. Em suma, a ocorrência desses prefixos pode ser vista como o reflexo, na sintaxe visível, do movimento do DP complemento, de sua posição de base para Spec de FP.

Tal situação não ocorre nas línguas românicas, uma vez que o núcleo de FP não aciona nenhuma flexão relacional nem marca de concordância na adposição. Assim, em português, o traço de Caso oblíquo é valorado/apagado à distância, por isso, o DP complemento de P^o permanece *in situ* nos sintagmas preposicionais, como o seguinte exemplo (9a) e a estrutura arbórea do PP a seguir:

(9a) na pedra



Em síntese, minha hipótese é a de que o engatilhamento da flexão relacional em Tenetehára sinaliza a valoração do Caso Oblíquo aos DPs complementos, que se movem para Spec-FP, o que não ocorre, por exemplo, em português. Na próxima seção, apresento minha hipótese de como opera o mecanismo de checagem de traços resultando em movimentos sintáticos e o acionamento da morfologia relacional no interior de sintagmas posposicionais em Tenetehára.

7.4 ACIONAMENTO DA MORFOLOGIA RELACIONAL

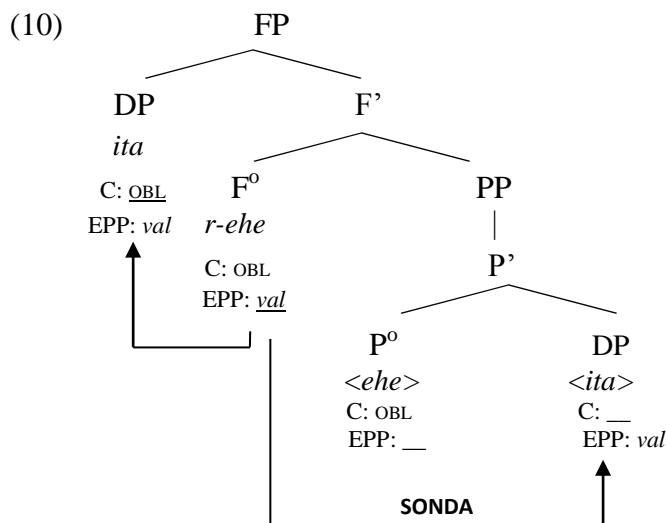
Chomsky (1981) propõe que o Princípio P (Princípio de Projeção - *Projection Principle*) “é o requerimento estrutural que de certas configurações... devem ter sujeito” (CHOMSKY, 1981, p. 27)²³. Porém, Chomsky (1982), reformula este princípio uma vez que o Princípio de Projeção estabelece que as propriedades de marcação *theta* de cada item lexical devem ser representadas categoricamente em cada nível sintático. Porém, a questão que surge, para Chomsky, é que nem sempre um sujeito recebe papel temático do núcleo que o seleciona, por exemplo, em passivas. Assim, Chomsky (1982) passa a se referir ao Princípio de Projeção com a especificidade de que as orações tenham sujeito, como o EPP (Princípio de Projeção Extendida – *Extended Projection Principle*).

Além disso, Chomsky (2000), atualiza ainda mais esta definição afirmando que o EPP é o requerimento de que certos núcleos funcionais devem ter especificador. Neste sentido, em Tenetehára, avento a hipótese de que o traço ininterpretável EPP [*uEPP*] precisa ser checado e apagado. Esta checagem irá ser realizada quando a categoria marcada pelo EPP, o DP complemento, for movido para o domínio de checagem, a saber: F⁰.

Assim, nos sintagmas posposicionais da língua Tenetehára, o núcleo P⁰ atua como uma sonda buscando um DP alvo dentro de seu domínio de checagem, de modo a poder valorar o traço [*uEPP*] numa relação de c-

²³ Tradução aproximada de: “is the structural requirement that certain configurations ... must have subjects ...” (CHOMSKY, 1981, p. 27).

comando. Primeiramente, a posposição *-ehe* move-se do núcleo P^o para o núcleo F^o. A derivação prossegue com a sonda F^o *ehe* “em” buscando o alvo DP *ita* “pedra”. A “Condição de Atividade” é satisfeita pelo traço de Caso oblíquo ininterpretável [*u*C] que o núcleo DP *ita* “pedra” carrega. Assim, uma operação de concordância ocorre entre o argumento *ita* “pedra” e a projeção F^o (i.e. *ehe* “em”), a qual apaga os traços não interpretáveis em ambos os núcleos, a saber: (i) os traços [*u*EPP] em F^o e o traço de Caso [*u*C] no DP. Nesta posição sintática ocorrerá o *Spell-Out* da morfologia de concordância, quando ocorre o movimento da adposição para núcleo de FP. Mais precisamente, observe que o prefixo relacional {*r-*}, acionado no núcleo do sintagma FP, concorda com o argumento interno gerado como complemento de PP e atribui o Caso oblíquo, conforme a derivação a seguir.



Na próxima seção, um objetivo é investigar a diferença entre adposições funcionais e lexicais. Outro objetivo é o de buscar responder se as posposições *ehe* “em” e *pe* “por”, que emergem em construções antipassivas e causativas indiretas, respectivamente, podem ser classificadas como funcionais ou lexicais.

7.5 PREPOSIÇÕES FUNCIONAIS, LEXICAIS E HÍBRIDAS

A distinção entre categorias lexicais e funcionais tem desempenhado um papel importante nas teorias da sintaxe desde os Princípios e Parâmetros até o Minimalismo. Neste sentido, de acordo com Farias (2006), as adposições podem ser classificadas quanto a este quesito, ou seja, se são preposições/posposições semanticamente vazias (*dummy*), mais conhecidas como funcionais; se são lexicais; ou ainda, híbridas (*halfway*, conforme a seguinte descrição:

(i) FUNCIONAIS: realizam sempre Caso oblíquo, c-selecionam, mas não alteram o papel *theta* de seu complemento pelo fato de não o s-selecionar. O papel *theta* do DP complemento da adposição é atribuído pelo predicado verbal. Em função disso, estas adposições são denominadas como marcadores *dummy*. Ou seja, neste caso as adposições não alteram o papel temático do DP. Note que, neste contexto, o complemento da preposição é um argumento do verbo.

(11) O Ricardo deu o livro **para** o José.

(ii) **LEXICAIS**: sozinhas atribuem Caso oblíquo, c-selecionam e s-selecionam seu complemento, atribuindo-lhe papel *theta*. Já nesta situação, o complemento da preposição é um argumento da própria preposição e não do verbo, de acordo com os dados a seguir.

(12) A mulher correu **de** tênis.

(13) José caiu **sobre** o tapete.

(14) O índio chorou **perante** o pajé.

(15) O sol brilhou **após** a chuva.

(iii) **HÍBRIDAS** (*walfway*): adposições cuja função é atribuir Caso oblíquo inerente²⁴ ao seu DP complemento e que juntas com o verbo são predadoras auxiliares do papel temático ao DP. Assim, de acordo com Farias (2006), é o complexo V+P que atribui papel *theta* ao DP objeto, como os seguintes exemplos.

²⁴ De acordo com Chomsky (1981, p. 171), “Caso estrutural, de um modo geral, e dissociado do papel- θ , é uma propriedade estrutural de uma configuração formal. O Caso inerente está intimamente relacionado a papel- θ .” Tradução aproximada de: “Structural Case in general is dissociated from θ -role, it is a structural property of a formal configuration. Inherent Case is presumably closely linked to θ -role”. (CHOMSKY, 1981, p. 171).

(16) A menina chegou do Rio de Janeiro **em** Belo Horizonte.

(17) A menina chegou **ao** cinema.

Em relação à comparação dos exemplos de (16) e (17) acima, de acordo com Farias (2006), as sentenças construídas com os predicados verbais *ir* e *chegar* exibem um comportamento léxico-sintático distinto em diferentes contextos estruturais. Esta idiosincrasia é subordinada à carga semântica da preposição na formação do complexo V+P. Isso significa que o complexo *ir+em* apresenta restrições seletivas quanto à especificação do locativo. Dessa forma, as sentenças estruturadas com o predicado verbal *chegar+em* mostram que o verbo pode realizar simultaneamente DPs com os papéis *theta* fonte e alvo. Já o complexo *chegar+a* não pode realizar o papel temático alvo e fonte, o que resulta na seguinte sentença agramatical.

(18) *A menina chegou do Rio de Janeiro **a** Belo Horizonte.

Note que, quando ocorrem adposições híbridas, a mudança de papel temático dos complementos subespecificados pelo complexo V+P pode gerar alterações nos papéis *theta* recebidos pelos DPs selecionados.

Tendo descrito, de forma sucinta, a classificação tripartite das adposições, o objetivo da próxima seção é responder à seguinte questão: as posposições *e* “em” e *pe* “por” são lexicais, funcionais ou híbridas?

7.6 AS POSPOSIÇÕES *ehe* E *pe* – ANTIPASSIVAS E CAUSATIVAS INDIRETAS

Nesta seção, o objetivo é averiguar o estatuto das posposições *ehe* “em” e *pe* “por” na língua Tenetehára. A adposição *ehe* será pesquisada em contextos de construções antipassivas; já a posposição *pe*, em ambientes sintáticos de causativas indiretas. Início, então, com a posposição *ehe*.

7.6.1 CONSTRUÇÕES ANTIPASSIVAS E A POSPOSIÇÃO *ehe*

Conforme será estudado no capítulo 8 desta tese, os predicados transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, exibem propriedades gramaticais idiossincráticas típicas de construções antipassivas, conforme é possível verificar a partir dos dados a seguir:

- (19a) *u-pihik* *kwarer* *pira* *aʔe*
3-pegar menino peixe ele
“O menino pegou o peixe”
- (19b) *i-puru-pihik-wer* *kwarer* *pira r-ehe aʔe*
3-APASS-pegar-DESID menino peixe C-em ele
“O menino quer pegar o peixe”

Ao observarmos os dados citados e de acordo com as análises de Harrison (1985), Castro (2013) e Duarte, Camargos & Castro (2014), via de regra, o fenômeno sintático de antipassivização em Tenetehára possui as seguintes propriedades sintáticas:

(20)

- (i) o predicado verbal apresenta o prefixo de voz antipassiva {*puru-*};
- (ii) o verbo deve engatilhar o sufixo desiderativo {-*wer*};
- (iii) o predicado verbal aciona sempre o II paradigma de concordância;
- (iv) o DP objeto a recebe a posposição *ehe*, transformando-se em um PP.

A propriedade sintática (iv) pode ser observada no dado em (19b). Ou seja, o DP *pira* “peixe”, que é argumento interno do predicado verbal *pihik* “pegar”, altera-se para um PP, cujo núcleo é a posposição *ehe* “em”.

Inicialmente, *ehe* não pode ser um P^o funcional, pois não é um marcador *dummy* já que altera o papel temático do DP complemento. Também não é lexical, uma vez que *pira* “peixe” é um argumento do verbo *purupihikwer* “querer pegar”. Assim, a hipótese aventada é que a posposição *ehe* “em” atribui Caso oblíquo inerente ao DP *pira* “peixe”. Já em relação ao papel *theta* [TEMA] do argumento posposicionado, assumirei que este papel *theta* é atribuído ao DP complemento pelo complexo *purupihikwer* + *ehe* ([V+P]). Por isto, defendo que esta é uma adposição híbrida (=halfway). Tal intuição está conectada com o fato de o DP objeto *pira* “peixe” receber o papel *theta* [AFETADO] na construção transitiva de (19a), e em (19b) receber a propriedade semântica [TEMA] da variante antipassiva. Assim, a alteração de papel temático entre as versões transitiva e antipassiva pode ser tomada como um diagnóstico a favor da hipótese de que a adposição *ehe*

“em”, nas construções antipassivas, é de fato híbrida, ou seja: marca papel temático composicionalmente com o verbo e atribui Caso inerente dativo.

Na próxima seção, a finalidade é pesquisar o estatuto da posposição *pe* “por” em sentenças com o morfema causativo direto {-kar} na língua Tenetehára.

7.6.2 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS INDIRETAS E A POSPOSIÇÃO *pe*

De acordo com Camargos (2013, p. 15), o morfema causativo {-kar} pode afixar-se a verbos transitivos a fim de introduzir um terceiro argumento na posição de sujeito, de acordo com o exemplo a seguir:

(21a) *u-zuka* *kuzə* *zakukaj* *aʔe*
 3-matar mulher galinha ela
 “A mulher matou a galinha”

(21b) *u-zuka-kar* *awa* *zapukaj* *kuzə* *ø-pe* *aʔe*
 3-matar-CAUS homem galinha mulher C-por ele
 “O homem fez a mulher matar a galinha”

De acordo com o autor, o sufixo {-kar} tem a propriedade de causativizar verbos transitivos, acrescentando um terceiro argumento à estrutura argumental. Assim, no exemplo em (21b) o DP que ocupa a posição de sujeito do verbo transitivo inicial recebe a posposição *pe* “por” no verbo bitransitivo. Nesse sentido, um novo DP é inserido na posição de sujeito do predicado causativizado. Finalmente, o objeto direto do verbo transitivo mantém sua função sintática inalterada após a causativização.

De forma semelhante à análise realizada para a construção antipassiva, minha proposta é a de que a adposição *pe* “por” não é nem lexical nem funcional, mas sim de natureza híbrida. Tal afirmação tem como premissa o fato de que o DP *causee* recebe Caso oblíquo inerente da posposição *pe*. Já o papel *theta* [+DESENCADEADOR, +AFETADO] é atribuído ao DP complemento pelo complexo *zukakar + pe* (V+P). Por isto, a minha tese é a de que essa adposição é, de fato, híbrida. Mais precisamente, assumo que a adposição é híbrida, tendo em conta os seguintes fatores: (i) o Caso oblíquo do DP complemento é atribuído pela posposição e (ii) o seu papel *theta* é atribuído pelo complexo V+P.

Tal intuição está conectada com o fato de o DP sujeito *kuzə* “mulher” na oração transitiva inicial receber o papel *theta* [+DESENCADEADOR] e na sentença derivada causativa indireta de (10b) receber a propriedade semântica [+DESENCADEADOR, +AFETADO].

Na próxima seção, o intuito é pesquisar se as posposições *ehe* e *pe* são sempre do tipo *halfway* ou se podem figurar em contextos em que serão funcionais e lexicais.

7.6.3 AS POSPOSIÇÕES *ehe* E *pe* EM OUTROS CONTEXTOS

De acordo com as definições esboçadas acerca de adposições funcionais, fica fácil perceber que, nos dados a seguir, as posposições *pe* e *ehe* pertencem à classe das preposições *dummy*, já que têm a função apenas

de realizar o Caso dativo. O principal motivo que corrobora esta afirmação refere-se ao fato de que o DP *awa* “homem” no exemplo, em (22), e *zawar iàkàg* “cabeça do cachorro”, em (23), são argumentos do predicado verbal *mono*, que é traduzido por “dar” e “colocar”, respectivamente.

- (22) *o-mo-no kuzə tirəm awa ø-pe aʔe*
 3-CAUS-ir mulher farinha homem C-por ele
 “A mulher deu farinha para o homem”
- (23) *o-mo-no kuzə o-po zawar i-əkəŋ r-ehe aʔe*
 3-CAUS-ir mulher CORR-mão cachorro POSS-cabeça C-em ele
 A mulher colocou sua mão na cabeça do cachorro.

Além disso, as posposições *pe* e *ehe* também ocorrem em ambientes sintáticos nos quais atuam como adposições lexicais. Esta afirmação está calcada na circunstância observada a seguir. Ou seja, como os predicados verbais *uzən* “correr” e *uʔar* “cair” são intransitivos, as posposições *pe* e *ehe* sozinhas lhes atribuem Caso oblíquo e papel temático, respectivamente. Observe os dados abaixo.

- (24) *uzən kwarer kaʔa ø-pe aʔe*
 3-correr menino mata C-por ele
 “O menino correu pela mata”
- (25) *u-ʔar tata hətəpijŋwer zawar r-ehe aʔe wə*
 3-cair fogo brasa cachorro C-em ela PL
 “As brasas caíram no cachorro”

Sendo assim, diante dos exemplos e das definições dadas, fica evidente que as posposições *pe* e *ehe* são classificadas como lexicais, funcionais ou híbridas, conforme o ambiente em que figurem. Sendo assim, não possuem uma classificação fixa, mas sim contextual. Na próxima seção, apresento o resumo do capítulo.

7.7 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, assumi que, em Tenetehára, os complementos das posposições deslocam-se para uma posição de especificador de uma categoria funcional acima de PP, com o intuito de checar o Caso oblíquo²⁵. Rotulei esta categoria funcional de FP. Com isso, foi proposta uma análise acerca da concordância estabelecida entre o núcleo do sintagma posposicional e seu complemento na língua Tenetehára.

Além disso, outra finalidade do capítulo foi investigar a diferença entre adposições lexicais, funcionais e híbridas, aplicando tal classificação aos ambientes em que figuram as posposições *ehe* “em” e *pe* “por”. Busquei responder esta questão em contextos de construções antipassivas e causativas indiretas. Adicionalmente, verifiquei se tais posposições emergem apenas em antipassivas e causativas indiretas. Assim, ficou evidente que as posposições *pe* e *ehe* podem sim aparecer em outros

²⁵ Para mais detalhes acerca do paralelismo entre a atribuição de Caso acusativo ao objeto de verbos transitivos e atribuição de Caso oblíquo ao complemento de posposições e de predicados nominais, ver Camargos & Castro (2013).

ambientes gramaticais. Neste sentido, podem ser classificadas como lexicais, funcionais e híbridas conforme o ambiente em que figurem. Por isso, não possuem uma classificação fixa, mas sim contextual. No próximo capítulo, descrevo as estruturas antipassivas na língua em análise.

Capítulo 8

Estruturas Antipassivas

Neste capítulo, a tese a ser avaliada é a de que os predicados transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, passam a exibir propriedades gramaticais idiossincráticas típicas de construções antipassivas, conforme se vê pelos dados a seguir:

- (1a) *u-pihik* *kuzə* *maʔeputir* *aʔe*
3_{NOM}-pegar mulher flor ela
“A mulher pegou a flor”
- (1b) *i-puru-pihik-wer* *kuzə* *maʔputir* ***r-ehe*** *aʔe*
3_{ABS}-APASS-pegar-DESID mulher flor **C-em** ela
“A mulher quer pegar a flor”

Como é possível notar, as construções citadas selecionam semanticamente dois argumentos nucleares, porém, exibem comportamento formal de sentenças intransitivas. Mais especificamente, os predicados figuram com morfologia intransitiva e o Caso abstrato do argumento interno não é valorado pelo verbo *ipurupyhykwer* “desejar pegar”, mas sim por meio da posposição *ehe*.

A visão predominante, especialmente na tipologia e na literatura da Gramática Relacional, é a de que antipassivas são construções derivadas na

qual o objeto é, de alguma forma, “rebaixado”, “demovido” ou “chômeur” (BAKER, 1988; CAMPBELL, 2000; COOREMAN, 1994; DAVIES and SAM-COLOP, 1990; DIXON, 1979; ENGLAND, 1988; KOZINSKY et al., 1988; MITHUN, 2000; PALMER, 1994; dentre outros). Todavia, tal visão, de acordo com Aldridge (2012), encontra dificuldades de ser acomodada dentro de uma análise sintática Gerativa, por causa do pressuposto de que “demoção” deve envolver um movimento transformacional de descida. Oriunda da perspectiva da Condição de Extensão (*Extension Condition*) de Chomsky (1995), cada operação de *merge* deve estender a derivação, não sendo possível movimentos descendentes. Mais recentemente, *a condição de não adulteração (No-Tampering Condition) também assegura que a conhecida teoria de cópia de movimento, a qual deixa inalterado o objeto no qual ela se aplica, forma um objeto estendido*” (CHOMSKY, 2005, p. 13)²⁶. Além dessa consideração teórica, seria ainda difícil identificar um possível local de pouso para um objeto demovido numa abordagem de natureza descendente em relação à antipassiva. Nessa linha de investigação, já que o objeto a ser rebaixado ou demovido é tipicamente o tema ou o paciente do verbo, é gerado como complemento desse predicado. Consequentemente, não se espera que haja uma posição c-comandada por tal DP objeto ao qual ele poderia tornar-se mais baixo.

²⁶ Tradução aproximada de: “The no-tampering condition also entails the so-called copy theory of movement, which leaves unmodified the objects to which it applies, forming an extended object.” (CHOMSKY, 2005, p. 13).

Diferentemente de uma abordagem de rebaixamento, Aldridge (2012) mostra que todas as características de antipassivas na língua Tagalog podem ser explicadas por meio do insucesso na promoção do objeto ao invés de sua demissão. Como um típico predicado intransitivo, o núcleo v^0 antipassivo não tem um traço de Caso a ser valorado, assim, o núcleo v^0 deve valorar o Caso absolutivo. Uma vez que o argumento externo é o primeiro DP no domínio de c-comando de v^0 , esse é o DP que receberá caso absolutivo. Por fim, com o intuito de o argumento interno receber Caso, evitando que a derivação fracasse, uma adposição fornece Caso oblíquo inerente ao argumento em questão.

O capítulo está estruturado em 4 seções. Na seção 8.1, apresento, de acordo com a tipologia linguística, as principais características de construções antipassivas nas línguas naturais. Na seção 8.2, forneço exemplos de construções antipassivas em Tenetehára procurando evidenciar que de fato elas podem receber tal classificação. Na seção 8.3, apresento minha proposta teórica dentro de uma abordagem gerativa. Por fim, na seção 8.4, apresento o resumo do capítulo. Começo, então, por tecer considerações acerca de propriedades de construções antipassivas nas línguas naturais.

8.1 A VOZ ANTIPASSIVA E AS LÍNGUAS NATURAIS

O termo antipassiva foi inicialmente proposto por Silverstein (1972) com a finalidade de indicar que essa construção é a imagem espelhada da voz passiva, da seguinte forma: na voz passiva, o constituinte suprimido ou demovido é o argumento externo, enquanto, na voz antipassiva, o participante suprimido ou demovido é o argumento interno, que em geral equivale ao argumento que recebe papel temático de paciente/afetado/tema. Além do mais, autores tais como Polinsk (2005) defendem a tese de que é muito comum a alternância transitiva/antipassiva gerar uma mudança da modalidade *realis* para a *irrealis*. De acordo com Givón (1984), *realis* é uma proposição fortemente comprovada como verdadeira, já o *irrealis* é apurado como incerto, provável ou possível.

De acordo com Silverstein (1972, p. 395), a antipassiva atua com uma equivalência inversa a uma passiva em línguas acusativas. Isto porque a antipassiva é um tipo de voz gramatical que exclui o objeto direto ou o inclui com Caso oblíquo. Esta construção é semelhante à voz passiva, na medida em que diminui a valência do verbo em um argumento. A voz passiva suprime o sujeito, e promove o objeto acusativo a um sujeito nominativo, já a voz antipassiva pode omitir o objeto, promovendo o sujeito agente ergativo a um sujeito absolutivo.

De acordo com propostas no âmbito da tipologia linguística, tal como defendido, por exemplo, em Givón (1993), assumo doravante que a

voz antipassiva é um tipo de construção que é originada a partir da alteração das funções gramaticais nucleares da sentença transitiva básica. Nesta operação, o objeto direto é introduzido na sentença com uma adposição. Já o sujeito pode engatilhar a mesma concordância que objetos e sujeitos intransitivos estabelecem com o verbo, alinhando-os. Em tais contextos, é muito comum que exibam o mesmo Caso desses argumentos. Por isso, em uma construção antipassiva, um argumento tal como o paciente, que comumente é realizado como um objeto direto em uma construção transitiva ativa pode ser tanto suprimido quanto realizado como um complemento oblíquo. Nesta linha de raciocínio, Maldonado (2004, p. 189) descreve uma construção antipassiva da seguinte maneira:

Como é bem conhecido, construções antipassivas são comumente encontradas em línguas predominantemente ergativas. Há boas razões para encontrá-las nesse tipo de línguas. Em línguas ergativas o nominal absolutivo constitui o trajector natural da sentença. Em linguagens acusativas o sujeito agente é o participante *default* mais proeminente. Tanto passivas quanto antipassivas tem a função de desenfatar o participante padrão mais proeminente na língua (Maldonado, no prelo), assim passivas diminuem a relevância do sujeito agentivo nominativo enquanto as antipassivas diminuem a importância do nominal não agentivo absolutivo²⁷.

²⁷ Tradução aproximada para: “As is well known, the antipassive construction is commonly found in ergative dominant languages. There are good reasons to find it in that type of languages. In ergative languages the absolute nominal constitutes the natural clause trajector. In accusative languages the agent subject is the default most prominent participant. Both passives and antipassives have the function of downplaying the most prominent default participant in the language (Maldonado in press), thus passives downplay the agentive nominative subject while the antipassive downplays the absolutive non-agentive nominal.”

Nos termos de Givón (1993), as vozes passiva e antipassiva estão mapeadas nos dois extremos na pragmática de detransitivização. Por conseguinte, o autor argumenta que a antipassiva contrasta com a versão transitiva, ao admitir que o objeto direto da transitiva seja introduzido com uma adposição. Além disso, a diferença primordial entre uma antipassiva e uma passiva é que, na última, o objeto direto é promovido a sujeito, enquanto na primeira, o objeto direto é promovido a oblíquo.

Já conforme Givón (1994, p. 8-9), podemos afirmar que a topicalidade relativa do agente e do paciente nas vozes ativa, inversa, passiva e antipassiva pode ser descrita da seguinte maneira:

- (a) **Voz ativa:** o agente é mais tópico do que o paciente, mas o paciente conserva uma topicalidade considerável.
- (b) **Voz inversa:** o paciente é mais tópico do que o agente, mas o agente retém considerável topicalidade.
- (c) **Voz passiva:** o paciente é mais tópico do que o agente, e o agente é extremamente não tópico, por isso pode ser suprimido ou demovido.
- (d) **Voz antipassiva:** o agente é mais tópico do que o paciente, e o paciente é extremamente não tópico, por isso pode ser suprimido ou demovido.

Em suma, a diferença fundamental entre os quatro tipos de vozes pode ser representada por meio do seguinte diagrama:

QUADRO 9
Topicalidade relativa do agente e do paciente

<i>Voz</i>	<i>Topicalidade relativa</i>
<i>Ativa</i>	agente > paciente
<i>Inversa</i>	agente < paciente
<i>Passiva</i>	agente << paciente
<i>Antipassiva</i>	agente >> paciente

FONTE: Givón, 1984, p. 162-163.

Segundo Givón (1984, p. 162, 163), o grau de topicalidade pode ser “definido por duas medidas exatas, uma avaliará o grau de continuidade/recorrência/previsibilidade do tópico em relação a seu ambiente discursivo anterior, a outra medida analisará o grau de importância/persistência do tópico no que se refere ao seu ambiente discursivo posterior²⁸”.

Os estudos acerca de construções antipassivas enumeram uma ampla série de características gramaticais referentes a esse fenômeno. Assim sendo, retomo algumas dessas propriedades com o propósito de deixar evidente que a sintaxe da língua Tenetehára, efetivamente, exhibe tais construções. Início, portanto, com os exemplos da língua Tagalog. De acordo com Aldridge (2012), nesta língua, as sentenças intransitivas devem

²⁸ Tradução aproximada de: “defined by two exact measures, one assessing the degree of continuity/recurrence/predictability of the topic vis-à-vis its preceding discourse environment, the other assessing the degree of the topic’s importance/persistence vis-à-vis its succeeding discourse environment” (GIVÓN, 1984).

segunda pessoa representado pelo morfema {-a-} e o DP absolutivo *a-na:n* “sua mãe”. Já na construção em (5b), a concordância é estabelecida apenas com o argumento externo absolutivo de segunda pessoa. Esta mudança no sistema de concordância está diretamente conectada ao fato de o predicado *yog* “zombar” receber o morfema antipassivo {-on}, cuja função é intransitivizar o verbo transitivo. Adicionalmente, o DP objeto passa a receber Caso oblíquo. Neste sentido, a construção antipassiva, ao intransitivizar um predicado intransitivo, realiza a função de alinhar morfologicamente um verbo intransitivo a um originalmente transitivo.

De acordo com Polinsk (2005), existe uma conexão entre estruturas antipassivas e a modalidade irrealis. De acordo com a autora, o uso de um verbo transitivo prototípico implica que o evento denotado por esse verbo causa uma mudança de estado no objeto participante. Assim, a função semântica do predicado antipassivizado é cancelar tal envolvimento do objeto. Isso se correlaciona com a marcação do paciente como complemento oblíquo. Os efeitos podem ser comparáveis com a alternância conativa do inglês, pelo qual o referente de um objeto é interpretado como afetado pelo processo verbal, diferentemente do complemento preposicional. A autora fornece os seguintes exemplos retirados de Levin (1993 p. 5-11):

- (6a) The hunter shot the bear (implica que o urso morreu)
- (6b) The hunter shot at the bear (o urso pode não ter sido afetado)
(LEVIN, 1993, p. 5-11)

Com o intuito de deixar evidente que existem contextos nos quais a voz antipassiva gera mudança aspectual, conforme a previsão de Polinsk (2005), apresento os exemplos a seguir a partir do Iucateque³⁰. Observe que a primeira construção figura na voz ativa, enquanto a segunda, na voz antipassiva. O que chama a atenção nestes exemplos é que a versão transitiva é télica, já na versão antipassiva/intransitiva o aspecto é atélico. Esta distinção evidencia-se, de forma particular, uma vez que o morfema que expressa o aspecto perfectivo {-ik} emerge somente na construção transitiva ativa em (7a).

(7a) *mà'alob'* *'a-tan-ik* *màayah*
 bem 2SG-falar-PERF Maia
 “Você fala maia bem” (BLIGHT, 2004, p. 113)

(7b) *mà'alob'* *'a-t'àan* *'itS* *màayah*
 bem 2SG-falar.APASS PREP Maia
 “Você fala maia bem” (BLIGHT, 2004, p. 114)

Desta forma, a previsão de que o aspecto gramatical pode ser condição fundamental para se determinar a alternância ativa/antipassiva parece ganhar sustentação adicional por meio da observação de que o morfema de aspecto figura apenas em construções ativas. Mais precisamente, é possível notar que construções antipassivas favorecem uma

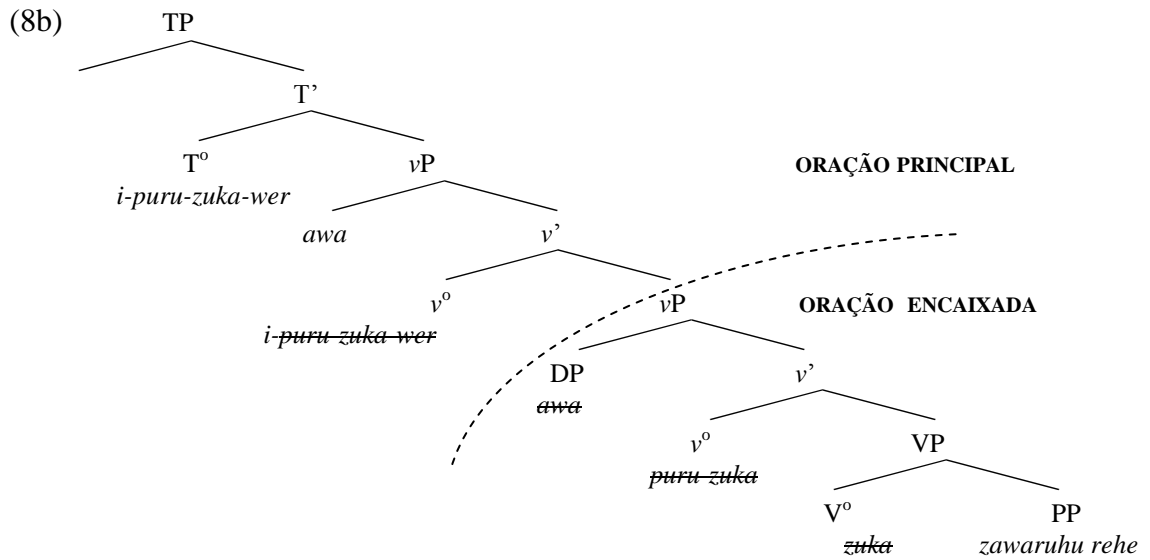
³⁰ Iucateque ou iucateco é uma das línguas indígenas da América do Norte. Ela pertence ao tronco maia, e é falada nas seguintes localidades: Península do Iucatão no México, norte do Belize e em partes da Guatemala. Esta língua permanece como a primeira língua de muitos habitantes dos estados mexicanos de Quintana Roo, Campeche e Iucatão.

leitura de que o evento é atílico, situação oposta a ocorrida nas construções ativas. Na próxima seção, mostro como, de fato, a língua Tenetehára possui estruturas com as características de antipassivas demonstradas anteriormente.

8.2 REALIZAÇÃO DA ANTIPASSIVA EM TENETEHÁRA

Na língua Tenetehára, as construções antipassivas têm um comportamento sintático similar ao das línguas apresentadas na seção anterior. Essas construções selecionam dois argumentos nucleares e possuem uma estrutura sintática interna encaixada que formalmente equivale a sentenças intransitivas, conforme é possível verificar pela estrutura sintática da sentença (8b) a seguir:

- (8a) *i-puru-zuka-wer* *awa* *zəwəruhu* *r-ehe aʔe*
3_{ABS}-APASS-matar-DESID homem onça **C-PSP** ele
 “O homem quer matar a onça”



A hipótese acima, que ficará ainda mais bem assentada na próxima seção, pode ser sustentada pelas seguintes razões: os predicados verbais antipassivizados exibem morfologia intransitiva e o argumento interno tem seu Caso abstrato valorado por uma posposição, e não pelo verbo. De acordo com Harrison (1985), Castro (2013) e Duarte, Camargos & Castro (2014), o fenômeno sintático de antipassivização em Tenetehára possui as seguintes propriedades sintáticas:

(9)

- (i) o predicado verbal apresenta o prefixo de voz antipassiva {*puru-*};
- (ii) o verbo deve engatilhar o sufixo desiderativo {-*wer*};
- (iii) o predicado verbal aciona o segundo paradigma de concordância;
- (iv) o DP objeto *a* recebe a posposição *ehe*, transformando-se num PP.

Com o intuito de exemplificar uma construção antipassiva em Tenetehára, compare os exemplos abaixo em que se pode observar o exemplo (10a), que exibe uma sentença transitiva, e o exemplo (10b), que apresenta a antipassiva correspondente.

- (10a) *u-haw* *awa* *kanek* *aʔe*
3_{NOM}-quebrar homem copo ele
 “O homem quebrou o copo”
- (10b) *i-puru-ha(w)-wer* *awa* *kanek r-ehe* *aʔe*
3_{ABS}-APASS-quebrar-DESID homem copo **C-em** ele
 “O homem quer quebrar o copo”

Descritivamente, observa-se que o dado em (10b) acima ilustra perfeitamente o padrão morfossintático descrito em (9), já que exibe as seguintes propriedades gramaticais:

- (11)
- (i) o verbo *haw* “quebrar” recebe o morfema antipassivo {*puru-*};
 - (ii) este verbo figura com o morfema sufixal desiderativo {-*wer*};
 - (iii) o verbo concorda com o sujeito *awa* “homem” mediante o prefixo {*i-*} da série absolutiva;
 - (iv) o objeto *kanek* “copo” recebe a posposição *ehe*.

Tendo em conta a forte semelhança entre a construção antipassiva do Tenetehára com as antipassivas apresentadas na seção anterior, assumirei,

doravante, que a construção em (10b) possui de fato propriedades de antipassivas. Uma evidência a favor dessa tese surge a partir do fato de que nas sentenças antipassivas a morfologia engatilhada alinha-se a sentenças cujo padrão é o da série absoluta, como por exemplo, construções com verbos descritivos, conforme é possível verificar por meio dos dados a seguir:

(12a) *he=ϕ-keneʔo* *katu* *ihe*
1SG_{ABS}=C-cansado ENF eu
 “Eu estou muito cansado”

(12b) *he=ϕ-puru-exak-wer* *kuzə* *r-ehe* *ihe*
1SG_{ABS}=C-APASS-ver-DESID mulher C-em eu
 “Eu quero ver a mulher”

Um fato bastante importante em relação às antipassivas em Tenetehára refere-se ao fato de que a hierarquia de pessoa torna-se irrelevante nessas orações. Tal padrão favorece a intuição de que essas estruturas comportam-se como as sentenças intransitivas na língua. Em decorrência dessa observação, o verbo antipassivo só pode estabelecer concordância com seu sujeito, ainda que o objeto seja mais alto na hierarquia de pessoa, como em (13d).

(13a) *ihe* *a-exak* *kuzə* *ihe*
1SG **1SG_{NOM}-VER** mulher eu
 “Eu vejo a mulher”

- (13b) *he=ϕ-puru-exak-wer* *kuzə* *r-ehe* *ihe*
1SG_{ABS}=C-APASS-ver-DESID mulher C-em eu
 “Eu quero ver a mulher”
- (13c) *he=ϕ-exak* *kuzə* *aʔe*
1SG_{ABS}-C-ver-FUT mulher ela
 “A mulher me vê”.
- (13d) *i-puru-exak-wer* *kuzə* *he=r-ehe* *aʔe*
3_{ABS}-APASS-ver-DESID mulher 1SG=C-em ela
 “A mulher quer me ver”

Observe que nos dados em (13b) e (13d) apenas os prefixos absolutivos podem ser engatilhados, muito embora a concordância seja estabelecida com o argumento externo, situação em que a hierarquia de pessoa é irrelevante. Já nos exemplos de (13a) e (13c), a hierarquia de pessoa é ativada para a concordância. Ou seja, o verbo concorda com o argumento mais alto na hierarquia de pessoa. Vale ressaltar que os prefixos da série I (nominativos) ocorrem somente se o verbo estiver na voz ativa (verbos transitivos), contextos nas quais a hierarquia de pessoa é ativada. Caso os prefixos nominativos sejam engatilhados em sentenças antipassivas, a construção torna-se agramatical, conforme mostram os dados a seguir:

- (14a) **a-puru-exak-wer* *kuzə* *r-ehe* *ihe*
1SG_{NOM}-APASS-ver-DESID mulher C-em eu
 “Eu quero ver a mulher”em
- (14b) **u-puru-exak-wer* *kuzə* *he=r-ehe* *aʔe*
3_{NOM}-APASS-ver-DESID mulher 1SG=C-em ela
 “A mulher que me ver”

Adicionalmente, os predicados verbais que recebem o morfema de voz antipassiva {*puru-*} engatilham a série de concordância idêntica à ocorrida com verbos inacusativos, de acordo com os dados a seguir:

- (15) *i-əkəzim* *kuzə* *aʔe*
3_{ABS}-desmaiar mulher ela
 “A mulher desmaiou”
- (16) *i-kuhem-katu* *zawar* *aʔe*
3_{ABS}-gemer-INTS cachorro ele
 “O cachorro gemeu muito”
- (17) *i-ərew-ete* *awa* *i-apo-haw-rəm* *aʔe*
3_{ABS}-demorar-INTS homem **3_{ABS}**-fazer-NOML-FUT ele
 “O homem demorou demais em fazer (algo)”

Outra evidência a favor de que as construções em análise são antipassivas decorre do fato de que só estruturas transitivas são capazes de receber o morfema {*ze-*}. Conseqüentemente, espera-se que construções antipassivas apresentem restrição semelhante às intransitivas no que se refere à capacidade de receberem ou não o item gramatical {*ze-*}. Esta intuição é comprovada por meio da agramaticalidade da sentença (18b).

- (18a) *u-ze-hej* *awa* *aʔe*
3_{NOM}-REFL-lavar homem ele
 “O homem se lavou”
- (18b) **i-ze-puru-hej-wer* *awa* *aʔe*
3_{ABS}-REFL-APASS-lavar-DESID homem ele
 “O homem quer se lavar”

(18c)	<i>*i-puru-ze-hej-wer</i>	<i>awa</i>	<i>aʔe</i>
	3 _{ABS} -APASS-REFL-lavar-DESID	homem	ele
	“O homem quer se lavar”		

A agramaticalidade das sentenças (18b) parece estar conectada com questões estritamente relativas à morfossintaxe, uma vez que não existe nenhuma restrição no nível semântico capaz de excluir tal derivação. O dado a seguir corrobora esta hipótese, tendo em vista que a morfossintaxe das construções antipassivas utiliza-se de outra estratégia que visa cobrir a reflexivização. Mais exatamente, nas configurações antipassivas, o morfema reflexivo {ze-} ocorre afixado antes da posposição e não do verbo, de acordo com o exemplo a seguir:

(18d)	<i>i-puru-hej-wer</i>	<i>awa</i>	<i>u-ze-ehe</i>	<i>aʔe</i>
	3 _{ABS} -APASS-lavar-DESID	homem	CORR-REFL-em	ele
	“O homem quer se lavar”			

A boa formação de (18c) revela que apenas os fatores de natureza morfossintática são capazes de impedir a ocorrência do reflexivo na morfologia do verbo antipassivo, uma vez que não existem razões de ordem semântica que as restrinjam. Nesta linha de investigação, a hipótese que assumo neste trabalho é que o morfema reflexivo pode ocorrer apenas em estruturas transitivas ativas, nunca em construções intransitivas e antipassivas.

O fato de a antipassivização constituir-se em um expediente de diminuição de valência verbal gera a expectativa de que apenas predicados transitivos possam ser antipassivizados. Esta previsão é de fato corroborada por meio do seguinte par de dados.

- (19a) *w-ata* *kwarer* *aʔe*
 3-andar menino ele
 “O menino andou”
- (19b) **i-puru-wata-wer* *kwarer* *aʔe*
 3_{ABS}-APASS-andar-DESID menino ele
 “O menino quer andar”

Assim, os predicados intransitivos devem passar por algum expediente de aumento de valência para que possam ser antipassivizados. Tais verbos, ao se transitivizarem tornam-se aptos a serem submetidos ao processo de antipassivização. Observe que, no exemplo (20a), o verbo *wata* “andar” passa a ser transitivo ao receber o morfema causativo direto {*mu-*} e, em (21a), tem sua valência aumentada já que coocorre com o morfema aplicativo comitativo {*eru-*}.

- (20a) *u-mu-ata* *awa* *kwarer* *aʔe*
 3_{NOM}-CAUS-andar homem menino ele
 “O homem fez o menino andar”
- (20b) *i-puru-mu-ata-wer* *awa* *kwarer* *r-ehe* *aʔe*
 3_{ABS}-APASS-CAUS-andar-DESID homem menino C-em ele
 “O homem quer fazer o menino andar”
- (21a) *w-eru-ata* *awa* *kwarer* *aʔe*
 3_{NOM}-APPL-andar homem menino ela
 “O homem andou com o menino”

- (21b) *i-puru-eru-ata-wer* *awa* *kwarer* *r-ehe* *aʔe*
 3_{ABS}-APASS-APPL-andar-DESID homem menino C-em ele
 “O homem quer andar com o menino”

É curioso notar que se pode adicionar morfologia desiderativa a verbos intransitivos, de acordo com os exemplos abaixo. Apesar disso, estes dados não se constituem em configurações antipassivas, tendo em vista que nem o morfema antipassivo {*puru-*} nem a posposição *ehe* figuram nessas construções.

- (22) *i-ata-wer* *kwarer* *aʔe*
 3_{ABS}-andar-DESID menino ela
 “O menino quer andar”

- (23) *i-ker-wer* *kuzə* *aʔe*
 3_{ABS}-dormir-DESID mulher ela
 “A mulher quer dormir”

Uma prova adicional de que as construções em análise neste capítulo são efetivamente antipassivas refere-se ao fato de que o argumento interno tem seu Caso valorado por uma adposição e não pelo verbo. Em conformidade com o dado (24b) abaixo, nota-se que, se a posposição não figurar na sentença, ela torna-se agramatical como em (24c). Tal fato deve-

se ao fato de que o argumento interno não recebe Caso, contrariando o Filtro de Caso (Chomsky, 1981:49³¹).

(24a) *w-exak* *Murari* *maʔeputir* *aʔe*
 3-ver Murari flor ela
 “Murari vê a flor”

(24b) *i-puru-exak-wer* *Murari* *maʔeputir* *r-ehe* *aʔe*
 ABS-APASS-ver-DESID Murari flor C-em ela
 “Murari deseja ver a flor”

(24c) **i-puru-exak-wer* *Murari* *maʔeputir* *aʔe*
 ABS-APASS-ver-DESID Murari flor ela
 “Murari deseja ver a flor”

A alternância entre as valências antipassiva e transitiva pode redundar em mudanças aspectuais. Por exemplo, de acordo com Spreng (2001), em relação à língua inuktitut, falada na ilha Baffin no Canadá, as construções transitivas são télicas, enquanto as antipassivas são atélicas. Em Tenetehára, a morfologia de desiderativo {-*wer*} nas configurações antipassivas fornece a interpretação imperfectiva (portanto, atélica), de acordo com o dado (25b).

(25a) *u-ʔu* *awa* *pakoʔa* *aʔe*
 3_{NOM}-comer homem banana ele
 “O homem comeu a banana”

(25b) *i-puru-ʔu-wer* *awa* *pakoʔa* *r-ehe* *aʔe*
 3_{ABS}-APASS-comer-DESID homem banana C-em ele
 “O homem quer comer a banana”

³¹ *NP if NP has phonetic content and has no Case. (CHOMSKY, 1981, p. 49).

Adicionalmente, a construção em (25a) refere-se a um *accomplishment* (cf. GIVÓN, 1994), uma vez que exibe duração e término delimitados. Em outras palavras, o evento é contínuo e télico. Por outro lado, no dado em (25b), o evento de “querer comer a banana” não implica que o evento chegou a um ponto culminante. Sendo assim, é atélico.

A fim de corroborar a análise de atelicidade em relação às construções com morfema {-*wer*}, apresento uma análise acerca do afixo instativo {-*sûér*} do Tupí antigo. Consoante Rodrigues (1953), o instativo “significa que o processo esteve a ponto de ser realizado, embora não o tenha sido” (RODRIGUES, 1953, p. 141). Adicionalmente, o autor fornece os seguintes exemplos:

(26a) *a-iuka-sûér*

1SG-matar-INSTT

“Estive a ponto de matá-lo, quase o matei”

(26b) *a-mano-sûér*

1SG-morrer-INSTT

“Quase morri”

(26c) *a-ar-ixûér*

1SG-cair-INSTT

“Estive na iminência de cair”.

Além disso, Rodrigues (1953) mostra que o morfema {-*sûér*} também se manifesta como um nominalizador de propensão em verbos intransitivos no Tupí antigo. De acordo com o autor, “forma-se um nome que indica quem tem gosto ou inclinação em realizar o processo, quem é

dado a realizá-lo.” (RODRIGUES, 1953, p. 148). Observe o seguinte exemplo:

- (27) *atá-sûér-a*
andar-PROP-ARG
“Indivíduo dado a andar, andeje” (RODRIGUES, 1953, p. 148)

Apesar de o morfema nominalizador {-sûér} também dar suporte à análise de atelicidade vista anteriormente, não nos parece que este seja o caso do Tenetehára. Isto porque nesta língua, as construções com {-wer}, mesmo com verbos intransitivos, geram construções verbais. Como pode ser visto no dado abaixo em que a morfologia de negação desengatilhada é o circunfixo de negação verbal {n(a)-...-kwaw} e não o item lexical de negação nominal {-ʔim}.

- (28) *na-ʔi-ho* *wer* *kwaw* *aʔe*
NEG-3-ir DESID NEG ele
“Ele não quer ir”

A seção seguinte tem o objetivo de propor uma análise teórica acerca das construções antipassivas em Tenetehára. Desenvolverei a hipótese de que as antipassivas envolvem um fenômeno de reestruturação, nos termos de Wurmbrand (1998).

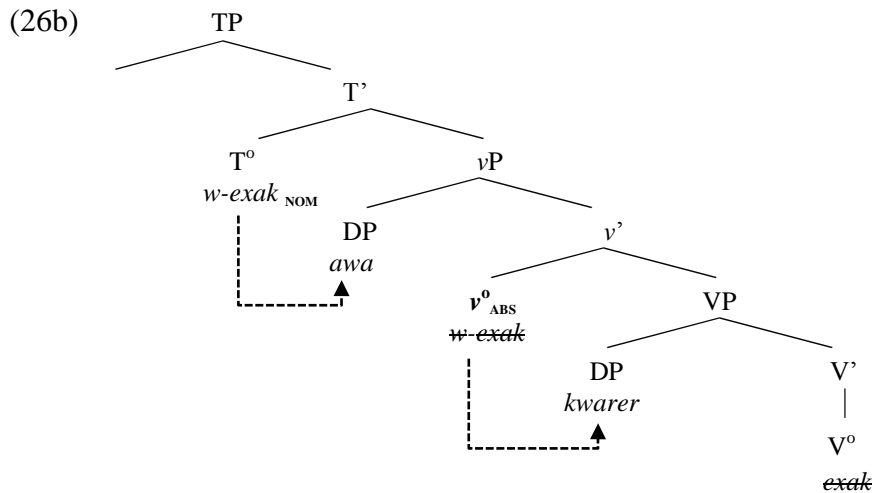
8.3 PROPOSTA TEÓRICA

Mostrei na seção anterior que as construções com o morfema {*puru-*} em Tenetehára exibem as mesmas características das construções antipassivas das línguas analisadas na seção 8.1. O comportamento universal intransitivo das antipassivas em Tenetehára é capturado pela análise de valoração de Caso e das relações de localidade que será desenvolvida na presente seção. Em resumo, minha proposta é a de que, nas construções antipassivas, a fonte de valoração do Caso abstrato é o núcleo v^0 , uma vez que o Caso atribuído é o Absolutivo. Detalho esta análise na próxima subseção.

8.3.1 VERBOS TRANSITIVOS

Em verbos transitivos, o núcleo T^0 possui um traço de Caso nominativo que será atribuído ao argumento externo. Já o núcleo v^0 possui, nesses verbos, um traço de Caso Absolutivo com qual irá valorar seu argumento interno. A fim de mostrar este mapeamento, apresento o seguinte dado com o predicado transitivo *exak* “ver” e seu respectivo diagrama:

(26a) *w-exak* *awa* *kwarer*
3-ver homem menino
“O homem vê o menino”.



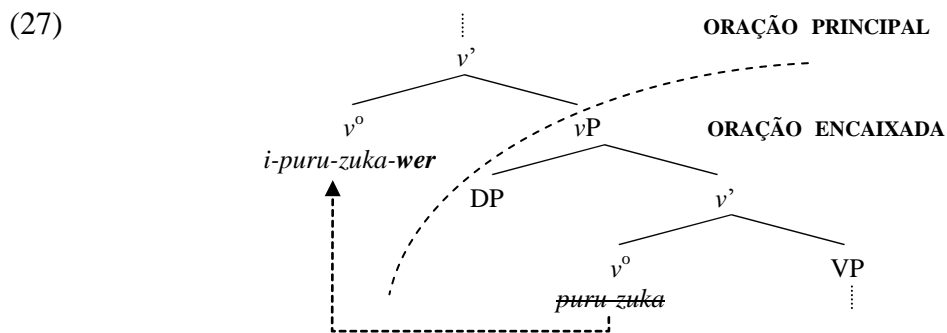
Observe que, no exemplo em (26a), o predicado transitivo *exak* “*ver*” figura como um verbo que seleciona dois argumentos nucleares: o DP sujeito *awa* “homem” e o DP objeto *kwarer* “menino”. O sistema de marcação de Caso é, nesse exemplo, o do primeiro paradigma. O Caso nominativo é valorado ao argumento externo pelo núcleo T^0 e o Caso Absolutivo é atribuído ao argumento interno por v^0 . Na próxima subseção averiguo a derivação de verbos antipassivos na língua em análise.

8.3.2 VERBOS ANTIPASSIVOS

Estou assumindo que as estruturas antipassivas em Tenetehára são resultado do fenômeno de reestruturação, nos termos de Wurmbrand (1998). Este fenômeno caracteriza-se basicamente pela manifestação de efeitos de transparência para determinados fenômenos sintáticos, em que há a

formação de um único domínio funcional. Além disso, é necessário observar que o fenômeno caracteriza-se basicamente pela manifestação de efeitos de transparência para determinados fenômenos sintáticos, em que há a formação de um único domínio funcional. Mais especificamente, em certas estruturas, alguns verbos ao se amalgamarem com os predicados verbais de seus complementos infinitivos passam a formar uma unidade sintática.

Neste sentido, o desiderativo {-*wer*} é a instanciação de um predicado verbal de reestruturação, cuja semântica é a de volição e desejo. O predicado verbal antipassivo é formado por meio da incorporação do núcleo v^0 da oração encaixada ao núcleo v^0 da principal, conforme é possível notar por meio do seguinte diagrama:

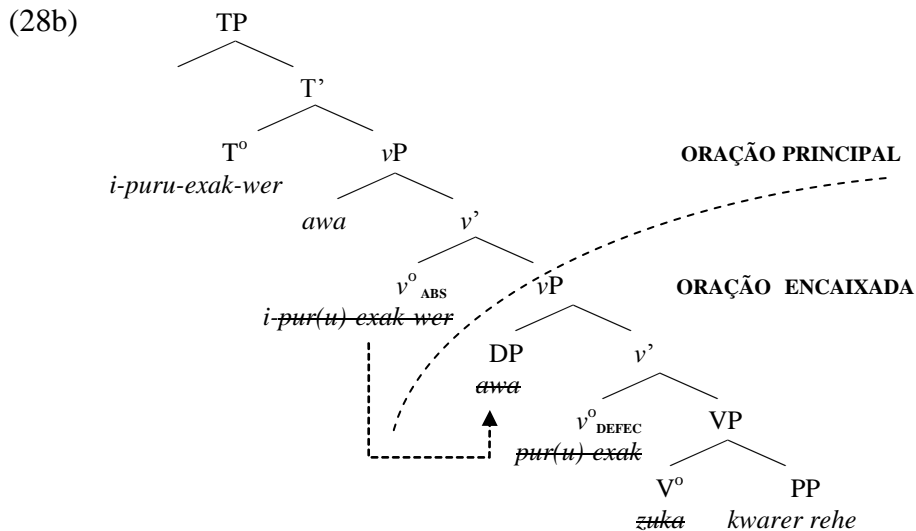


Em construções antipassivas, o núcleo encaixado v^0 é defectivo para o traço de Caso Absolutivo, devido à instanciação do morfema {-*puru*}. Destarte, este núcleo é incapaz de valorar o Caso abstrato do DP argumento interno. Por este motivo, o objeto é então dependente da posposição *ehe* para o Caso oblíquo inerente.

Além disso, o núcleo v^0 da oração principal irá valorar o traço de Caso absolutivo do DP *awa* “homem”, como um efeito de transparência. Ou seja, nas antipassivas, o predicado verbal infinitivo da oração encaixada amalgama-se ao morfema verbal $\{-wer\}$, que pertence ao domínio da oração principal. Com isso, os dois domínios passam a formar uma única unidade sintática. Mais especificamente, o núcleo v^0 encaixado incorpora-se ao núcleo v^0 da oração principal. O núcleo de vP da oração principal tem um traço de Caso Absolutivo e irá atribuí-lo para o argumento externo do complexo verbal. Sendo assim, todos os traços de Caso abstrato necessários para a derivação convergir são checados e enviados para *spell-out* e a derivação converge.

A fim de ilustrar as derivações pertinentes, proponho que, em (28), a presença do morfema antipassivo $\{-puru\}$ estabelece defectividade ao núcleo v^0 para o traço de Caso Absolutivo, por isso o DP objeto permanece interno ao VP. Assim sendo, de acordo com Duarte (2012), o DP sujeito *təmuɟ* “avô” recebe Caso absolutivo de v^0 , e o DP objeto *maʔerukwer* “carne” da oração inicial é então dependente da posposição *ehe* para o Caso oblíquo inerente.

(28a) *i-puru-mimoj-wer* *awa* *maʔerukwer* *r-ehe* *aʔe*
 3_{ABS} -APASS-cozinhar-DESID homem carne C-em ele
 “O avô deseja cozinhar a carne”



A hipótese de que o aspecto verbal é sensível à alternância ativa/antipassiva ganha sustentação, porquanto, em (28a), emerge o morfema de aspecto desiderativo {-*wer*}. Em (28a), o DP que corresponde ao objeto da oração original, agora encabeçado pela posposição *ehe* “em”, não é necessariamente afetado pela ação do DP sujeito *kwarer* “menino”. Ao final do mecanismo de valoração de Caso abstrato, o sistema de Caso do sujeito é alterado de nominativo para absoluto. Além do mais, a hipótese ganha reforço adicional com o exemplo agramatical a seguir, em que há a construção de voz antipassiva sem a ocorrência do morfema aspectual.

(28c) **i-puru-mimoj* *t-əmuj* *ma?erukwer* *r-ehe*
 ABS-APASS-cozinhar NP-avô carne C-em
 “O avô cozinha a carne”.

Já em verbos transitivos ativos, o núcleo T° atribui Caso nominativo ao argumento externo e o núcleo v° atribui Caso absoluto ao argumento

interno. Já em construções antipassivas, o núcleo encaixado v^o é defectivo para o traço de Caso Absolutivo, sendo, portanto, incapaz de valorar o Caso abstrato do DP argumento interno. Por isso, o objeto é dependente da posposição *ehe* para o Caso oblíquo inerente. Adicionalmente, o núcleo v^o da oração principal irá valorar o traço de Caso absoluto do DP argumento externo que foi movido para o domínio da oração principal como um efeito de transparência. Na próxima seção, apresento o resumo do capítulo.

8.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve por objetivo investigar estruturas antipassivas nas línguas naturais. Com isso, foi possível demonstrar que, em Tenetehára, predicados transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, passam a evidenciar propriedades gramaticais idiossincráticas típicas de construções antipassivas. Assim, pude demonstrar que a língua Tenetehára possui, de fato, estruturas com as características de antipassivas. Teoricamente, foi visto que, o núcleo T^o possui um traço de Caso nominativo que será atribuído ao argumento externo em verbos transitivos ativos. Já o núcleo v^o possui um traço Caso absoluto com o qual irá valorar seu argumento interno nesses verbos. Já em construções antipassivas, o núcleo encaixado v^o é defectivo para o traço de Caso absoluto, portanto este núcleo é incapaz de valorar o Caso abstrato DP argumento interno. Por este motivo, o objeto é então dependente da posposição *ehe* para receber Caso oblíquo inerente.

Além disso, o núcleo v^0 da oração principal irá valorar o traço de Caso nominativo do DP argumento externo movido da oração encaixada para a principal como um efeito de transparência. Assim, como o núcleo v^0 encaixado incorpora-se no núcleo v^0 da oração principal, é este que projeta o núcleo v^0 da oração como um todo o qual irá atribuir Caso nominativo para o argumento externo do complexo verbal. A seguir, teço as considerações finais desta tese.

Considerações finais

Nesta tese, apresentei algumas considerações a respeito do povo, da língua, do tronco linguístico, da família e do sub-ramo do qual a língua Tenetehára faz parte. Também retomei um pouco da história dos índios Tenetehára e seu sistema sonoro.

Além disso, exibi os sistemas de concordância e a cisão do sistema de caso na língua Tenetehára. O sistema de concordância é composto pelo sistema nominativo (série I) e o sistema absolutivo (série II). Mostrei que a língua exibe cisão de sistema de Caso condicionada por três fatores, a saber: (i) natureza semântica do DP, (ii) natureza semântica do verbo e (iii) o estatuto gramatical das orações, se a oração é principal ou subordinada.

Outro objetivo desta tese foi analisar construções transitivas que apresentam o objeto direto incorporado à raiz verbal. No capítulo referente à incorporação nominal, fiz uma breve retomada das propostas teóricas desenvolvidas por Hale e Keyser (1993, 2000) e por Baker (1988), respectivamente. Com isso, foi possível demonstrar que, em Tenetehára, há contextos de incorporação do objeto à raiz verbal transitiva. Propus que, em contextos de incorporação nominal, o reflexivo {*ze-*} sinaliza que o objeto incorporado deve possuir o traço semântico [+INALIENÁVEL]. Evidenciei, também, que nesta língua existem dois padrões de incorporação, uma em

que há diminuição de valência e outra em que não há diminuição de valência.

Mais um objetivo deste trabalho foi apresentar uma análise descritiva das estruturas causativas na língua em estudo. Acompanhando as análises de Castro (2007), Duarte & Castro (2010), Camargos (2013) e Castro & Camargos (2015), pretendi demonstrar que esta língua apresenta dois morfemas causativos, a saber: (i) o morfema {*mu-*}, que causativiza verbos inacusativos e inergativos, introduzindo uma causação direta; e (ii) o morfema {-*kar*} cuja função é causativizar verbos transitivos, introduzindo uma causação indireta, conforme Camargos (2013).

Outro foco de análise foi mostrar que, em Tenetehára, as construções que vêm marcadas por meio do morfema {-*ze*} podem ser classificadas como reflexivas, recíprocas ou anticausativas. Em termos descritivos, este morfema afixa-se apenas a verbos transitivos. Adicionalmente, busquei analisar as propriedades morfossintáticas e semânticas da coocorrência do prefixo {*ze-*} com os morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*}. Além disso, verifiquei como se dá o mecanismo de retomada anafórica, propus a ordem linear em que estes afixos ocorrem, verifiquei de que forma a semântica relacionada à dinâmica das forças perceptíveis no evento é sensível às derivações pertinentes e, por fim, investiguei sobre qual argumento recai a dinâmica do impacto das forças no evento em um verbo inacusativo/descritivo, por exemplo.

Adicionalmente, analisei o escopo morfossintático do sufixo {-har} na gramática da língua Tenetehára. O que observei é que este nominalizador cria nomes a partir de verbos transitivos, advérbios e posposições. Assim, constatei que os predicados verbais, os quais são nominalizados por meio do sufixo {-har}, comportam-se como os demais sintagmas nominais na língua, uma vez que podem exercer as funções sintáticas de sujeito, objeto e adjuntos. Estabeleci correlação do nominalizador {-har}, observado na língua Tenetehára, com o registrado em outras três línguas da família Tupí-Guaraní, a saber: o Asurini do Xingu (Ramo V), o Kamaiurá (Ramo VII) e o Parakanã (Ramo IV). Em suma, a comparação demonstrou que nestas línguas figuram um morfema nominalizador de agente e outro de circunstância. Como corolário disso, pode-se assumir que, em Tenetehára, existem dois morfemas {-har}, a saber: um nominalizador de agente e outro de circunstância. Já nas outras línguas Tupí-Guaraní analisadas foram codificadas por dois sufixos nominalizadores distintos, um para cada tipo de nominalização (agente e circunstância).

Ademais, investiguei o comportamento das posposições na língua Tenetehára. Tomando por base a teoria de checagem (cf. Chomsky, 1995), assumi que a construção de sintagmas posposicionais na língua Tenetehára possui um EPP forte o qual obriga o complemento a se mover, em sintaxe visível, para checar Caso oblíquo em Spec de PP. A concordância entre o DP movido e o núcleo P^o é evidenciada pelo acionamento dos prefixos

relacionais no núcleo do sintagma posposicional. Ainda no que se refere às posposições, apresentei a divisão tripartite das adposições, quais sejam: lexicais, funcionais e híbridas. Destarte, pesquisei as construções antipassivas e causativas indiretas com o intuito de classificar as posposições *ehe* “em” e *pe* “por” fundamentado na divisão mencionada. A proposta é que tais posposições serão híbridas em contextos de antipassivas e de causativas indiretas, mas em outros ambientes podem ser também tanto lexicais como funcionais.

Por fim, investiguei as construções desiderativas na língua Tenetehára. Com isso, foi possível demonstrar que predicados transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, passam a evidenciar propriedades gramaticais idiossincráticas típicas de construções antipassivas. Assim, pude mostrar que a língua Tenetehára possui, de fato, estruturas com as características de antipassivas. Teoricamente, foi visto que o núcleo T^0 possui um traço de Caso nominativo que será atribuído ao argumento externo em verbos transitivos ativos. Já o núcleo v^0 possui um traço Caso Absolutivo com o qual irá valorar seu argumento interno nesses verbos. Já em construções antipassivas, o núcleo encaixado v^0 é defectivo para o traço de Caso Absolutivo, portanto este núcleo é incapaz de valorar o Caso abstrato DP argumento interno. Por este motivo, o objeto é então dependente da posposição *ehe* para o Caso oblíquo inerente. Além disso, o

núcleo v^0 da oração principal irá valorar o traço de Caso abolutivo do DP argumento externo como um efeito de transparência.

Referências

ALDRIDGE, Edith. Antipassive and ergativity in Tagalog. *Lingua*, v. 122, n. 3, p. 192-203, fev, 2012.

BAKER, Mark. **Incorporation: a theory of Grammatical Function Changing**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BENDOR-SAMUEL, David (1972). **Hierarchical structures in Guajajára**. Norman: Summer Institute of Linguistics.

BERGSLAND, Knut. **A grammatical outline of the Eskimo Language of West Greenland**. Oslo: University of Oslo. Mimeo. (Microfiche, from: Inter-Dokumentation, Zug, Switzerland), 1955.

BLIGHT, Ralph Charles. **Head Movement, Passive and Antipassive in English**. 2004. 256f. Doctoral Thesis – Faculty of the Graduate School, University of Texas at Austin. Austin, 2004.

BOBALJIK Jonathan. **MIT working papers in linguistics**. Vol 19, pp. 45-88. Papers on Case & Agreement II, 1993.

BOUDIN, Max Henry. **Dicionário de Tupi Moderno: dialeto tembétênêthar do alto rio Gurupi**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1966.

BURZIO, Luigi. **Intransitive verbs and Italian auxiliaries**. PHD Dissertation, MIT, Cambridge, Mass, 1981.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. **Para onde foram os adjetivos em Tenetehára?** 2010. 60f. Monografia (Bacharel em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010, 60f.

_____. Análise fonológica do processo de reduplicação verbal em Tenetehára (Tupí-Guaraní). **Anais do ENELIN**. Pouso Alegre, UNIVÁS, 2011.

_____. **Estruturas Causativas em Tenetehára**: uma abordagem minimalista. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 190 f., 2013.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos. Paralelismo entre DP e CP a partir das nominalizações na língua Tenetehára. **Revista da Anpoll**, n. 34, p. 393-434, jan./jun. 2013.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Morfemas causativos nas línguas indígenas brasileiras*. **Revista Sociodialeto do Grupo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (GPESD – UEMS)**. Volume 5, Edição Nº 15 p. 198-218, maio, 2015.

CAMPBELL, Lyle. Valency-changing derivations in K'iche'. In: Dixon R., Aikhenvald, A. (Eds.), **Changing Valency: Case Studies in Transitivity**. Cambridge University Press, pp. 236-281, 2000.

CASTRO, Ricardo Campos. **Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 81 f., 2007.

_____. O epifenômeno da alternância de valência na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). **Revista da Anpoll**, n. 34, p. 347-391, jan./jun. 2013.

CARVALHO, Márcia Goretti Pereira. **Sinais de morte ou vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembé: contribuição ao estudo dos efeitos de contato linguístico na Amazônia Oriental**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS; ROSENBAUM (Orgs). **Readings in English transformational grammar**. Waltham: Braisdell, 1970.

_____. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **Some concepts and consequences of the theory of government and binding**. Cambridge: MIT Press, Mass, 1982.

_____. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. **The view from Building 20**. Cambridge, MIT Press, MASS, 1993.

_____. **The Minimalist Program**. Cambridge, MIT Press, MASS, 1995.

_____. **Derivation by phase**. Cambridge, MIT Press, MASS, 1999.

_____. Minimalist inquiries: The framework. In MARTIN, Roger, MICHAELS, David & URIAGEREKA, Juan (Orgs). **Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MIT Press, MASS, 2000, p. 89-115.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In KENSTOWICZ, Michael. **Ken Hale: A life in language**. Cambridge, MIT Press, MASS, 2001, p. 1-52.

_____. Three factors in language design. **Linguistic Inquiry**. 36(1). 2005.

COMRIE, Bernard. **Language universals and linguistic typology: syntax and morphology**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

COOREMAN, Ann. A functional typology of antipassive. In.: FOX, B.; HOPPER, P. (Orgs). **Voice: form and function**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994, p. 49-86.

DAVIES, William. Antipassive: Choctaw evidence for a universal characterization. In.: PERLMUTTER, David; ROSEN, Carol. **Studies in Relational Grammar**. Chicago: The University of Chicado, 1984.

DAVIES, William & SAM-COLOP, Luis Enrique. **Regularizing K'iche' verb agreement?**, typescript. University of Iowa, 1988.

DERBYSHIRE, Desmond C. **Word order universals and the existence of OVS languages**. *Linguistic Inquiry*, 1977, p. 590-599.

DIXON, Robert Malcolm Ward. Ergativity. **Language**, n. 55, 1979, p. 59-138.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Análise gramatical das orações da Língua Tembé**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

_____. Negação e movimento do verbo na língua Tembé. In.: **Encontro internacional do GT de Línguas Indígenas da ANPOLL**, 1., 2002, Belém. *Atas...* Belém: UFPA. 2002. p. 374-384.

_____. **Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria**. Tese de Doutorado em Linguística. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

_____. **Expressão da quantificação em Tenetehára.** Comunicação apresentada no I Encontro de Línguas e Culturas Tupí, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

DUARTE, Fábio Bonfim. Propriedades denotacionais dos prefixos {i-} e {h-} em Tenetehára. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 34, p. 1194-1199, 2005a.

_____. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. **Revista LIAMES**, Campinas, n. 5, pp. 111-142, 2005b.

_____. Manifestação de traços de tempo em D/NPS na língua Tenetehára. **Revista de Estudos Linguísticos do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo** 35, pp. 773-881, 2005c.

_____. **Estudos de morfossintaxe Tenetehára.** Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. Tenetehára: a predicate fronting Language. **The Canadian Journal of Linguistics**, v. 57, n. 3, p. 359-386, nov. 2012.

_____; CASTRO, Ricardo Campos. Inergatividade, estrutura causativa e incorporação nominal em Tenetehára. In CABRAL, Ana Suelly. RODRIGUES, Aryon. DUARTE, Fábio. (Orgs). **Línguas e Culturas Tupí.** Campinas: Curt Nimuendajú, 2010, pp. 43-62.

_____; CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos. Estruturas antipassivas em Tenetehára. **Revista Veredas** (UFJF. Online), v. 18, p. 318-341, 2014.

ENGLAND, Nora C. Mam Voice. In.: SHIBATANI, Masayoshi (Org.). **Passive and Voice.** Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 525-545, 1988.

FARIAS, Jair Gomes de. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. **Letras de Hoje.** Porto Alegre. v. 41, nº 1, p. 213-234, março, 2006.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction.** vol I. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

_____. **English Grammar: a functional-typological introduction.** vol. II. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1993.

_____. **Voice and Inversion**. Amsterdam: John Benjamins. 1994

GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história. O povo Tenetehára em busca da liberdade**. Editora Vozes. Petrópolis, 2002.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. (Orgs.) **The view from building 20**. Cambridge: MIT Press, 1993.

_____. **Prolegomenon to a theory of argument structure**. Cambridge: The MIT Press, 2002.

HARRISON, Carl. The interplay of causative and desiderative in Guajajara. **Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras**. UFPA, Belém, n. 4. 1985.

_____. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (Orgs.). **Handbook of Amazonian Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986, pp. 407-439.

HEATH, Jeffrey. Antipassivization: a functional typology. **Berkeley Linguistics Society**, v. 2, p. 202-211, 1976.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo e GROHMANN Kleanthes K. **Understanding minimalism, an Introduction to minimalist syntax**. June 30, 2004.

JACOBSON, Steven. **Yup'ik Eskimo Dictionary**. Alaska Native Language Center. Fairbanks. 1984.

JENSEN, Cheryl Joyse. Cross-Referencing Changes in Some Tupí-Guaraní Languages. In.: PAYNE, D. L. **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Texas Linguistics Series. Austin: University of Texas Press, 1990.

KAYNE, Richard S. **The antisymmetry of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1994.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo. Ed. Contexto, 2013.

KOZINSKY, Isaac; NEDJALKOV, Vladimir and POLINSKAJA, Maria. Antipassive in Chukchee. In: SHIBATANI, Masayoshi (ed). **Passive and Voice**, pp. 651-706. Amsterdam: John Benjamins. 1988.

LACADEMA, Alfonso. Antipassive Constructions in the Maya Glyphic Texts. **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, n. 30, p. 27-85, 2000.

LAKA, Itzar. **MIT working papers in linguistics**. Vol 18, pp. 149-172. Papers on Case & Agreement I., 1993.

LAZARD, Gilbert. Transitivity and markedness: the antipassive in accusative languages. In.: TOMIĆ, M. **Markedness in Synchrony and Diachrony**, Mouton de Gruyter, Berlin, 1989 pp. 309-331.

LECARME, Jacqueline. Tense in the nominal system: the Somali DP. **Studies in Afroasiatic grammar, selected papers from the second conference on Afroasiatic languages**. Sophia Antipolis: Holland Academic Graphics, pp. 159-178, 1996.

_____. Nominal tense and tense theory. IN: CORBLIN, Francis. DOBROVIE-SORIN, Carmen. JEAN-MARIE, Marandin (eds). **Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics**, The Hague: Holland Academic Graphics pp. 333-354, 1999.

LEITE, Yone. As construções causativas em Tapirapé. In: WETZELS, L. **Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos**, vol 3, 1994, pp. 73-86.

LEMON BARBOSA, Pe. **Curso de Tupi Antigo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

LEVIN, B. **English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LIDZ, Jeffrey. **Dimensions of Reflexivity**. Delaware: Universidade de Delaware, 1996. Doctoral thesis.

MÉRCIO, Pereira Gomes. **O índio na história. O povo Tenetehára em busca da liberdade**. Editora Vozes. Petrópolis, 2002.

MITHUN, Marianne. 2000. **Valency-changing derivation in Central Alaskan Yu'ik**. In: Dixon, R.M.W. & Alexandra Y. Aikhenvald (eds), pp. 84-114, 2000.

NEDJALKOV, Vladimir Petrovich. & SILNICKIJ, George. **The Typology of Morphological and Lexical Causatives**. In: Kiefer, F. Trends in Soviet Theoretical Linguistics. Dordrecht: Reidel. pp. 1-32, 1973.

NOLASCO, R. **What Philippine ergativity really means**. Baguio: University of the Philippines, 2009.

PALMER, Frank Robert. **Grammatical Roles and Relations**. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

PEREIRA, Antônia Alves. **Estudo morfossintático do Asurini do Xingu**. Tese de Doutorado em Linguística, Unicamp - Campinas-SP, 2009.

PEREIRA, Antônia Alves. A nominalização e as orações relativas no Asurini do Xingu (Tupi-Guarani). **Revista Liames**, Campinas, v. 10, p. 101-113, 2010.

POLINSKY, Maria. Antipassive constructions. In.: HASPELMATH, M.; DRYER, M. S.; GIL, D.; COMRIE, B. **The World Atlas of Language Structures**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

POSTAL, Paul. Antipassive in french. **Lingvisticae Investigationes**, v. 1, 1977, pp. 333-374.

PRAÇA, Walkíria Neiva. **Morfossintaxe da Língua Tapirapé (Família Tupi-guaraní)**. Brasília: Universidade de Brasília; Tese de Doutorado em Linguística, 2007.

PYLKKÄNEN, Liina. **Introducing Arguments**. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

_____. **Introducing Arguments**. Cambridge: MIT Press, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Morfologia do Verbo Tupí*. **Revista Letras** 1, 1953, pp. 121-152.

_____. Relações Internas na família lingüística Tupí-Guaraní. In: **Revista de Antropologia**, n. 19, 1984/1985, pp. 33-53.

_____. You and I = neither you nor I: the personal system of Tupinambá. In: PAYNE, Doris L. (Org). **Amazonian linguistics: Studies in lowland South American languages**. Austin: University of Texas Press, 1990. pp. 393-405.

_____. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras.** Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna, & CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. *Reverendo a classificação da família Tupí-Guaraní.* In: CABRAL, Ana Suelly & RODRIGUES, Aryon (Orgs). **Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História.** Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Editora UFPA, 2002.

SCHÄFER, Florian. **The syntax of (anti-) causatives: External arguments in change-of-state contexts.** Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2008.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: Língua Tupí-Guarani do Alto Xingu.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

SILVA, Gino Ferreira da. **Construindo um Dicionário Parakanã-Português.** Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2003, 154f.

SILVA, Tabita Fernandes. **História da língua Tenetehára: contribuições aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-guaraní do tronco Tupí.** Tese de Doutorado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

SILVERSTEIN, Michael. Chinook Jargon: Language Contact And The Problem Of Multi-Level Generative Systems. **Language**, 48, vol. 2, jun. 1972, pp. 378-406.

_____. Hierarchy of features and ergativity. In: DIXON, Robert M. W. (Org.). **Grammatical categories in Australian languages.** New Jersey: Humanities Press, 1976, pp. 112-171.

SMITH, Carlota. Jespersen’s ‘Move and Change’ Class and Causative Verbs in English. In: ALI JAZAYERY, Mohammad. POLOMÉ, Edgar C. and WINTER, Werner (eds). **Linguistic and Literary Studies In Honor of Archibald A. Hill.** vol. 2: Descriptive Linguistics. The Hague: Mouton. 1970, pp. 101–109.

SPENCER, Andrew. **Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar.** Blackwell Editor, 1991.

_____. Incorporation in Chukchi. **Language**, nº 71, vol 3, 1995, pp. 439-89.

SPRENG, Bettina. Little v in inuktitut: antipassive revisited. **Linguistica atlantica**, v. 23, 2001, pp. 155-190.

URIBE-ETXEBARRIA, Myriam. **On noun incorporation in Basque and some of its consequences in the phrase-structure**. Ms. U. Conn, Storrs, 1998.

VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. **João Guimarães Rosa: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís**. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1993.

WHALEY, Lindsay. **Introduction to typology: the unity and diversity of language**. London: Sage, 1997.

WURMBRAND, Susanne. **Infinitives**. Phd. Dissertation, MIT. 1998.